Coleção
MENSAGENS ESPIRITUAIS

KRISHNAMURTI

O LIBERTADOR DA MENTE

PRECES E MENSAGENS

LIVRO MARTIN CLARET CLIPPING

KRISHNAMURTI

O LIBERTADOR DA MENTE

Vocês têm alguma coisa para dizer aos seus semelhantes? Eles o escutam. Mas, antes de mais nada, nunca peçam para serem ouvidos. E muito menos para serem chamados *mestres*. Semeiem, e isto já será bastante. Não procurem colher. A colheita talvez não seja sua. Apenas o sol e a chuva são decisivos para as germinações frutíferas.

Eis o que se poderia dizer de Krishnamurti e de alguns outros semeadores de luz do nosso tempo e do passado. Com Krishnamurti acontece que esta liberdade de espírito faz parte do seu ensinamento: ele se recusa a ter discípulos e a constituir escola. Nem filósofo, nem pensador religioso, Krishnamurti poderia ser considerado como um acontecimento, um aviso disponível, como um fermento secreto nesta difícil preparação que é a arte de viver. Ele é desconcertante ao se expressar e permanece natural como o dia que nasce, a fim de ajudar aquele que quiser ser sem nunca fugir ao esforço que cada um de nós deve fazer para desabrochar em toda sã realidade, já que tantos véus se interpõem entre nós e a vida autêntica.

Krishnamurti explica, há várias décadas, sua maneira de compreender nossos problemas. E o faz como homem livre, só, sem se apegar voluntariamente a nenhuma organização. Sabemos que durante sua juventude toda uma operação

Barnum foi montada artificialmente para fazer dele um novo Messias, o grande enviado do século 20. E ele teve a coragem de desmoronar, sem o menor compromisso, todo o aparelho montado para o culto de sua personalidade, proclamando com uma voz suave e firme que os dogmas, ritos e burocracias religiosas só serviam para forjar novos grilhões, aumentando o número de tantos outros que nos impedem de ir adiante, e que a seita que se queria fundar em seu nome seria apenas mais um empecilho para a verdadeira libertação.

E Krishnamurti percorreu o mundo para dizer e repetir palavras duras e simples, clareando os caminhos desta verdadeira libertação.

Ele não prega, nem doutrina; não pede que se inclinem diante de suas mensagens; no fim de suas breves exposições ele se oferece sempre para as perguntas dos ouvintes. Suas respostas parecem muitas vezes desviar ao invés de entrar nas preocupações dos seus interlocutores. Prefere propor uma outra pergunta, como por exemplo: — mas por que você se pergunta, e me pergunta sobre isso? E de uma maneira viva, não sem humor, ele destrói até a raiz o objeto da questão, provocando antes de tudo uma reflexão útil do que formulando respostas clássicas.

Krishnamurti é um libertador da nossa própria mente.

CAPA
Ilustração
Fernando Rebello

MIOLO
Revisão
Marileide Pereira Gomes

Direção de Arte
José Duarte T. de Castro

Digitação
Celina V. Marques

Editoração Eletrônica
Bypress Comunicação Ltda.

Fotolitos em
Editoração Eletrônica
ERJ Informática Ltda.

Papel
Off-Set 87x114x75g

Impressão e Acabamento
Cromoset Gráfica e Editora

Editora Martin Claret Ltda. - R. Alegrete, 62 - Bairro Sumaré - Caixa Postal 9.897
CEP 01254-010 - Tel: (011) 262-8144 - Fax: (011) 263-7146 - São Paulo - SP

Agradecemos a todos os nossos amigos e colaboradores – pessoas físicas e jurídicas – que deram as condições para que fosse possível a publicação deste livro.

Este livro foi composto e impresso no Brasil no inverno de 1997.

Índice

A espiritualização do ser humano

Martin Claret

As grandes mensagens espirituais e os autênticos movimentos culturais, convocando mudanças sociais e espirituais, sempre foram uma constante na história da evolução humana.

Faz parte da natureza humana aspirar e compartilhar uma melhor qualidade de vida biológica, social e espiritual. O ser humano, através dos tempos e apesar dos obstáculos quase intransponíveis, caminha para sua verdadeira realidade existencial — um ser espiritual.

Erich Fromm, no livro *Revolução de Esperança,* de 1968, previu uma "nova frente", um movimento cultural que combinasse a vontade de uma profunda modificação social com uma nova perspectiva transcendental; seu objetivo era a espiritualização de um mundo tecnológico.

Na década de 70, a cientista social e pesquisadora norte-americana Merilyn Ferguson, autora do *best-seller* mundial *A Conspiração Aquariana,* realizou um amplo levantamento estatístico para verificar o tipo e o grau de interesse das pessoas por assuntos de cultura geral. O resultado revelou que o maior interesse era por mensagens e doutri-

nas voltadas para a espiritualidade.

Na conclusão da pesquisa, a drª Ferguson escreveu estas esclarecedoras palavras: "O espírito de nossa época se encontra cheio de paradoxos. É, ao mesmo tempo, pragmático e transcendental. Dá valor, simultaneamente, ao esclarecimento e ao mistério... ao poder e à humildade... à interdependência e à individualidade... Ao mesmo tempo, é político e apolítico. Os que o apóiam e o negam incluem os que são irrepreensíveis aliados do sistema e radicais que já desfilaram portando cartazes de protesto.

Na história recente, 'este espírito' contaminou a medicina, a educação, as ciências sociais e as ciências puras, e até mesmo os governos, com suas implicações. Ele é caracterizado por organizações fluídas, relutantes em criar estruturas hierárquicas, avessas aos dogmas. Baseia-se no princípio de que a mudança pode ser facilitada, mas não dirigida. Não produz manifestos. Parece ser dirigido a algo muito mais velho. E talvez, por integrar magia e ciência, arte e tecnologia, obterá êxito onde todos os outros falharam."

Em todos os tempos, em todos os países, em todas as línguas, uma revolução silenciosa está em marcha. A essência desse movimento são as mensagens, doutrinas e ensinamentos de profetas, santos, educadores, cientistas, políticos, terapeutas, homens e mulheres divinamente inspirados e empenhados na transformação da condição humana.

* * *

Esta coleção de livros, intitulada — Mensagens Espirituais — é um esforço e um instrumento cultural com o objetivo de reunir e difundir, em forma de livros, as mensagens espirituais, filosóficas e educacionais ditadas por seres especiais, que vieram ao mundo para iluminar o caminho da Humanidade.

Nomes antigos como Buda, Krishna, Jesus, Lao-Tsé, Mao-

mé, e outros mais recentes como São Francisco de Assis, Tagore, Mahatma Gandhi, Krishnamurti, Maomé, Allan Kardec, Teilhard de Chardin, Chico Xavier, João Paulo II, Huberto Rohden e outros estarão presentes na coleção, proporcionando ao leitor uma visão de mundo filosófica e religiosamente mais correta.

Na verdade, esses mensageiros nunca disseram que iriam caminhar por nós, eles tão-somente ensinaram e iluminaram o caminho que *nós* devemos caminhar. Sua maior pedagogia é o exemplo. Aliás, Mahatma Gandhi, o apóstolo da não-violência declarou literalmente esse princípio educacional, ao afirmar: "Eu não tenho mensagem — a minha mensagem é a minha própria vida."

A Editora Martin Claret tem tradição de ser uma empresa cuja linha editorial está voltada para o espiritual. A maioria de seus livros é sobre autoconhecimento, auto-realização e o desenvolvimento do ser humano. Esta coleção é mais um esforço educacional para oferecer aos leitores brasileiros as mensagens dos grandes iluminados que viveram e ainda vivem neste Planeta.

Ao criarmos esta coleção de livros, não tivemos preferência pessoal ou preconceito religioso, racial, filosófico ou político. Aqui, todas as mensagens tem igual peso e medida.

Estamos colocando, neste projeto editorial, toda nossa energia, nosso tempo e nosso recurso financeiro com a convicção de que, neste ato de esperança e humanismo, possamos contribuir com nossa parte, na grande construção da felicidade humana.

Verdadeiramente um só objetivo nos guia e energiza nosso ideal — servir à Humanidade.

Krishnamurti e sua obra

(Texto preparado especialmente pela Instituição Cultural Krishnamurti)

Jiddu Krishnamurti nasceu em maio de 1895, em Madanapalle, perto de Madrasta. (Jiddu é seu nome de família, mas é costume entre os hindus usar-se o nome dado.) Sendo o oitavo filho homem de uma família de brâmanes, recebeu, de acordo com a tradição, o nome de Krishnamurti, em honra de Shri Krishna, uma divindade outrora encarnada num oitavo filho. Sua mãe morrera em 1905, e o pai, servidor civil aposentado e velho teosofista, ofereceu, em 1908, os seus serviços à Sociedade Teosófica. Aceita a oferta, tornou-se secretário-assistente e, no ano seguinte, foi com os quatro filhos sobreviventes, dos quais Krishnamurti era então o segundo, residir no *compound* [1] de Adyar, sede da Sociedade Teosófica, a poucas milhas de Madrasta. Charles W. Leadbeater, um dos chefes da S.T., residente em Adyar, logo notou Krishnamurti e, posteriormente, a Sra. Annie

[1] *Compound:* Na Índia — terreno cercado no qual há uma casa, edifícios anexos, etc., habitado principalmente por estrangeiros.

Besant, presidenta da Sociedade, convenceu-se, tal como o seu colega, de que o menino estava destinado a tornar-se um grande instrutor espiritual. A Sra. Besant, com o consentimento do pai de Krishnamurti, tomou-o sob sua tutela e diligenciou para educá-lo e instruí-lo.

Em janeiro de 1911, fundou-se em Adyar a Ordem da Estrela do Oriente, com Krishnamurti na qualidade de chefe, uma organização cujos membros preparavam a si próprios e ao mundo para o advento do Instrutor do Mundo. Era crença da Sra. Besant e de Leadbeater que todos os grandes Instrutores religiosos foram guiados por um mesmo Grande Ser, o *Lord Maitreya,* que, de 2 mil em 2 mil anos, mais ou menos, se manifestava em encarnação humana, através de um veículo escolhido. Os membros da Estrela do Oriente acreditavam firmemente que Krishnamurti era o veículo escolhido pelo *Lord Maitreya* para sua próxima manifestação.

Em 1911, Krishnamurti, já com quase dezesseis anos de idade, foi trazido para a Inglaterra pela Sra. Besant, com seu irmão mais novo, Nityananda, para ser educado particularmente e preparado para sua futura missão de Instrutor do Mundo. Para tal, considerou-se essencial que seu corpo se tornasse altamente sensível e imune a todas as influências embrutecedoras, e purificado por um estrito regime alimentar. De natureza extremamente acanhada e retraída, nos primeiros anos, ele se mantinha completamente no segundo plano. Sua grande dedicação à Sra. Besant tornou-lhe fácil aceder aos seus desejos.

Krishnamurti ficou na Inglaterra durante toda a duração da guerra de 1914-18, mas, em 1920, foi para Paris, onde aprendeu a falar fluentemente o francês, e posteriormente, em 1921, a Sra. Besant, estando toda empenhada em atividades políticas, em prol da Índia, chamou-o para Adyar, a fim de iniciar a árdua carreira de orador público. A princípio, o falar em público lhe foi uma verdadeira agonia e ele gaguejava e hesitava muito. Seu atual domínio

da palavra é o fruto de anos de prática.

Em 1922, foi pela primeira vez à Austrália, onde realizou conferências públicas, e em seguida à Califórnia. Aí, no belo vale do Ojai, cerca de quinze milhas distante de Los Angeles, encontrou um paraíso natural e uma felicidade e liberdade entre os jovens americanos que nunca dantes conhecera. Em agosto do mesmo ano de 1922, passou por uma profunda experiência espiritual que lhe deu, pela primeira vez, a certeza de sua missão.

Entretanto, na Holanda, o barão van Pallandt van Erde colocara à disposição de Krishnamurti o seu belo castelo perto de Ommen e 5 mil acres de terras. Não querendo Krishnamurti aceitá-los como dádiva pessoal, formou-se um sindicato para administrá-lo em benefício de seu trabalho. A partir de 1924 e até o começo da Segunda Guerra Mundial, realizava-se todo verão, em Ommem, uma concentração a que Krishnamurti comparecia mantendo todas as noites "palestras ao redor do fogo" ante auditórios de 2 e 3 mil pessoas, representantes de numerosos países e nacionalidades. (Posteriormente o castelo e as terras foram devolvidos ao barão.) Em 1926, adquiriram-se mais de 450 acres, no vale de Ojai, mediante subscrição organizada pela Sra. Besant, e Ojai tornou-se para Krishnamurti outro centro de trabalho, onde, até 1966, se promoveram reuniões nas quais dirigia a palavra a enormes auditórios.

Desde 1926, mais ou menos, muitos dos seguidores de Krishnamurti começaram a notar, com desgosto, que ele já não tinha nenhuma intenção de ajustar-se ao padrão que para ele fora estabecido. Começava a dizer coisas assustadoramente novas e perturbadoras, que lhes tiravam de sob os pés a velha base. Em números cada vez maiores, os membros da Ordem viam que se tornava mais e mais difícil conciliar a sua real personalidade com as próprias idéias preconcebidas de um misto de meigo Jesus e Buda, de um superteosofista que lhes repetisse banalidades cediças e facilmente compreensíveis e lhes indicasse com precisão a

melhor maneira de servi-lo. Por ele estavam prontos a morrer e não esperavam que lhes dissesse que pensassem por si próprios e não obedecessem a nenhuma autoridade externa. Assim, para muitos milhares de pessoas foi um choque tremendo quando, em 3 de agosto de 1929, no acampamento da Estrela, em Ommen, em presença da Sra. Besant e de uns 2 mil membros da Estrela, ele dissolveu a Ordem, que existia havia dezoito anos. (Após a sua dissolução, o acampamento de Ommen foi franqueado ao público e o número de participantes ascendeu a 3 mil.) Abaixo citamos, em parte, o que ele disse naquela ocasião:

"Eu sustento que a verdade é uma terra não trilhada e que não a alcançareis por nenhum caminho, nenhuma religião, nenhuma seita... não quero seguidores. Digo-o a *sério*... Um repórter de jornal considerou então um ato espetacular dissolver uma organização que contava milhares e milhares de membros. Perguntou ele: "Que ireis fazer depois, como ireis viver? Não tereis discípulos, ninguém mais quererá escutar-vos". Se houver apenas cinco pessoas que queiram escutar, que queiram *viver*, que tenham a face voltada para a eternidade, será suficiente. De que serve ter milhares que não compreendem, completamente imbuídos de preconceitos, que não desejam o novo, mas preferem traduzi-lo ao gosto de seus egos estéreis, estáticos?... Desejo que todos os que queiram compreender-me sejam livres, não para me seguirem, não para fazerem de mim uma gaiola que se torne uma religião, uma seita. Deverão, antes, estar livres de todos os temores — do medo da religião, do medo da salvação, do medo da espiritualidade, do medo do amor, do medo da morte, do medo da própria vida. Durante dezoito anos vos estivestes preparando para este acontecimento — a Vinda do Instrutor do Mundo —, durante dezoito anos vos estivestes organizando, à espera de alguém que vos desse novo deleite ao coração e à mente, que vos transformasse inteiramente a vida... E vede

agora o que está acontecendo.... quereis novos deuses, em lugar dos velhos, novas religiões, em lugar das velhas, — tudo isso igualmente sem valor, tudo barreiras, limitações, muletas... Estais acostumados a ser informados sobre os progressos que tendes feito, sobre a vossa situação espiritual. Quanta infantilidade! Quem, senão vós mesmos, pode dizer-vos se sois feios ou belos interiormente? Todos vós estais na dependência de outrem, para vossa espiritualidade... Após acurada reflexão, tomei esta deliberação de dissolver a Ordem. Não se trata de um impulso momentâneo... Durante dois anos, estive refletindo a esse respeito, com vagar, cuidadosa e pacientemente. Podeis formar novas organizações e ficar à "espera" de outro. Não é esse o meu interesse, tampouco a criação de novas gaiolas ou de novas decorações para as gaiolas. O que me interessa é, tão só, tornar os homens absoluta e incondicionalmente livres".

Isso aconteceu há mais de quarenta anos e, desde então, Krishnamurti continuou a viajar pelo mundo, pregando, debatendo, concedendo entrevistas. Às suas palestras públicas comparecem auditórios cada vez maiores — a uma reunião em Bombaim, em 1970, estiveram presentes 8 mil pessoas. Recentemente falou em várias universidades da América, e a pequenos grupos de estudantes na Europa, Índia e América. Possui um mínimo de bens pessoais; para a "Krishnamurti Foundation" da Inglaterra, da Índia e da América, contribuíram com os necessários fundos os interessados em seu trabalho, sendo que a fundação paga suas despesas pessoais. Desde que chegou à maioridade, nunca permaneceu em lugar nenhum mais do que uns poucos meses (a não ser durante os anos da guerra) e não se considera pertencente a nenhum país, nacionalidade ou cultura, embora para suas viagens possua um passaporte indiano. Depois de 1961, só tem ficado mais tempo em Saanen, Suíça, onde todo verão se realiza uma concentração à qual aflui um público procedente de todas as partes

do mundo, para ouvi-lo e com ele debater, por um período de seis semanas. Ainda em 1972, em julho, ele teve ocasião de falar em Saanen a um grande auditório.

Em setembro de 1969, realizou-se a primeira reunião de Brockwood Park, a bela propriedade do Hampshire adquirida pela "Krishnamurti Foundation" para centro de seu trabalho. Essa reunião de Brockwood, com palestras e debates, deverá tornar-se um acontecimento anual. E, de fato, em setembro de 1972 ele fez, lá, excelentes palestras sobre o tema primordial da vida e do ser humano. Em setembro de 1969, inaugurou-se em Brockwood Park uma escola internacional para estudantes de quinze e mais anos de idade. A educação constitui naturalmente a principal preocupação de Krishnamurti, pois é o condicionamento das crianças na estreiteza da nacionalidade, cor, raça e religião que ele considera tão nociva ao indivíduo e, por conseguinte, à sociedade. Há dois centros educativos na Índia, em Rajghat e Rishi Valley, que ele visita anualmente.

Não alterou o seu propósito declarado de tornar os homens incondicionalmente livres — dos temores e limitações que separam o homem do homem. Mantém-se firme na determinação de não nos permitir que evitemos a nossa responsabilidade pela fealdade do mundo que nós mesmos criamos. (Não é a própria vida que ele acha feia. Mostra-se sumamente sensível à beleza natural, e a vê com olhos de poeta.) "O mundo está em nós", diz ele, com efeito — e em nós mesmos encontraremos as causas da desordem em que o pusemos, avidez, nacionalismo, competição, intolerância, egoísmo de toda espécie. Não tem nada de confortador para oferecer; vermos a nós mesmos com "demolidora" clareza no espelho que põe diante de nós não é algo que propicie conforto. Muitos se afastaram dele para procurar, em outro lugar, uma imagem mais lisonjeira de si próprios; mas os que tiverem a coragem de olhar e continuar a olhar poderão ver operar-se uma maravilhosa transformação interior. Porque, em verdade, a men-

sagem de Krishnamurti, levando-nos ao "autoconhecimento", muito pode contribuir para a interna tranqüilidade de cada um de nós, para a felicidade do homem.

Não é, entretanto, objetivo desta apresentação dar explicações acerca do atual "ensino" de Krishnamurti, se é que se pode usar tal palavra. Esse ensinamento, é impossível sintetizá-lo ou interpretá-lo.

* * *

J. Krishnamurti , o renomado mestre espiritual, divulgou sua mensagem em conferências e em numerosos livros, dentre os quais se destacam os seguintes, que fazem parte do catálogo da Editora Cultrix: *Comentários Sobre o Viver*; *Diálogos Sobre a Vida*; *A Educação e o Significado da Vida*, *Diário de Krishnamurti*; *Liberte-se do Passado*; *A Primeira e a Última Liberdade* e outros.

Nesta nova série, serão publicados os seguintes títulos:

- Sobre Deus
- Sobre relacionamentos
- Sobre a vida e a morte
- Sobre o modo correto de ganhar a vida
- Sobre conflitos
- Sobre aprendizagem e conhecimento
- Sobre amor e solidão
- Sobre a mente e o pensamento

Prefácio de *A Primeira e última liberdade*

Aldous Huxley

O homem é um anfíbio que vive simultaneamente em dois mundos — o mundo da realidade e o mundo por ele próprio fabricado — o mundo da matéria, da vida e da consciência, e o mundo dos símbolos. Quando pensamos, fazemos uso de grande variedade de sistemas de símbolos: lingüísticos, matemáticos, pictóricos, musicais, ritualísticos. Sem esses sistemas de símbolos, não teríamos arte, nem ciência, nem lei, nem filosofia, nem sequer os rudimentos da civilização; em outras palavras, seríamos animais.

Os símbolos, portanto, são indispensáveis. Como demonstra, porém, farta e claramente a história de nossa época e de todas as outras épocas, os símbolos também podem ser fatais. Considere-se, por exemplo, de um lado o domínio da ciência, e do outro, o domínio da política e da religião. Pensando de acordo com um conjunto de símbolos e agindo em reação a ele, chegamos a compreender e a governar, em escala modesta, as forças elementares da natureza. Pensando de acordo com outro conjunto de símbolos e agindo em relação ao mesmo, utilizamos estas forças como instrumentos de massacre e de suicídio coletivo. No primeiro caso, os símbolos interpretativos foram bem selecionados, submetidos a cuidadosa análise e adaptados progressivamente aos fatos emergentes da existência física. No segundo caso, os símbolos, originariamente mal escolhidos, nunca foram submetidos a uma análise completa e nunca reformulados para se harmonizarem com os fatos emergentes à existência humana. Pior do que isso, esses símbolos enganosos

foram sempre tratados em toda parte com respeito totalmente injustificável, como se, por alguma razão misteriosa, fossem mais reais do que as realidades a que se referiam. Nos contextos da religião e da política, as palavras não são consideradas como representações, mais ou menos inadequadas, de coisas e fatos; ao contrário, coisas e fatos são considerados como ilustrações específicas de palavras.

Até agora, os símbolos só têm sido usados realisticamente nas esferas de atividades que não nos parecem de suma importância. Em todas as situações em que são atingidos nossos impulsos mais profundos, estamos habituados a empregar os símbolos, não só irrealisticamente, mas até de modo idolátrico e insano. Como resultado, temos sido capazes de cometer, a sangue-frio e por largos períodos de tempo, atos de que os irracionais só são capazes no paroxismo do furor, do desejo ou do medo. Porque empregam e adoram símbolos, tendem os homens a tornar-se idealistas e, como idealistas, a transformar a intermitente avidez do animal no espetacular imperialismo de um Rhodes ou de um J. P. Morgan; a intermitente ferocidade do animal,no Estalinismo ou na Inquisição espanhola; o intermitente apego do animal aos seus domínios nos frenesis planejados do nacionalismo. Por felicidade, são também capazes de transformar a intermitente ternura do animal na caridade incansável de toda a vida de uma Elizabeth Fry ou um Vicente de Paula; a intermitente dedicação do animal a seu companheiro e seus filhotes naquela cooperação racional e persistente que até hoje se tem provado forte bastante para salvar o mundo das conseqüências desastrosas da outra espécie de idealismo. Conservará ela o poder de salvar o mundo? Esta pergunta não pode ser respondida. Só se pode dizer que, com os idealistas do nacionalismo na posse da bomba atômica, as probabilidades em favor dos idealistas da cooperação e da caridade têm declinado consideravelmente.

Nem o melhor livro de cozinha pode substituir o pior dos jantares. O fato parece óbvio. E, entretanto, temos visto, através das idades, os filósofos mais profundos, os mais eruditos e penetrantes teólogos incidirem constantemente no erro de identificarem com os fatos suas construções puramente verbais, ou no erro mais atroz ainda de imaginarem os símbolos mais reais do que as coisas que representam. Esse endeusamento da palavra não passou sem protesto. "Só o espírito", diz São Paulo, "dá vida; a letra mata". "E por que", pergunta Eckhart, "por que tagarelais tanto a respeito de Deus? Tudo o que dizeis de Deus é falso". Na outra extremidade do mundo, o autor de um dos Mahayana-Sutras afirmava que a verdade "nunca foi pregada por Buda, porque temos de descobri-la dentro de nós mesmos". Tais asserções foram consideradas profundamente subversivas e desdenhadas pela gente respeitável. Esta estranha e idolátrica exageração do valor das palavras e dos emblemas perdurou irrefreada. Declinaram as religiões, mas o velho hábito de formular credos e de impor a crença em dogmas tem subsistido até entre os ateístas.

Nos últimos anos, lógicos e semânticos procederam a uma análise muito meticulosa dos símbolos em função dos quais os homens desenvolvem o pensamento. A lingüística tornou-se uma ciência e hoje se pode até estudar a matéria a que o falecido Benjamin Whorf deu o nome de metalingüística. Tudo isso constitui notável contribuição, mas não basta. A lógica e a semântica, a lingüística e metalingüística são puras disciplinas intelectuais. Analisam as várias maneiras, corretas e incorretas, significativas e não significativas, em que as palavras podem ser relacionadas com coisas, processos e fatos. Mas nenhuma orientação oferecem em referência ao problema mais fundamental das relações do homem na sua totalidade psicofísica, de um lado, e com seus dois mundos, o dos fatos e o dos símbolos, de outro lado.

Em todos os países e em todos os períodos da História,

o problema tem sido resolvido repetidas vezes por homens e mulheres, individualmente. Mesmo falando ou escrevendo, esses indivíduos jamais criaram sistemas, porque sabiam que todo sistema representa uma tentação constante a encarar os símbolos com excesso de seriedade, a dar mais atenção às palavras do que às realidades que supostamente representam. Nunca foi seu alvo oferecer explicações e panacéias para uso geral, e sim induzir as pessoas a diagnosticarem e a curarem seus próprios males, levá-las ao ponto em que o problema humano e sua solução se apresentam diretamente à experiência.

Neste volume de seleções dos escritos e das palestras registradas de Krishnamurti, encontrará o leitor uma exposição clara e atual do básico problema humano, juntamente com um convite a resolvê-lo pela única maneira pela qual pode ser resolvido: pelo próprio indivíduo e em seu próprio benefício. As soluções coletivas, a que muitos se apegam com tanta fé, nunca são adequadas. "Para se compreender a miséria e a confusão existentes em nós mesmos e, portanto, no mundo, temos de encontrar dentro de nós mesmos a clareza que nasce do pensar correto. Tal clareza não se presta à organização, pois não podemos permutá-la entre nós. O pensamento de grupo organizado é puramente maquinal. A clareza não é resultado de asserção verbal, mas de intenso autopercebimento e correto pensar. O pensamento correto não é produto ou mero cultivo do intelecto, nem é, tampouco, conforme a padrão algum, por mais digno e nobre que este seja. Ele vem com o autoconhecimento. Se não vos compreenderdes, não tereis base para pensar; sem autoconhecimento, o que pensais não é verdadeiro."

Este tema fundamental é desenvolvido por Krishnamurti em passagens sucessivas. "Pode-se ter esperanças nos homens, mas não na sociedade nem em sistemas religiosos organizados; só em vós e em mim." As religiões organizadas, com seus intermediários, seus livros sagrados, seus

dogmas, hierarquias e rituais, só podem oferecer uma solução falsa para o problema básico. "Quando citais o Bagavad-gita, ou a Bíblia, ou algum livro sagrado chinês, é bem certo que só estais repetindo, não é? E o que estais repetindo não é a verdade. É mentira, porque a verdade não pode ser repetida." A mentira pode ser ampliada, aventada, repetida, mas a verdade não. Quando se repete a verdade, ela deixa de ser verdade, e por esse motivo os livros sagrados não têm importância. É pelo autoconhecimento, e não pela crença nos símbolos de outra pessoa, que o homem alcança a realidade eterna, na qual se alicerça seu próprio ser. A crença na perfeita eficácia e no valor superlativo de qualquer sistema de símbolos não leva à libertação, e sim à repetição da História, aos mesmos desastres passados. "A crença separa, inevitavelmente. Se tendes uma crença, ou se buscais segurança em vossa crença particular, acabais separado daqueles que buscam a segurança noutra forma de crença. Todas as crenças organizadas baseiam-se na separação, ainda que preguem a fraternidade." O homem que resolveu satisfatoriamente o problema de suas relações com os dois mundos, o dos fatos e o dos símbolos, é um homem sem crenças. Em relação aos problemas da vida prática, ele se serve de uma série de hipóteses operacionais, que correspondem aos seus fins, mas não são levadas mais a sério do que qualquer outra espécie de utensílio ou instrumento. Em relação aos seus semelhantes e à realidade em que se radicam, tem ele as experiências diretas do amor e da intuição. Foi para proteger-se das crenças que Krishnamurti nunca "leu literatura sagrada, nem o Bagavad-Gita nem os Upanishades". Nós outros não lemos sequer livros sagrados; lemos nossos jornais e revistas favoritos e novelas políticas. Isto é: não queremos resolver a crise do nosso tempo com o amor e a intuição, porém com fórmulas, com sistemas — e fórmulas e sistemas bastante precários, por sinal. Mas "os homens de boa

vontade não devem ter fórmulas", porque as fórmulas, inevitavelmente, só levam a um pensar cego". É quase universal a submissão às fórmulas, o que é inevitável, "pois nosso sistema de educação está baseado em o que pensar, e não em como pensar". Crescemos como membros crentes e militantes de alguma organização — como comunistas, cristãos, muçulmanos, hinduístas, budistas, ou discípulos de Freud. Conseqüentemente, "vós reagis ao desafio, que é sempre novo, de acordo com um velho padrão e por esse motivo vossa reação não tem a correspondente eficácia, originalidade, frescor. Se reagis como católico ou comunista, estais reagindo, não é verdade? —, em conformidade com um pensamento padronizado. Vossa reação, por conseguinte, não tem significado. E não foi o hinduísta, o muçulmano, o budista quem criou esse problema? Assim como a nova religião é a idolatria do Estado, a velha era a idolatria de uma idéia". Se reagis a um desafio de acordo com o velho condicionamento, vossa reação não vos habilitará a compreender o desafio novo. Por conseqüência, "o que é preciso fazer para enfrentar o novo desafio é despojar-se completamente, desnudar-se de todos os conhecimentos e experiências, para enfrentar-se o desafio de maneira nova". Em outras palavras: os símbolos nunca deveriam ser elevados à categoria de dogmas, e nenhum sistema ser considerado como mais do que um recurso provisório. A crença nas fórmulas e a ação conforme com tais crenças não nos podem levar à solução do nosso problema. "Só pela compreensão criadora de nós mesmos existirá um mundo criador, um mundo feliz, um mundo sem idéias." O mundo em que não existissem idéias seria um mundo feliz, porque seria um mundo livre das poderosas forças condicionadoras que impelem os homens a empreenderem ações impróprias; um mundo livre dos dogmas consagrados com que justificam os piores crimes e se racionalizam com perfeição consumada as maiores loucuras.

A educação que não nos ensina a pensar, mas só *o que*

pensar, é uma educação que requer uma classe governante de pastores e senhores. Mas "a idéia de guiar alguém é anti-social e antiespiritual". Ao homem que a exerce, a liderança traz a satisfação do seu desejo de poder e, aos que são guiados, a satisfação do desejo de certeza e de segurança. O guru fornece uma espécie de ópio. Mas, perguntar-se-á: "E que estais vós fazendo? Não estais atuando como nosso guru?" — "Ora", responde Krishnamurti, "eu não estou procedendo como vosso guru, porque, antes de tudo não vos estou proporcionando nenhuma satisfação. Não vos estou prescrevendo o que deveis fazer, de momento em momento ou de dia em dia, mas só vos estou mostrando uma coisa; podeis levá-la ou deixá-la aqui, e isso depende de vós e não de mim. Não vos peço coisa alguma, nem vossa veneração, nem vossa lisonja, nem vossos insultos, nem vossos deuses. Eu digo: aqui está o fato; levai-o ou deixai-o ficar. E a maioria de vós o deixará ficar, pela razão muito óbvia de nele não encontrardes satisfação".

Afinal, que nos oferece Krishnamurti? Que é isso que podemos levar, se quisermos, mas que muito provavelmente preferiremos deixar? Não é, como já vimos, um sistema de crença, um catálogo de dogmas, um conjunto de ideais e noções para uso geral. Não é liderança, nem intercessão, nem orientação espiritual, nem exemplo sequer. Não é um ritual, uma igreja, um código, nem enaltecimento ou qualquer espécie de lengalenga inspirativa.

Será autodisciplina? Não, porque, na realidade, a autodisciplina não é a maneira de resolver nosso problema. Para encontrar a solução, deve a mente abrir-se à realidade, enfrentar a evidência dos mundos exterior e interior, sem preconceitos ou restrições. ("O culto de Deus é liberdade perfeita. Reciprocamente, a perfeita liberdade é culto de Deus.") Tornando-se disciplinada, a mente não sofre modificação radical; é o mesmo "eu", porém atado, mantido sob controle.

A autodisciplina acrescenta-se à lista das coisas que Krishnamurti *não* oferece. Será a oração o que ele oferece? Mais uma vez, a resposta tem de ser negativa. "A oração poderá trazer-nos a resposta que desejamos; mas essa resposta pode proceder do nosso inconsciente, ou do reservatório geral, do depósito de todos os nossos desejos. A resposta não é a voz silenciosa de Deus." "Considerai", continua Krishnamurti, "o que acontece quando rezais. Pela constante repetição de certas frases e pelo controle dos vossos pensamentos, a mente se torna tranqüila. Ou vos ajoelhais, como os cristãos, ou vos sentais como os hinduístas, e ficais repetindo, repetindo, e em virtude dessa repetição a mente se torna tranqüila. Nessa tranqüilidade, recebe-se uma comunicação. Essa comunicação, que rezamos para receber, pode proceder do inconsciente, ou pode ser a reação de nossas memórias. Mas, por certo, não é a voz da realidade, porque a voz da realidade tem de vir a vós; não lhe podemos dirigir invocações e preces. Não podemos atraí-la para nossa estreita gaiola, pela prática de *puja,* de *bhajan,* por meio de propiciações, da repressão, da emulação. Uma vez aprendido o artifício de quietar a mente, pela repetição de palavras, e, nesse estado de tranqüilidade, receber sugestões, existe o perigo — a menos que estejamos plenamente vigilantes, para vermos de onde procedem essas sugestões — de ficarmos presos nessa armadilha, tornando-se a oração um substituto para a busca da verdade. O que pedis, obtereis; mas não é a verdade. Se desejais, e pedis, recebereis, mas tereis de pagar seu preço, no fim."

Passando da oração à Yôga, vemos que ela é outra das coisas que Krishnamurti não oferece. Porque Yôga é concentração, e concentração é exclusão. "Construís uma muralha de resistência pela concentração num pensamento que escolhestes, e procurais repelir todos os outros pensamentos." O que em geral se chama meditação é mero "cultivo da resistência, da concentração exclusiva numa

idéia de vossa escolha". Mas o que vos faz escolher? "O que vos faz dizer que uma coisa é boa, verdadeira, nobre, e o resto não?" — A escolha, evidentemente, baseia-se no prazer, recompensa, ou preenchimento; ou é apenas uma reação do nosso condicionamento ou tradição. Por que escolhemos? Por que não examinamos cada pensamento? Quando muitas coisas nos interessam, por que escolhemos uma só? Por que não examinamos cada interesse? Por que não deixamos de criar resistência, examinando cada interesse que surge, em vez de nos concentrarmos numa só idéia, num interesse único? Afinal, somos constituídos de muitos interesses, temos muitas máscaras, consciente ou inconscientemente. Por que escolhemos um único interesse, rejeitando todos os outros e consumindo todas as nossas energias no combatê-los, criando assim resistência, conflito e atrito? Se, ao contrário, consideramos cada pensamento que se manifesta — cada pensamento e não só uns poucos pensamentos — não haverá exclusão. É muito difícil, porém, examinar cada pensamento. Porque, enquanto o consideramos, um outro pensamento se insinua. Mas, se estivermos cônscios, sem esforço para dominar ou justificar, veremos que, pelo simples observar daquele pensamento, não há intrusão de nenhum outro. Só quando condenamos, comparamos, cotejamos, se insinuam outros pensamentos.

"Não julgueis, para que não sejais julgados." Este preceito evangélico não se aplica menos a nossos atos relativos a nós mesmos do que a nossos atos relativos aos outros. Onde há julgamento, cotejo e condenação, falta receptividade mental e nem pode haver libertação da tirania dos símbolos e dos sistemas, nem é possível a fuga ao passado e ao ambiente. A introspecção com um propósito predeterminado, o auto-exame segundo o padrão de algum código tradicional, algum sistema de postulados consagrados, nada disso pode ajudar-nos. Há uma transcendental espontaneidade da vida, uma "Realidade

Criadora", como a chama Krishnamurti, a qual só se revela como imanente quando a mente do observador está em estado de "vigilante passividade", de "percebimento sem escolha". O julgamento e a comparação nos condenam irrevogavelmente à dualidade, à conciliação dos opostos, numa total compreensão e num total amor. *Ama et fac quod vis.* Se amais, podeis fazer o que quiserdes. Mas se começas por fazer o que quereis ou o que não quereis, em obediência a algum tradicional sistema de noções, ideais e proibições, nunca chegareis a amar. O processo libertador deve começar com o "percebimento sem escolha" daquilo que desejais e das vossas reações ao sistema de símbolos que vos diz se deveis ou se não deveis querê-lo. Graças a esse "percebimento sem escolha", ao penetrar ele as sucessivas camadas do "ego" e do seu aliado subconsciente, virá o amor e a compreensão, mas de uma ordem diferente da que em geral conhecemos. Esse percebimento sem escolha — a cada momento e em todas as circunstâncias da vida — é a única meditação eficaz. Todas as outras formas da Ioga conduzem ao "pensamento cego" que resulta da autodisciplina, ou a uma certa espécie de transporte, provocado pela pessoa, uma determinada forma de falso *samadhi*. A verdadeira libertação é "uma liberdade interior da realidade criadora". "Ela não é um dom", tem de ser descoberta e experimentada. Não é uma aquisição que se acrescentará à pessoa, para sua glorificação. É um "estado de ser" silencioso, em que não há "vir a ser", onde há existência completa. Essa potência criadora pode não buscar, necessariamente, expressão; não é um talento que exige manifestação externa. Não é preciso ser grande artista ou ter muitos ouvintes; se buscais tais objetivos, deixareis de encontrar a realidade interior.

Ela não é nem um dom, nem produto do talento. Ele pode ser encontrado, esse tesouro imperecível, quando o pensamento se liberta da avidez, da malevolência e da ignorância, quando se liberta da mundanidade e da ânsia

pessoal de ser. Pode ser experimentado pelo pensar correto e pela meditação correta. O percebimento de si mesmo, sem escolha, leva à realidade criadora, que se oculta debaixo de nossos destrutivos embustes; leva à tranqüila sabedoria, sempre existente, apesar de nosso saber, que é apenas ignorância, sob outra forma. O saber é um conjunto de símbolos e, na maioria das vezes, um obstáculo à sabedoria, ao descobrimento do "eu", de momento em momento. A mente que alcançou a serenidade da sabedoria "conhecerá o ser, saberá o que é amar. O amor não é pessoal nem impessoal. Amor é amor, que não pode ser definido ou descrito pela mente como exclusivo ou inclusivo. O amor é sua própria eternidade; é o real, o supremo, o imensurável".

J. Krishnamurti

Fritjof Capra

Um dos primeiros contatos diretos que tive com a espiritualidade do Oriente foi meu encontro com J. Krishnamurti no final de 1968. Quando ele proferiu uma série de palestras na UC de Santa Cruz, estava com setenta e três anos e a sua aparência era absolutamente estonteante. Seus traços indianos bem marcados, o contraste entre a pele escura e os cabelos brancos impecavelmente penteados, a elegância dos trajes europeus, a dignidade do semblante, o inglês medido e perfeito, e — acima de tudo — a intensidade da concentração e a presença dele deixaram-me encantado e perplexo. *Os ensinamentos de Don Juan*, de Carlos Castañeda, acabara de ser publicado, e ao ver Krishnamurti não pude deixar de comparar sua aparência com a da figura mítica do sábio *yaqui*.

O impacto do carisma e da aparência física de Krishnamurti foi intensificado e aprofundado pelas coisas que

disse. Pensador muito original, rejeitava toda autoridade espiritual e todas as tradições espirituais. Seus ensinamentos eram muito semelhantes aos do budismo, mas ele jamais empregava algum termo budista ou de qualquer outro ramo de pensamento tradicional do Oriente. A tarefa a que se propusera (usar a língua e o raciocínio racional para levar seus ouvintes além da linguagem e do uso da razão) era extremamente difícil, mas o modo como ele se desincumbia dela era impressionante.

Krishnamurti escolhia algum problema existencial bem conhecido — medo, desejo, morte, tempo — como tópico de uma palestra, e principiava a falar usando palavras parecidas com estas: "Entremos nisso juntos. Não vou lhes dizer nada, não possuo autoridade alguma; vamos explorar essa questão juntos". Em seguida, mostrava a futilidade de todos os modos convencionais para se eliminar, por exemplo, o medo, e perguntava, lenta e intensamente, com um senso acurado do impacto dramático de suas palavras: "É possível que vocês, neste exato momento, aqui neste lugar, possam se livrar do medo? Não suprimi-lo, não negá-lo, nem opor resistência a ele, mas sim eliminá-lo de uma vez por todas? Esta será a nossa tarefa hoje à noite, eliminarmos o medo por completo, de uma vez por todas. Se não conseguirmos isso, minha palestra terá sido em vão".

A cena já estava armada; a platéia, arrebatada, dominada pelo enlevo, e absolutamente atenta. "Examinemos então a questão", prosseguia Krishnamurti, "sem julgarmos, sem condenarmos, sem justificarmos. O que é o medo? Examinemos isso juntos, vocês e eu. Vejamos se conseguimos realmente nos comunicar, estar no mesmo plano, na mesma intensidade, no mesmo momento. Usando-me como espelho, será que vocês conseguirão encontrar a resposta a esta pergunta extraordinariamente importante: o que é medo?" E Krishnamurti passava então a tecer uma teia imaculada de conceitos. Mostrava que, para compreendermos o medo, temos de compreender o desejo; que para

compreendermos o desejo, temos de compreender o pensamento; e consecutivamente com o tempo, o conhecimento, o ser, e assim por diante. Apresentava uma análise brilhante de como tais problemas existenciais básicos estão inter-relacionados — não na teoria, mas na prática. Krishnamurti não só confrontava cada membro da platéia com os resultados de sua análise, como também instava e convencia cada um a se envolver no processo de análise. No final, ficava uma sensação nítida e forte de que o único meio para se resolver qualquer um de nossos problemas existenciais é ir além do pensamento, além da linguagem, além do tempo — é "libertar-se do conhecido", como diz no título de um de seus melhores livros, *Freedom from the known*.

Lembro-me de que fiquei fascinado, mas também profundamente perturbado, com as palestras de Krishnamurti. Após cada uma delas, Jacqueline e eu permanecíamos acordados durante várias horas, sentados junto à nossa lareira, discutindo o que Krishnamurti dissera. Esse foi meu primeiro encontro direto com um mestre espiritual radical, e logo me vi em face de um grave problema. Eu mal iniciara uma promissora carreira científica, com que estava bastante envolvido emocionalmente, e então vinha Krishnamurti, com todo o seu carisma e persuasão, dizendo para eu parar de pensar, para eu me libertar de todo o conhecimento, para eu deixar o raciocínio lógico para trás. O que isso significava no meu caso? Deveria desistir da carreira científica nesse estágio inicial, ou deveria continuá-la, abandonando toda esperança de alcançar a auto-realização espiritual?

Eu ansiava por me aconselhar com Krishnamurti, porém ele não permitia nenhuma pergunta em suas palestras e recusava-se a receber quem quer que fosse depois delas. Fizemos diversas tentativas para vê-lo, mas foi-nos dito, com firmeza, que Krishnamurti não queria ser perturbado. Foi uma feliz coincidência — ou não? — que finalmente nos propiciou um encontro com ele. Krishnamurti tinha

um secretário francês e, após a última palestra, Jacqueline, que nasceu em Paris, conseguiu estabelecer um diálogo com esse homem. Eles se entenderam bem e, como resultado, terminamos por encontrar com Krishnamurti em seu apartamento na manhã seguinte.

Senti-me um tanto intimidado quando finalmente vi o mestre cara a cara, mas não quis perder tempo. Eu sabia por que estava ali. "Como posso ser um cientista", perguntei-lhe, "e ainda assim seguir seu conselho para interromper o pensamento e libertar-me do conhecido?" Krishnamurti não hesitou sequer um instante. Ele respondeu à minha pergunta em dez segundos, e de um modo que resolveu completamente o meu problema. *"Primeiro você é um ser humano"*, disse ele, *"e depois* um cientista. Antes você tem de se tornar livre, e essa liberdade não pode ser atingida por meio do pensamento. Ela é atingida pela meditação — a compreensão da totalidade da vida, em que cessam todas as formas de fragmentação." Uma vez que eu alcançar tal compreensão da vida como um todo, explicou, poderia me especializar e trabalhar como cientista sem problema algum. E evidentemente nem se cogitava na abolição da ciência. Passando para o francês, Krishnamurti acrescentou: *"J'adore la science. C'est merveilleux!"*

Após esse rápido mas decisivo encontro, só vi Krishnamurti de novo seis anos depois, ao ser convidado, juntamente com vários outros cientistas, a participar de uma semana de discussões com ele em seu centro educacional no Brockwood Park, ao sul de Londres. Sua aparência ainda era extremamente marcante, embora houvesse perdido um pouco da intensidade. No decorrer daquela semana fiquei conhecendo Krishnamurti muito melhor, inclusive alguns de seus defeitos. Quando falava, ele ainda era muito poderoso e carismático, mas fiquei desapontado pelo fato de jamais podermos realmente incluí-lo numa discussão. Ele falaria, mas não se disporia a ouvir. Por outro lado, mantive muitas discussões excitantes com

meus colegas cientistas — David Bohm, Karl Pribram e George Sudarshan, entre outros.

Depois disso praticamente perdi contato com Krishnamurti. Nunca deixei de reconhecer sua influência decisiva sobre mim, e com freqüência ouvia falar dele por meio de várias pessoas; porém, não compareci a nenhuma outra palestra sua, nem li qualquer um de seus outros livros. Então, em janeiro de 1983, me vi em Madrasta, no sul da Índia, participando de uma conferência da Sociedade Teosófica Mundial, que ficava em frente à propriedade de Krishnamurti. Como ele estava lá e ia dar uma palestra naquela noite, resolvi aparecer para apresentar-lhe meus cumprimentos. O belíssimo parque, com suas gigantescas árvores seculares, estava repleto de gente, quase todos indianos, sentados em silêncio no chão, aguardando o início de um ritual de que a maioria já participara muitas vezes antes. Às 8 horas Krishnamurti apareceu, vestido com trajes indianos, e caminhou lentamente mas com enorme segurança até uma plataforma que fora erguida. Foi maravilhoso vê-lo, aos oitenta e oito anos de idade, fazendo sua entrada como durante mais de meio século, subindo as escadas da plataforma sem ajuda de ninguém, sentando-se numa almofada, e unindo as mãos no tradicional cumprimento indiano para iniciar sua palestra.

Krishnamurti falou durante setenta e cinco minutos sem nenhuma hesitação, e quase com a mesma intensidade que eu presenciara quinze anos antes. O tópico dessa noite era o desejo, e ele teceu sua teia com a clareza e habilidade de sempre. Foi uma oportunidade única para eu avaliar a evolução de meu próprio entendimento desde a época em que o conhecera, e senti pela primeira vez que eu realmente compreendia seu método e sua personalidade. A sua análise do desejo foi bela e cristalina. A percepção causa uma reação sensorial, disse ele; o pensamento intervém — "Eu quero...", "Eu não quero...", "Eu desejo..." — e assim é gerado o desejo. O desejo não é causado

pelo objeto de desejo, mas persistirá com diversos objetos enquanto intervier o pensamento. Portanto, não nos libertaremos do desejo suprimindo ou evitando a experiência sensorial (o modo do asceta). O único meio para nos libertarmos do desejo é libertando-nos do pensar.

O que Krishnamurti não disse é *como* podemos nos libertar do pensamento. Como Buda, ele ofereceu uma análise brilhante do problema, mas, à diferença dele, não mostrou um caminho claro para a libertação. Talvez, pensei, o próprio Krishnamurti não houvesse avançado o suficiente por esse caminho... Talvez não houvesse se libertado o suficiente de todo o condicionamento para poder levar seus discípulos à plena auto-realização...

Depois da palestra, fui convidado para jantar com Krishnamurti e várias outras pessoas. Compreensivelmente ele estava bastante exausto devido a seu esforço e sem ânimo para qualquer discussão. Nem eu pretendia algo assim. Fora ali apenas para mostrar-lhe a minha gratidão, sendo ricamente recompensado. Contei a Krishnamurti a história de nosso primeiro encontro, e agradeci-lhe mais uma vez por sua influência e ajuda decisivas, estando consciente de que esse talvez fosse o nosso último encontro, como de fato acabou sendo.

O problema que Krishnamurti resolvera para mim, à maneira zen, de um só golpe, é o problema com que a maioria dos físicos se depara quando confrontada com as idéias das tradições místicas — como é possível transcender o pensamento sem abandonar um compromisso com a ciência? Esse é, acredito, o motivo pelo qual tantos de meus colegas sentiram-se ameaçados por minhas comparações entre a física e o misticismo. Talvez lhes seja proveitoso saber que eu também já senti a mesma ameaça. E a senti com todo o meu ser. No entanto, isso foi no início de minha carreira, e tive uma enorme felicidade: a mesma pessoa que me fez perceber a ameaça foi também a que me ajudou a transcendê-la.

O homem e seus desejos em conflito

Nesta tarde desejo falar sobre algo que para a maioria de nós será um pouco estranho, um pouco fora do cotidiano; mas acho importante compreendê-lo. Vou falar a respeito da meditação. Esta palavra tem vários significados. Supõe-se que no Oriente a meditação é muito praticada; mas eu duvido disso. As pessoas sérias de fato meditam. E, no Ocidente, praticais presumivelmente a chamada contemplação, ou ofereceis ocasionalmente uma prece, quando vos encontrais em dificuldades. Mas a meditação, para mim, é coisa muito diferente.

Como sabeis, estive falando a respeito do medo, do sofrimento, do tempo, da morte, e sobre as coisas do emprego, com o tédio que acarreta, e o esforço constante que fazemos para mantermos um certo padrão de vida externo; e, interiormente, também, procuramos manter um certo grau de dignidade e liberdade, seguindo um determinado rumo, do qual raramente nos desviamos. Essas coisas não são fantásticas, místicas, pois fazem parte da nossa própria existência e temos de enfrentá-las no decurso de nosso viver diário.

Ora, se não se lançam as bases adequadas, não é possível meditar. A base essencial da meditação é o autoconhecimento — o conhecer a si mesmo. Se não conhecemos a nós mesmos, toda meditação, toda contemplação, todas as preces, por mais proveitosas e aparentemente benéficas que sejam, conduzem inevitavelmente a várias formas de ilusão.

A menos que a pessoa comece por estar cônscia de si própria, tanto da parte consciente como da inconsciente; a menos que perceba seus próprios motivos, conflitos, angústias, seu sentimento de culpa, suas ansiedades e desesperos, qualquer forma de meditação, contemplação ou oração só pode levar à auto-hipnose. A pessoa pode ter visões, porém estas são apenas a projeção de seu próprio condicionamento. O cristão verá Cristo e o hinduísta seu deus especial.

As pessoas que têm essas experiências ficam muito entusiasmadas a respeito delas. Mas o que experimentam, o que vêem em suas visões, é, em verdade, reação de seu *fundo*, sua educação, seu meio cultural; e, para meditar corretamente, a pessoa precisa estar livre desse condicionamento. Do contrário, a meditação é a mesma coisa que um círculo vicioso; o condicionamento projeta as visões, e estas, a seu turno, fortalecem o condicionamento.

Assim, não só para meditar, mas também para viver plenamente — que é livrar-se da carga da ansiedade, da incessante batalha da esperança e do desespero — é essencial a pessoa conhecer a si própria, e esse autoconhecimento requer especial atenção; uma atenção em que se observa sem avaliar. Isto é, vê-se o que se está passando realmente, sem condená-lo ou julgá-lo. Vede-vos, por assim dizer, a um espelho, *sem* pensamento, se posso usar esta palavra, que mais adiante explicarei.

Sabemos que uma flor, no sentido botânico, é o seu próprio nome, a própria espécie, etc., mas raramente olhamos uma flor não botanicamente. A maioria de nós não

tem interesse, nem paciência, nem capacidade para olhar e escutar, com o espírito livre das aflições e tormentos do passado, sem projetar as coisas que experimentou e que corrompem a perceção. Para conhecermos a nós mesmos, precisamos de atenção sem escolha; devemos ser capazes de olhar e escutar sem interpretação.

Como este assunto vai ser um tanto difícil, deixai-me sugerir-vos que fiqueis simplesmente escutando, sem fazerdes esforço para compreender — não como quem está sendo hipnotizado por mim, mas *escutando*, simplesmente, assim como quem escuta o canto de uma ave, ou como quem vê uma folha agitada pelo vento, uma nuvem que passa, toda luminosa e radiante. *Escutai*, simplesmente, não procureis captar com o raciocínio o significado do que estou dizendo. Mas isso não significa que não devamos fazer uso da razão. Sem o raciocínio não poderemos ir muito longe. Mas, para irmos muito longe, precisamos começar com o que está muito perto; e o que está mais perto de vós sois *vós mesmos*. Se não compreenderdes a vós mesmos, não parcialmente, porém totalmente, podereis falar a respeito de Deus, citar a *Bíblia* ou qualquer outro livro sagrado, mas não sereis, de modo nenhum, uma pessoa religiosa; sereis simplesmente escravos da propaganda do meio cultural ou sociedade em que viveis.

O necessário é esse extraordinário estado de atenção, no qual *olhais* e *escutais*, sem decisão, sem motivo, sem finalidade — e isso é, realmente, atenção sem escolha. E o conhecer-vos não é um processo de adição. É verdes a vós mesmos, como sois: coléricos, ciumentos, lúbricos, invejosos; é observar simplesmente o fato; e essa observação sem análise revela todo o conteúdo do fato, e não tendes de fazer nenhum esforço para descobri-lo. No momento em que fazeis esforço para analisar, para compreender, estais desfigurando o fato; estais pondo em função o vosso condicionamento como analista, como cristão, como *isto ou aquilo*.

Como vedes, o conhecer a si próprio não é processo de

adição ou acumulação. No momento em que acumulais conhecimentos a respeito de vós mesmos, esses conhecimentos perturbam o percebimento. Quando vos olhais através de uma cortina de conhecimentos que acumulastes acerca de vós mesmos, há desfiguração daquilo que vedes.

Espero que isso esteja claro, pois este ponto é muito importante. A maioria de nós acumula; acumulamos virtudes, riquezas, desejos, experiências, idéias, e, com essa carga acumulada, temos novas experiências. Desse modo, tudo o que experimentamos fica condicionado pelo conhecimento ou experiência anteriormente adquirida. Toda experiência já foi provada, conhecida; por conseguinte não há nada novo.

Outro dia, estive falando sobre a morte. Precisais morrer para todo o conhecimento que tendes a vosso respeito; porque o *eu* nunca é estático, está sempre variando, não só física, mas também psicologicamente. Não sois o que ontem fostes, embora o desejásseis ser; operou-se uma mudança, da qual podeis não estar cônscio.

Para conhecer-vos — e deveis conhecer a vós mesmos completamente, de ponta a ponta — o processo de acumulação de conhecimento a respeito de vós mesmos deve terminar; e esse término pode verificar-se quando deixardes de julgar, de avaliar, de condenar, de justificar. Isso parece muito simples, mas para a maioria de nós não o é, porque fomos exercitados para condenar, julgar, avaliar, comparar, justificar. Tal é nosso condicionamento. E o ver as coisas claramente como são, sem a desfiguração causada por nosso condicionamento, não é questão de tempo; é uma questão de imediata necessidade.

É óbvio que não podeis ver o que o fato realmente é, se para vosso exame trazeis todas as vossas lembranças e opiniões. Se isto está claro, não apenas verbal ou intelectualmente, porém realmente, poderemos continuar com uma investigação do inconsciente. O inconsciente tem um papel muito importante em nossa vida. A maioria de nós não

conhece o inconsciente, a não ser através de sonhos, através de ocasionais sugestões ou mensagens relativas a coisas que estão ocultas. Eu acho que não é absolutamente necessário sonhar; isso é um desperdício de energia. Se estais desperto, cônscio, sem escolha, momento por momento, e portanto, não estais acrescentando nada ao que antes conhecestes; se estais observando tudo o que vos cerca, bem como todo movimento de pensamento, dentro em vós, descobrireis, então, que o sonhar cessa completamente — embora os psicólogos insistam em que não se pode evitar o sonho, conquanto nem sempre nos lembremos de nossos sonhos. Isso não é questão para controvérsia ou argumentação. Vós mesmos podeis experimentá-lo. Se não estais semi-adormecidos durante o dia, porém completamente despertos, observando tudo o que se passa ao redor e dentro de vós — cada movimento de pensamento, cada sentimento, cada reação — descobrireis, então, que quando dormis não sonhais.

O inconsciente que está oculto e que tão pouco conhecemos, pode ser alcançado negativamente. É o que tento fazer-vos ver, quando digo que não há necessidade de sonhar. Não sei até onde examinastes por vós mesmos esta questão. Provavelmente achais ser muito enfadonho falar a respeito do insconsciente; muito junguiano ou freudiano, etc. Mas vós deveis conhecer o inconsciente, porque é o inconsciente que orienta a maior parte de nossa vida, que molda os nossos pensamentos, nossos sentimentos, e produz várias espécies de conflito. Se não conheceis o inconsciente, podeis falar a respeito de Deus, da oração, da guerra, da paz, da bomba atômica, mas o que disserdes terá muito pouca significação.

No inconsciente estão enraizadas não só as reações comuns do indivíduo, mas também as reações coletivas da raça a que pertence, no meio cultural em que foi criado — não apenas o meio cultural imediato destes poucos anos, mas a tremenda acumulação de experiência humana, atra-

vés das idades. Tudo isso lá está, no inconsciente. Descobrir todo o inconsciente por meio de análise, de investigação gradual, é absolutamente impossível; porque, se se comete um erro em algum ponto do processo de análise, como é inevitável, o resto da análise ficará também errado. Se perceberdes a futilidade dessa análise, se perceberdes que com ela não se pode penetrar muito no inconsciente, e muito menos transcendê-lo, tereis então de abeirar-vos do inconsciente de maneira negativa; quer dizer, *totalmente*. Já explico o que quero dizer.

Espero que não vos seja demasiado difícil o que estou dizendo. Não estou agora tomando uma atitude condescendente, ou professoral, ou superior, nada disso. Mas é possível que a maioria de vós nunca tenha pensado nesta matéria; e, para seguirdes logicamente, somente, o que se está dizendo, sem ficardes confusos ou perturbados, tendes de *escutar*. Talvez a maioria não compreenda; mas *compreendereis*, se a semente cair em terreno já amanhado pelo correto escutar.

Se no processo de exame ou observação se faz uso do método negativo, não há, então, separação entre o pensador e o pensamento. Mas, para a maioria de nós existe uma separação; conflito entre o pensador e o pensamento, entre o observador e a coisa observada, entre a parte da mente que diz "devo" e a outra parte que diz "não devo". Um desejo nos solicita uma direção, e outro desejo a direção oposta. Todos conhecemos essa dualidade censor e pensamento — o censor sempre a observar, a julgar, a avaliar o pensamento.

Ora, existe de fato separação entre o observador e a coisa observada, entre o pensador e o pensamento? Pensamos que sim; mas existe, de fato? É muito importante averiguá-lo; porque, se não há censor, pensador, centro de onde procede o julgamento, a avaliação, o conflito cessa então completamente.

Certo, só existe pensamento — pensamento como rea-

ção mecânica da memória acumulada. Esse pensamento criou o pensador, a entidade permanente, *eu*, a que chama, então, ego, alma, *eu* superior; mas isso ainda é um resultado do pensamento, porque pode ser condicionado para pensar tudo o que a sociedade exigir que pense. Os comunistas não crêem em Deus, mas vós credes porque fostes educados nesta crença. É só questão de propaganda. Para se compreender inteiramente esse processo, a totalidade do inconsciente, cumpre observá-lo negativamente, pois esta é a única maneira de observá-lo, porquanto toda observação positiva do inconsciente produz divisão entre o observador e a coisa observada.

Não sei se já notastes que no momento em que se vê algo sem o pensamento, não há observador: não há observação. Quando olhais para uma nuvem, sem vossas lembranças acumuladas relativas às nuvens, estais apenas observando. Da mesma maneira temos de observar o inconsciente; e quando observais assim, negativamente, existe inconsciente? Não apagastes completamente o inconsciente com todo o seu conteúdo? Há, pois, um percebimento imediato da totalidade da consciência. Mas não podereis ver a totalidade da consciência enquanto estiverdes observando através de vosso condicionamento, através da experiência acumulada no passado.

Ao chegardes a esse ponto — e deveis chegar —, tereis lançado as bases da meditação; porque tereis então eliminado completamente o sofrimento. Isso não significa que não haverá mais compaixão. Mas tereis eliminado o sofrimento, que embota e insensibiliza a mente; sofrimento que significa compaixão de si mesmo, preocupação consigo mesmo, que nenhuma relação tem com a verdadeira compaixão.

Agora, que é meditação? Há quem diga que na meditação é preciso controlar o pensamento. Que implica esse controle? Implica contradição, que é uma forma de conflito. A pessoa procura concentrar-se em uma coisa e outros

pensamentos se insinuam, os quais ela tem de repelir continuamente; torna-se, assim, a concentração, gradualmente, um processo de exclusão. É coisa semelhante ao caso do aluno que deseja olhar pela janela, mas o professor lhe manda olhar para o livro; o esforço de olhar para o livro chama-se concentração. Mas tal concentração é exclusão.

Penso haver um estado de atenção em que a concentração não é exclusão. Quando a mente se concentra por meio de disciplina, de controle, de repressão, de várias formas de punição e recompensa, essa concentração divide a mente contra si própria, e produz conflito. Na atenção não há conflito. Só se pode compreender a atenção quando se percebe a significação do tentar concentrar-se por meio de controle; e isso significa que cessa o esforço para se concentrar. Enquanto fizerdes esforço para vos concentrar, haverá contradição, conflito e, por conseguinte, não haverá atenção; e vós precisais da atenção.

A meditação não é prece; a prece implica súplica, rogo, e isso é extremamente infantil. Vós só rezais quando vos vedes em dificuldades. Um homem feliz não reza. Só reza o homem que sofre, o homem que deseja algo ou tem medo de perder algo. E a contemplação, conforme praticada pelos ocidentais, essa também não é meditação.

Notai, por favor, que empreguei a palavra "ocidentais" apenas como meio de comunicação. Para mim não há divisão entre Oriente e Ocidente. Tal divisão é absolutamente nacionalista, perniciosa.

O que, em geral, se chama concentração subentende um centro de onde contemplar, significa pôr-se num estado adequado para *receber, aceitar;* e isso, mais uma vez, não é meditação.

Para lançar as bases da meditação, a pessoa tem de compreender tudo isso, para que não haja medo, nem aflição, nem motivo, nem esforço de espécie alguma. Mas se deixais de fazer esforço porque alguém vos diz que

não o deveis fazer, nesse caso estais tentando produzir aquele estado em que não há esforço, e esse estado não pode ser produzido; tendes de compreender toda a estrutura do esforço, porque só então tereis lançado as bases da meditação. Essa base não é fragmentária, não é algo que se constrói gradualmente, com o pensamento, com o desejo de êxito, de realização, ou com a esperança de experimentar algo mais amplo, superior. Tudo isso tem de cessar. E, lançada essa base, o cérebro se torna então completamente quieto. Já não está reagindo a qualquer espécie de influência ou sugestão; já cessou de ter visões; já não está enredado no passado ou por este condicionado. Esse estado de quietude é absolutamente essencial. O cérebro é o resultado de séculos de tempo. É o resultado biológico, zoológico, da influência, da cultura, de toda a estrutura psicológica da sociedade. E é só quando o cérebro está quieto, completamente imóvel, porém, *vazio* e não amortecido pela disciplina, pelo controle, pela repressão, que a mente pode começar a operar.

Mas essa absoluta quietude do cérebro não é um estado que se pode produzir. Ela nasce, natural e facilmente, uma vez lançada a base, quando já não existe a divisão pensador-pensamento.

Tudo isso constitui parte da meditação; a meditação não se encontra no fim. Lançar a base é ficar livre do medo, da aflição, do esforço, da inveja, da avidez, da ambição; livre de toda a estrutura psicológica da sociedade. Quando, graças ao autoconhecimento, o cérebro já não é uma máquina acumuladora, ele está quieto, tranqüilo, silencioso. Deveis alcançar esse estado de silêncio, porque, do contrário, não sereis realmente uma pessoa religiosa. Estareis apenas brincando com coisas que nada significam.

(In *Planeta*, Editora Três, São Paulo)

Experimente um novo caminho

Nesta manhã desejo falar, se possível, a respeito de algo talvez um tanto obscuro e complicado.

Quase todos nós somos escravos das palavras, que se tornaram desmedidamente importantes. As palavras são necessárias como meio de comunicação, mas, para a maioria de nós, a palavra é a mente, e das palavras nos tornamos escravos. Enquanto não compreendermos esta profunda questão da verbalização e a importância da palavra, e enquanto formos servis às palavras, continuaremos a pensar mecanicamente, quais computadores. O computador é a palavra e o problema. Sem o problema e a palavra, o computador não existiria, nenhum valor teria. Para a maioria dos entes humanos, também, a palavra e o problema são sobremaneira importantes. Assim sendo, cumpre examinar esta questão das *palavras*.

Não sei se estamos bem cônscios de quanto estamos escravizados à palavra, ao símbolo, à idéia. Nunca pomos em dúvida a importância da palavra. Empregamos o termo palavra, tendo em mente o símbolo, o processo de dar nome, com sua extraordinária profundeza ou superficialidade, processo mediante o qual pensamos ter compreendido todo o significado da vida: Não parecemos perceber, nenhum de nós, a extensão em que a mente, todo o processo do nosso ser, se acha na dependência da palavra, do símbolo, do nome, do termo; e quer-me parecer que, enquanto formos escravos das palavras e nesse nível permanecermos, toda a nossa atividade — física e psicológica — será necessariamente superficial.

Muito se fala e discute hoje em dia sobre a filosofia das palavras, e a construção de uma estrutura, um sistema de

palavras. Penso que devemos estar bem cônscios desta questão e considerar o papel, superficial ou profundo, que ela tem em nossa vida; e devemos investigar, para descobrir se a mente pode em algum tempo libertar-se da palavra.

Ora bem: desejo examinar esta questão, porque a palavra, no meu sentir, é o passado, não é o presente ativo. Num mundo como o atual, em que há tanta violência, tanto ódio e brutalidade, a palavra compaixão é quase sem significado. Todos estamos bem cônscios do que se está passando no mundo; rivalidades, ambições e frustrações, enormes brutalidades, ódios e violências, resultantes do choque dos partidos políticos; a direita contra a esquerda, a esquerda contra a direita. Certas palavras são "torcidas" conforme as conveniências e perderam de todo a sua verdadeira significação. Há violência em todos nós, consciente ou inconscientemente. Existe agressividade, o desejo de ser ou "vir a ser" algo, o impulso para nos "expressarmos" custe o que custar, para nos preenchermos sexualmente, nas relações sociais, no escrever, no pintar. Tudo isso são formas de violência.

Não sei em que profundidade cada um de nós está cônscio de tudo, sem necessidade de demonstração. Há crueldade em espantosa escala, num mundo em que pequeno grupo de pessoas assume o controle absoluto de milhões de seres, dirigindo-lhes tiranicamente a vida, como acontece no Oriente e na Rússia. E não sei, tampouco, em que profundidade estamos cônscios de nossa própria crueldade, nossas próprias e agressivas ambições, nosso impulso para preencher-nos a todo custo, de modo que uma palavra como compaixão pouco nos significa.

Se não ocorrer, como já disse, uma completa mudança, uma total mutação da consciência individual, qualquer sociedade alicerçada em impulsos aquisitivos e agressivos está fadada a tornar-se mais e mais cruel, mais e mais tirânica, mais e mais adepta dos valores materiais — signi-

ficando isso que a mente se irá escravizando cada vez mais a esses valores. Não sei se estais cônscios disso. Provavelmente, a maioria de vós lê diariamente os jornais e, infelizmente, as pessoas se habituam com isso, a ler relatos de crueldades, assassínios, brutalidades. De tanto se lerem tais coisas, todos os dias, embota-se-nos a mente e, por conseguinte, com elas nos acostumamos. Nessas condições, desejo examinar ou apreciar nesta manhã a questão de como romper as camadas desse feio e estúpido condicionamento do ambiente, que tornou a mente escrava das palavras, e também escrava da estrutura social em que vivemos.

Como tenho tentado explicar, acho que a crise surgida no mundo não é econômica, nem social, porém uma crise na mente, na consciência; e não pode haver solução para esta crise, a menos que se verifique mutação profunda, fundamental, em cada um de nós. Mas tal mutação só se tornará possível se compreendermos o inteiro processo da verbalização, ou seja, a estrutura psicológica da palavra. Por favor, não façais pouco caso disso, dizendo: "Só isso?" Esta não é uma questão de que possamos desembaraçar-nos tão facilmente, porque a palavra, o símbolo e a idéia têm extraordinário domínio sobre a mente. Estamos falando sobre a necessidade de produzir uma mutação na mente, e para tal requer-se a cessação da palavra. Ao ouvirdes pela primeira vez uma asserção desta natureza, desconhecereis talvez o seu significado, e direis: "Que disparate!". Mas eu não vejo como a mente possa ser totalmente livre, enquanto não tivermos compreendido a influência da palavra — e isso significa que temos de compreender todo o processo de nosso pensar, visto que todo ele está baseado na palavra.

Notai, por favor, que isto não é uma palestra intelectual. Tenho horror à mente intelectual, urdidora de palavras sem muita significação. Sujeitastes-vos a muitos incômodos para virdes aqui, e seria bastante lamentável se não

levásseis verdadeiramente a sério o que estamos dizendo. Por certo, devemos considerar este problema da palavra com toda a determinação e profundeza.

Ora, se removemos a palavra, que resta? A palavra representa o passado, não? As inumeráveis imagens, as camadas de experiência, estão todas baseadas na palavra, na idéia, na memória. Da memória provém o pensamento, e ao pensamento atribuímos importância desmedida; mas eu contesto decididamente esta importância. O pensamento não pode, em circunstância nenhuma, cultivar a compaixão. Não estou empregando a palavra compaixão para designar o posto, a antítese do ódio ou da violência. Mas se cada um de nós não tiver um profundo sentimento de compaixão, tornar-nos-emos cada vez mais brutais e desumanos, uns para com os outros. Teremos mentes mecânicas, semelhantes a computadores, exercitadas unicamente para executar certas funções; continuaremos a buscar a segurança física e psicológica, e perderemos a extraordinária profundidade e beleza, o significado integral da vida. Falando de compaixão, não me refiro a uma coisa *adquirível*. Compaixão não é a palavra — mera coisa do passado — porém algo que está no presente ativo; ela é o *verbo*, e não a palavra, o nome, ou substantivo. Há diferença entre o verbo e a palavra. O verbo é do presente ativo, enquanto a palavra é sempre do passado e, por conseguinte, estática. Podeis dar vitalidade ou movimento ao nome, à palavra, mas isso não é o mesmo que o verbo, sempre ativamente presente. Não estou, absolutamente, empregando o termo "presente" no sentido "existencialista".

Em geral, vivemos num ambiente de agressão, violência, brutalidade e, como os que nos rodeiam, somos impelidos pela ambição, pelo impulso a preencher-nos. Qualquer talento que tenhamos — qualquer insignificante capacidade para pintar quadros, escrever poesias, etc. — exige expressão, e desta fazemos uma coisa de enorme importância, por meio da qual esperamos conquistar glória ou

renome. Em graus diferentes, tal é a vida de todos nós, com todas as suas satisfações, frustrações e desesperos.

Ora, a mutação deve verificar-se na própria semente do pensamento, e não nas expressões exteriores dessa semente; e isso só acontecerá se compreendermos o inteiro processo do pensamento — que é a palavra, a idéia. Tomai, por exemplo, uma palavra — Deus. A palavra Deus não é Deus; e só alcançaremos essa imensidade, essa coisa imensurável, qualquer que ela seja, quando já *não existir* a palavra, o símbolo, quando já não houver crença nem idéia — quando houver completa independência da segurança.

Referimo-nos, pois, a uma mutação que se deve operar na própria mente, na própria semente do pensamento. Como vimos ao examinarmos esta questão, o que chamamos pensamento é reação, é a resposta da memória; a resposta de nosso fundo, de nosso condicionamento religioso e social. Ele (o pensamento) reflete a influência de nosso ambiente, etc., etc. Enquanto não se extinguir aquela semente, não haverá mutação e, por conseguinte, não haverá compaixão. Compaixão não é sentimentalidade, não é aquela mole comiseração ou empatia que conhecemos. A compaixão não é cultivável pelo pensamento, pela disciplina, pelo controle, pela repressão, e tampouco pelo sermos amáveis, corteses, gentis, etc. A compaixão só começa a existir quando o pensamento deixou, radicalmente, de existir. Se estais ouvindo esta asserção pela primeira vez, ela poderá não ter significação para vós. Direis: “Como terminar o pensamento?”, ou “Que acontecerá à mente que for incapaz de pensar?” Fareis inúmeras perguntas. Mas já nos entendemos sobre este assunto; já o examinamos suficientemente, embora, talvez, sem entrarmos em minúcias.

O que desejo examinar é a questão relativa à observação do ego, do *eu*. Mas, primeiramente, precisamos compreender o que significa observar, para em seguida examinarmos o que significa esta palavra — *eu*. Considerai a palavra *observação*. Que significa ela? Em regra, observarmos coi-

sas mortas, coisas passadas, coisas acabadas. Nunca observamos uma coisa viva, em movimento, ativa.

Por favor, enquanto falo, enquanto explico, não vos deixeis enredar na explicação, na palavra, porém observai a vós mesmos; notai como vós vedes, como vós observais. O que agora vai ser considerado é muito importante, e será muito difícil compreendê-lo, se se não compreender primeiramente a beleza da observação.

Em geral, observamos com o senso de concentração, isto é, de destacar a coisa observada da contextura da qual faz parte. Há (para nós) observador e coisa observada, e, por conseguinte, surge o conflito entre o observador e a coisa observada — a luta para eliminá-la ou modificá-la; ou, ainda, a pessoa se identifica com aquilo que foi observado, o que inevitavelmente acarretará outros problemas. Tal observação é meramente um processo de análise, a respeito do qual já falamos. É isso o que na generalidade fazemos; analisamos aquilo que observamos. Eu desejo saber, desejo compreender essa entidade extremamente complexa, essa consciência que sou eu próprio, e digo: "Observarei a mim mesmo". E, fazendo-o, fico olhando um único pensamento, separadamente do processo total do pensamento. Isso é como observar aquele rio recolhendo numa taça um pouco d'água, e olhá-la separadamente do movimento pleno, do fragor e da força da própria corrente. Para observarmos a corrente, devemos prestar atenção a cada onda que se forma, por mais insignificante que seja, prestar atenção à curva que descreve essa onda antes de quebrar-se na margem do rio; temos de mover-nos juntamente com aquelas águas extraordinariamente rápidas. Na observação, não há tempo para interpretarmos, não há tempo para dizermos que isto ou aquilo é errado, que isto é belo, e aquilo é feio, que isto deve ser e aquilo não deve ser. Não há censor, quando se observa uma coisa que se move, uma coisa tão vital como aquele rio, não pode de modo nenhum haver

um censor, um juiz. Só há censor, juiz, quando separamos uma pequena porção da água do rio para a olharmos.

Assim, por favor, compreendei bem claramente que, no momento em que separamos uma coisa da contextura de que faz parte, a fim de observá-la, damos nascimento ao censor e, por conseguinte, apresenta-se o conflito, a palavra, todo o processo de verbalização, com seu preenchimento e agonia da frustração. Vós vos separais da coisa que estais observando e, depois, dizeis: "Estive observando a mim mesmo e vi que sou isso, que sou aquilo outro, mas não tenho possibilidade de ir mais longe". É óbvio que não, porquanto se trata das observações de um observador exterior, que se separou da corrente, do movimento, da celebridade do pensamento. Se isto não está claro, examiná-lo-emos no fim desta palestra.

Observar a si mesmo, sem conflito, é como seguir a corrente, antecipando-se às cataratas, antecipando-se aos movimentos de cada onda, por mais insignificante, vendo cada seixo que faz a onda quebrar-se. Isto não é teoria. Estou apreciando a questão cientificamente, objetivamente; não me estou fazendo sentimental, nem formulando idéias ou hipóteses; estou sendo realista. Quando tiverdes apreendido realmente o profundo significado da observação, descobrireis que o próprio processo de observar, de ver, é o fim do conflito, porque se eliminou a separação entre o observador e a coisa observada; apagou-se completamente esta divisão e, por conseguinte, não estais observando o pensamento como entidade separada. Vós sois esse pensamento, e não um pensador que observa o pensamento. Quando estais verdadeiramente seguindo algo que é muito vivo, muito rápido, algo que está em espantoso movimento, não tendes tempo para julgar, para avaliar, para condenar, ou para vos identificardes com essa coisa. Ela é tão dinamicamente vital, que não tendes tempo — e isto é importante — não tendes tempo para verbalizá-la, dar-lhe nome, aplicar-lhe um termo; tudo isso são funções separativas.

Assim, se está compreendido isto, examinemos essa coisa complexa chamada ego — que é o *eu* —, o campo da consciência. Estamos tratando de descobrir se é exato — e não apenas uma idéia minha ou vossa — que, para se promover uma completa mutação, uma revolução total na consciência, o pensamento nenhuma interferência pode ter nisso.

O pensamento não é compaixão; seria totalmente absurdo pensar tal coisa. Não se pode cultivar a compaixão, tampouco o amor. Não importa o que façais, não podeis produzir amor com a mente, não podeis fabricá-lo com o pensamento. Ora, pode-se observar os movimentos tanto conscientes como inconscientes dessa entidade total chamada ego, tendo-se sempre em mente que o tempo não existe? Tempo é a palavra. No momento em que dizeis: "Isto é cólera". "Isto é ciúme", "Isto é mau" já separastes a coisa de vós mesmos e estais olhando para uma coisa morta; por conseguinte, não estais observando a vós mesmos. E, se não conhecerdes a vós mesmos, tudo o que vos diz respeito, vosso pensamento não tem *raison d'être*, razão de ser; em todo movimento de pensamento, em toda ação, estais meramente funcionando às cegas, qual uma máquina. A maioria de nós não pensa de maneira completa, porém fragmentariamente; o que pensamos num nível é contrariado noutro nível por nosso pensamento. Sentimos uma coisa num dado nível, e a negamos noutro nível, de modo que nossa ação diária é também contraditória, fragmentária, e essa ação gera conflito, aflição, confusão.

Notai, por favor, que tudo isso são evidentes fatos psicológicos e que para os compreenderdes não necessitais de ler um único livro de psicologia ou de filosofia, porque tendes o livro dentro em vós, o livro composto pelo homem através dos séculos.

Estamos, pois, não apenas tratando da ação mas também da compaixão; porque a ação encerra a compaixão. A compaixão não é uma certa coisa separada da ação, não é

uma idéia à qual se ajusta a ação. Tende a bondade de olhar isso, de considerá-lo atentamente, porque, para a maioria de nós, a idéia é importante, e dela nasce a ação. Mas a idéia separada da ação gera conflito. A ação inclui a compaixão; não está apenas no nível tecnológico, ou no nível das relações entre marido e mulher ou entre o indivíduo e a comunidade, porém é um movimento total de nosso ser inteiro. Refiro-me à ação fragmentada. Quando houver observação, e, por conseguinte, não houver observador — sendo observador a idéia, a palavra — e começardes a compreender toda essa complexidade chamada ego, *eu*, conhecereis então essa ação total e não a ação separativa, fragmentária, em que há conflito.

Não sei se estais compreendendo.

Qual o significado do meu falar? Vós estais aí sentados, e eu falando. Qual o significado disso? Eu não estou falando para me preencher. Não é meu *métier*, meu ganha-pão. Por que, então, estou falando? Por que estais escutando, e o que é que estais escutando? Vós e eu estamos fazendo juntos uma viagem, para descobrirmos o que é o fato, o que é a verdade; não uma idéia abstrata da verdade, uma palavra separada do fato, porém, o fato real. Vê-se o estado catastrófico em que se acha o mundo, e sente-se a necessidade de uma tremenda revolução, de completa mutação da mente, de modo que o ente humano seja um verdadeiro ente humano; um ente livre de problemas, livre do sofrimento, ente que viva uma existência plena, rica, completa, e não seja a criatura torturada, coagida, condicionada, que ora é. Eis por que falo, e espero que pela mesma razão me estejais escutando.

Agora, que significa observar, digamos, o movimento da ambição? Estou tomando para exemplo a ambição, como uma das coisas feias de nossa vida — ainda que alguns dentre vós a possam achar bela. Que significa observar a estrutura, a anatomia da ambição? (Não a palavra, porque a palavra não é a coisa). A palavra "árvore" não é a árvore.

Podeis dizer: "Sim, com efeito"; mas, psicologicamente, quando observamos em nós mesmos a ambição, imediatamente nos identificamos com esse estado, com essa palavra, e nela ficamos enredados. É fácil perceber que a palavra árvore não é a árvore; mas é outra questão muito diferente observardes em nós mesmos, sem a palavra, esse estado extraordinário chamado ambição. Esse estado é formado em vós, em vosso pensamento, em vosso próprio ser, pela sociedade, pelo ambiente em que viveis, por vossa educação, pela Igreja, pelo agressivo esforço humano, através de séculos incontáveis, para realizar, avançar, matar, etc. E o importante é observar em vós mesmos esse estado, não só agora que dele estamos falando, mas também observá-lo quando a caminho do escritório, quando ledes no jornal o elogio de um certo herói ou homem bem-sucedido. Se o observardes (esse estado) sem lhe dar nome, vereis que não é uma coisa estática, porém um movimento não identificado com a palavra e, por conseguinte, não identificado com o nome, com vossa pessoa; e se o observardes com intensidade, com certa celebridade, transcendereis a ambição. Ela terá perdido sua importância — e, todavia, podereis estar totalmente em ação. Mas é dificílimo observarmos esse estado em nós mesmos, olharmos o pensamento sem o observador, sem o pensador que o observa.

A observação não exige nenhuma acumulação de conhecimento, ainda que o conhecimento seja obviamente necessário, num certo nível: o conhecimento do médico, o conhecimento do cientista, o conhecimento da História, de todos os fatos passados. Afinal de contas, isto é conhecimento: estar informado sobre os acontecimentos passados. Não há conhecimento do amanhã; só podeis conjecturar a respeito do que poderá acontecer amanhã baseado em vosso conhecimento do passado. A mente que observa com o conhecimento é incapaz de acompanhar com rapidez a corrente do pensamento. Só pelo observar, sem o

crivo do conhecimento, começareis a ver a estrutura total de vosso próprio pensar. E, nesse observar — que não significa condenar ou aceitar, porém simplesmente observar —, vereis que o pensamento terminará. A casual observação de um pensamento não conduz a parte alguma. Mas, se observardes o processo do pensar, sem vos tornar um observador separado da coisa observada; se perceberdes o inteiro movimento do pensamento, sem aceitá-lo nem condená-lo — então, essa própria observação dará fim imediato ao pensamento — e a mente, por conseguinte, se tornará compassiva, se achará num estado de constante mutação.

(In *Planeta*, Editora Três, São Paulo.)

Libertando a mente do temor

Tradução de Hugo Veloso

O saber escutar é algo muito importante; mas, em geral, temos inúmeras opiniões, idéias, experiências e conclusões antecipadas, através das quais filtramos tudo o que ouvimos, e por essa razão nunca ouvimos nada de maneira nova; traduzimos sempre o que vimos de acordo com uma determinada tendência.

Assim, é de real importância saber ouvir sem interpretar; porém, isto é, sem dúvida, um problema dificílimo.

Em geral, não gostamos de ouvir coisa alguma de maneira completa, com plena atenção, porque nessa operação descobrimos às vezes o que realmente somos; por isso, costumamos estender cortinas de proteção entre nós e o que nos dizem.

É óbvio, pois, que seria muito bom se fôssemos capazes de ouvir simplesmente, visto termos inúmeros problemas — não só pessoais, como também sociais, políticos, econômicos — para os quais precisamos encontrar a solução correta; e não haverá possibilidade de encontrá-la, se, para

tanto, dependermos de alguma opinião, de conhecimentos adquiridos em livros, ou em conferências.

Sem dúvida, para acharmos a solução, devemos saber como ouvir o fato, o próprio problema; mas não é isso o que fazemos, quando interpretamos o problema de acordo com as nossas idiossincrasias ou opiniões pessoais.

Há de haver uma solução correta para todos os problemas; mas essa solução não se acha pela análise, pelo julgamento, pela comparação, nem por meio do saber, por mais vasto que seja.

Só pode surgir a solução correta quando a mente "escuta" tranqüila, quase indiferente, sendo assim capaz de considerar o problema sem qualquer móvel ou intenção especial, sem ter um fim em vista — o que, com efeito, é dificílimo, porque em geral queremos um determinado resultado, uma solução satisfatória.

Para alcançar a solução correta dos problemas humanos, necessitamos de muita paciência, principalmente se já nos habituamos a viver num mundo mecânico, em que é possível descobrir com muita presteza a solução de tantos problemas técnicos.

Quando temos um problema, desejamos solução imediata; recorremos então a um livro, a um médico, a um analista, a um especialista; ou ficamos batalhando dentro em nós mesmos para achar a solução. Somos impacientes, queremos resultados imediatos e vivemos por isso em constante conflito.

Nessas condições, ainda que já tenhamos ouvido tudo o que se vai dizer agora, será sem dúvida proveitoso ouvir com muita paciência.

O que importa, naturalmente, é que cada um de nós possa achar um estado perene de libertação de todos os conflitos e das inúmeras reações que tanto caos produzem na mente; e então, talvez, com essa liberdade, venhamos a descobrir algo existente além da nossa mente; mas antes que possamos ser livres, temos, por certo, de compreender o que é o "eu".

Será possível a vós e a mim libertarmo-nos de todos os nossos problemas, dos nossos sofrimentos, de nossas incontáveis necessidades?

Ser livre implica solidão completa — o que significa a libertação do medo. É só então que somos indivíduos, não é verdade? Só somos indivíduos quando cessa completamente o temor: o temor da morte, da opinião alheia, o temor que resulta de nossos próprios desejos e ambições, o temor da frustração, o temor do não-ser. O estar só é, sem dúvida, inteiramente diferente do estar em isolamento.

É o próprio isolamento que cria o temor; e como medida defensiva temos um grande número de barreiras, um grande número de idéias, abrigos, garantias.

Em geral, não somos verdadeiros indivíduos, não é exato? Somos o resultado de numerosas influências sociais, das impressões acumuladas, dos problemas interiores que nos oprimem a mente e o coração. Não somos indivíduos, porque não estamos livres do temor; e a mim me parece que, se não estamos livres do temor, nunca encontraremos uma solução verdadeira para qualquer dos problemas humanos.

Pois bem. É-nos possível libertar-nos *completamente* do temor? E de que temos medo? De estarmos sem segurança, de não termos todas as coisas de que fisicamente necessitamos, das conseqüências de não nos subordinarmos a determinado sistema político ou religioso, etc.

O desejo de segurança implica temor, em nossas relações. Para sermos capazes de expressar a verdade que vemos, independentemente das ameaças que nos rodeiam, requer-se uma grande revolução em nosso pensar, não achais?

Pode cada um de nós tornar-se completamente livre do desejo de segurança, que gera temor? Se pudermos compreender profundamente esta questão, acredito, muitos dos nossos problemas serão resolvidos.

Estar liberto do temor é, sem dúvida, a única revolução, porquanto, uma vez livres do temor, já não somos hindus ou americanos, não pertencemos a nenhuma religião organizada, não há mais ambição, desejo de sucesso, de realização, e, por conseguinte, já não estamos empregando a nossa força contra outro.

A isenção de temor não é uma idéia, nem tampouco um ideal que devemos lutar para alcançar; entretanto, quando nos fazemos esta pergunta: "Pode-se ser livre de temor?" — qual é a nossa reação interior?

O temor é um empecilho básico, um obstáculo fundamental em todas as nossas relações e em nossa busca da realidade; e podemos nós — vós e eu — sem sucessivos esforços, sem análise, libertar-nos desse contágio gerador de tantos problemas? Pode-se ser totalmente isento de temor? Esta é uma pergunta difícil de respondermos a nós mesmos, não achais?

Ser livre de temor significa, com efeito, estar isento de todo desejo de segurança econômica ou social, ou do desejo de encontrar segurança em nossa experiência pessoal.

Esta questão, sem dúvida, é importantíssima, uma vez que toda a nossa perspectiva das coisas é prejudicada pelo temor; nossa educação, religião, estrutura social, nossos esforços em todas as esferas de ação, estão baseados no temor.

E pode alguém ficar livre do temor por meio de algum exercício, de alguma espécie de disciplina, pelo auto-esquecimento, pela imolação de si mesmo, pelo cultivo de qualquer crença ou dogma, ou pela identificação com uma nação qualquer?

É claro que nenhuma dessas coisas nos pode dar a libertação do temor, visto o próprio "processo" de imitação, de submissão, de auto-sacrifício, radicar-se no temor; e ao reconhecermos a inutilidade de tudo isso e percebermos como a mente está sempre ocupada em "projetar" defesas, abrigar-se em crenças e conhecimentos — e em todas

essas coisas está sempre emboscado o temor — que devemos fazer? Como pode, então, uma pessoa libertar-se desse estado a que chamamos temor?

Se temos disposições sérias, não acreditais ser esta uma das perguntas fundamentais que devemos fazer a nós mesmos? Desde crianças fomos educados para pensar sempre sob a inspiração do temor; todas as nossas defesas, tanto psicológicas como físicas, se baseiam no temor; e como pode a·mente assim educada, condicionada, libertar-se do temor?

Pode a mente libertar-se do temor? Pode qualquer atividade da mente dar liberdade a ela própria? A própria mente, o próprio pensamento, não representa o autêntico processo do temor? E pode o pensamento anular o temor?

Senhores, este não é um problema fácil de resolver; o que cada um de nós pode fazer, porém, é tornar-se bem cônscio do temor, sem lutar contra ele, sem analisá-lo, e, portanto, sem levantar defesas.

E quando a mente se acha de fato muito tranqüila, ·passivamente cônscia de todas as formas de temor que surgem, e sem empreender nenhuma ação contra elas, nessa quietude, existe a possibilidade de se dissolver o temor, sendo esta a única revolução real, fundamental; e, então, há individualidade. Enquanto há temor, não há singularidade, individualidade.

Atualmente, nós, em geral, somos apenas o resultado de influências várias: sociais, econômicas, políticas, climáticas, etc.; não somos genuínos indivíduos e, por conseguinte, não somos criadores. A ação criadora não representa a expressão de um talento, de um dom; só se manifesta quando não existe temor, isto é, quando indivíduo é completamente independente.

Sem dúvida, esta questão de como ser livre é um dos nossos principais problemas, não achais? Talvez, mesmo, seja o nosso único problema; pois é o temor que, dissimulado nos mais íntimos recessos de nossa mente e de nosso

coração, nos tolhe o pensar, o ser, o viver.

Parece-me, portanto, que o que se necessita agora não é de mais filosofia, de sistemas melhores, de mais saber e ilustração, mas, sim, de verdadeiros indivíduos, inteiramente livres de temor. Porque só quando não existe temor pode existir amor.

Ora, podemos nós — vós e eu — empreender a nossa libertação do temor? Podemos rejeitar todas as opiniões, todos os dogmas e crenças, que são meras expressões do temor, e atingir a fonte, o problema fundamental, que é o próprio temor?

Ora, como já disse, a ação criadora não representa um mero talento, um dom, uma capacidade; ela excede em muito tudo isso. Só pode haver ação criadora quando a mente se acha totalmente tranqüila, sem os embargos do temor, do julgamento, da comparação, sem a carga do saber e da ilustração.

A maioria de nós, porém, anda sempre com a mente agitada, cheia de problemas, numa eterna busca de segurança; e como pode a mente, em tais condições, ser independente, livre de influências e temores? Como pode ela compreender aquela força criadora, aquela realidade — qualquer que ela seja — ou descobrir se ela existe ou não existe?

Só quando a mente está inteiramente livre de temor há a possibilidade de realizar-se uma revolução fundamental — a qual nada tem em comum com a revolução econômica ou política; e para se ser livre de temor não se requer presteza de raciocínio, mas vigilância constante, e um considerável percebimento, paciente, persistente, do inteiro processo do pensamento, o qual pode ser observado apenas nas relações, em nossas atividades de cada dia.

O autodescobrimento se realiza pela compreensão do que *é*, e *o que é* o processo real do pensamento em qualquer momento que passa. Isso, positivamente, é meditação, e requer uma tranqüilidade de espírito em que não

haja exigência alguma.

Somente quando começamos, vós e eu, a conhecer a nós mesmos, a mente pode estar livre de temores, e só então há a possibilidade não apenas de paz interior, mas de felicidade exterior para o homem.

Como podemos saber o que é justo e o que é injusto, sem mandamentos ou livros?

Por que desejais saber o que é justo e o que é injusto? Pode alguém vô-lo dizer? Pode algum livro, algum instrutor, transmitir-vos o conhecimento do que é justo e do que é injusto? Se seguirdes a autoridade de um livro ou de um instrutor, estareis apenas copiando um padrão de pensamento, não é verdade? E pode-se descobrir alguma coisa pelo copiar e pelo ajustar-se? Seguimos um padrão quando queremos um certo resultado; e esse processo não está baseado no temor? Podemos descobrir o que é justo, sob a influência do temor, ou só podemos descobri-lo pela experiência direta?

Enquanto a mente estiver encerrada no processo dual do justo e do injusto, há de haver, obviamente, conflito incessante. Não é possível, porém, descobrir-se o que é verdadeiro, todas as horas, sem estarmos envolvidos no conflito do justo e do injusto? Tal é o nosso problema, não é verdade?

O que é justo e o que é injusto hão de variar sempre em conformidade com o condicionamento e a experiência de cada pessoa, e têm, por conseguinte, importância muito reduzida; mas saber-se a todas as horas o que é verdadeiro — isso, sem dúvida, é de grande relevância.

Tende a bondade de prestar atenção.

Enquanto estivermos envolvidos no conflito da dualidade — que significa escolha entre o que é justo e o que é injusto — nunca haveremos de conhecer o que é sempre verdadeiro.

O que é justo e o que é injusto podem constituir simples opinião, um princípio em que se baseou a nossa educação desde a infância, o cunho de certa civilização, de determinada sociedade; e enquanto estivermos empenhados no imitar, no ajustar-nos a algum padrão, por mais nobre que seja, há de haver essa escolha contínua entre o justo e o injusto, haverá sempre o desejo de fazer o que é correto e, conseqüentemente, o receio de errar — daí resultando, apenas, respeitabilidade.

Saber, porém, a todas as horas o que é verdadeiro, conhecê-lo inteiramente, profundamente, isso não é nenhuma opinião, nem raciocínio, nem dogma. O que é verdadeiro não depende de crença alguma. Descobrir o que é verdadeiro é compreender o *que é*, momento por momento — e isso exige muita vigilância, isenta de julgamento ou comparação; exige uma mente aberta, para observar e para sentir.

O que é verdadeiro jamais cria conflito; mas, quando a mente está escolhendo entre o verdadeiro e o falso, essa própria escolha produz conflito.

Em geral, fomos educados para pensar corretamente e nos abstermos de certas coisas tidas por falsas e, por isso, a nossa mente está sempre a buscar uma coisa e a evitar outra; e esse processo de pensar é, em si, um conflito, não achais?

O "correto" pode ser o que diz o sacerdote, o que dizem os vossos vizinhos, os nossos líderes políticos, e, assim, cria-se o padrão a que temos de subordinar-nos; e a mente que se subordina a um padrão nunca pode achar-se em estado de revolta, jamais descobrindo, por conseguinte, aquilo que é eternamente criador.

Nessas condições, pode-se descobrir a todas as horas o que é verdadeiro? Ora, não há possibilidade de descobrimento, enquanto houver o conflito da escolha. Para descobrir, a mente tem de estar basicamente tranqüila, sem medo de errar.

Entretanto, nós queremos bom êxito, não é verdade?

Educam-nos, desde crianças, para ambicionar o bom êxito, e todo livro, toda revista nos dá exemplos disto: o menino pobre que chega a presidente, etc.

Buscando a própria segurança no bom êxito, é a mente obrigada a observar o que é correto, e começa assim a batalha entre o que é correto e o que é errado, começa o eterno conflito da dualidade. Nesse conflito nunca se pode descobrir o que é verdadeiro.

O verdadeiro é o *que é* e a libertação que resulta da compreensão do *que é*. Tende a bondade de prestar atenção e de refletir a respeito disso; e se compreenderdes o que está realmente acontecendo, momento por momento, vereis como vos libertareis do conflito do justo e do injusto. Não pode manifestar-se essa compreensão se estais a julgar ou a ordenar *o que é*, ou a compará-lo com a passada experiência; e quando não há compreensão do *que é*, não há libertação.

Para compreender *o que é*, deve a mente estar livre de toda condenação e julgamento; mas isso requer paciência infinita e pode produzir-vos uma extraordinária revolução na vida, coisa de que a mente tem medo. Por essa razão, nunca examinais *o que é* e vos limitais a dar opiniões a seu respeito. Enquanto a mente estiver toda ocupada com a escolha entre o que é correto e o que é errado, permanecerá imatura; e este é um dos nossos obstáculos, não achais?

Nossas mentes são imaturas; ensinaram-nos o que é correto e o que é errado e conseqüentemente, a isso queremos ajustar-nos.

O ajustamento é a própria natureza da mente imatura, ao passo que a compreensão do *que é* constitui o fator revolucionário na criação.

Embora eu reconheça sentir-me lisonjeado pela admiração e susceptível à crítica, a minha mente continua a ser governada por essas influências; ela é atraída ou repelida,

como a agulha da bússola em presença do magneto. Qual é o primeiro passo para sermos realmente livres?

A dificuldade está em que quereis ser livres; não quereis, porém, compreender o problema. Sois infenso tanto à lisonja como à crítica. Desgosta-vos o ser criticado; mas, ao mesmo tempo, se bem que desejais ser insinuante, ser admirado, sentis desprezo por vós mesmo, por serdes tão infantil; desejais, por isso, livrar-vos das duas coisas.

E o resultado é que ficais com três problemas, não é verdade? É o que todos nós fazemos: quando temos um problema que não sabemos resolver, acrescentamos-lhe outros e ficamos multiplicando problemas, sucessivamente.

Nessas condições, qual é a nossa questão? A questão não é a de acharmos a maneira de não sermos influenciados pela admiração nem pela crítica, mas, sim: por que desejamos ser admirados, por que nos importamos tanto quando somos criticados?

Este é que é o problema, não achais? Por que desejais admiração? Porque o ser admirado vos faz feliz, dá-vos estímulo, faz-vos trabalhar melhor. Desejais que vos estimulem por não vos sentir seguro em vós mesmo, e necessitais, por isso, do amparo de outros; e sois susceptível à crítica porque ela nos revela o que sois.

Tal é a razão por que estais sempre fugindo à crítica e desejoso de admiração, de estímulo, de lisonja; assim, mais uma vez, vos vedes envolvido na batalha do querer e do não querer.

Tudo isso indica, sem dúvida, uma pobreza interior do vosso ser, não é verdade? Não há um sentimento profundo de confiança.

Não me refiro à arrogante confiança da experiência, que é apenas um meio de fortalecer o "eu" e, portanto, sem muita significação. Refiro-me à confiança que resulta do compreenderdes a vós mesmo, do perceberdes todo o

significado da admiração, do estímulo, da crítica.

A compreensão de vós mesmos não depende de ninguém; ela se apresentará se estiverdes muito vigilante, atento, encontrando-vos com o *que é* em cada momento que passa e abstendo-vos de julgá-lo.

O autoconhecimento proporciona uma confiança em que o "eu" não se torna importante. Não é a confiança do "eu" que acumulou considerável experiência, ou do "eu" que possui um grande depósito no banco, ou do "eu" que tem um vasto cabedal de conhecimentos. *Nisso* não existe confiança e, sim, só e sempre, temor.

Entretanto, quando a mente começa a tornar-se cônscia de si mesma e das suas reações, quando percebe todas as suas atividades, momento por momento, sem inclinação para a comparação ou o julgamento, então, desse conhecimento, resulta uma confiança inteiramente livre do "eu".

Essa mente não busca a admiração nem evita a crítica; já lhe não importa nem uma nem outra coisa, pois a cada momento encontra libertação na compreensão do *que é*.

O que é é a reação, a réplica (response), o impulso, o desejo da mente, em qualquer momento dado; e se observardes realmente *o que é*, se vos tornardes cônscios de todo o seu conteúdo, sentireis a presença de uma liberdade extraordinária, manifestando-se sem que a mente a tenha procurado.

Quando a mente *busca* a liberdade, o que está querendo é livrar-se de alguma coisa, e isso não é liberdade nenhuma, senão, unicamente, uma reação semelhante à revolução política, que é uma reação contra o regime vigente.

A liberdade surgida com a compreensão do *que é* não representa reação *contra* alguma coisa; é uma libertação criadora e, por conseguinte, completa em si mesma.

Mas a compreensão do *que é* exige muito discernimento, muita tranqüilidade mental. A liberdade não resulta de nenhuma espécie de compulsão, de nenhuma atração, de nenhum desejo; pode manifestar-se, apenas, quando a

mente percebe sem julgamento, sem escolha, de modo que a cada momento se vê a si mesma tal como é.

A mente que busca liberdade nunca a encontrará, pois procurar liberdade significa barrar, afastar *o que é*; mas, quando a mente começa a compreender *o que é*, sem escolha, essa própria compreensão produz uma descarga criadora, que é liberdade.

A liberdade é ímpar, ela é a verdadeira individualidade, e nela se encontra bem-aventurança.

(In *Percepção Criadora*, Ediouro, Rio de Janeiro.)

A transformação do pensamento

Desejo, se possível, discorrer sobre o problema da transformação. Considerando-se a situação mundial, as condições de penúria, as guerras, a competição, o incessante conflito entre os homens, a extraordinária prosperidade de algumas nações e a pobreza extrema reinante no Oriente, onde milhões de pessoas só tomam uma refeição por dia, ou nem isso — considerando-se tudo isso, torna-se bem clara a necessidade de uma radical transformação, de uma mudança revolucionária de alguma espécie.

E, acredito, deve ser óbvio a quem já pensou neste assunto, que toda mudança operada por ajustamento, compulsão ou temor não é transformação nenhuma. Simples mudança periférica, um mero ajustamento na circunferência — ajustamento político, econômico, social ou, mesmo, religioso — não é revolução.

A revolução, naturalmente, tem de operar-se no centro,

e não na circunferência, no lado externo; e como pode realizar-se essa revolução no centro?

Estou empregando a palavra "revolução" com conhecimento de causa, visto que, se houver uma mudança no centro, teremos uma *verdadeira* revolução, uma completa transformação do pensamento; e só ao verificar-se esta revolução no centro podem operar-se mudanças significativas no exterior, na periferia.

Mas nós, geralmente falando, não queremos a revolução central, e sim, apenas, mudanças exteriores — queremos uma situação econômica melhor, mais riqueza, mais conforto, mais prosperidade, mais luxo e uma maior variedade de entretenimento e distrações.

É isso o que interessa à maioria de nós. Ou trocamos uma especialidade por outra, uma religião por outra, um dogma por outro; o que significa, simplesmente, passar de uma gaiola velha para um gaiola nova.

E se temos disposições sérias, falamos sobre a necessidade de abolir a guerra — o que, mais uma vez, significa cogitar sobre a maneira de produzir modificação no exterior.

As pesquisas científicas, as reformas sociais, os ajustamentos políticos, tudo isso — assim como as várias religiões e sociedades sectárias — só diz respeito a modificações exteriores.

Ora, como produzir uma transformação no centro? Este é o problema da maioria de nós, não achais? Se estamos seriamente intencionados e reconhecemos quanto é superficial andarmos só em busca de um emprego melhor ou de uma solução imediata para os nossos problemas econômicos, políticos ou religiosos, desejaremos naturalmente saber se é possível efetuar-se uma transformação no centro, a qual, por sua vez, produza uma transformação em nossas relações com a família, com os companheiros, enfim, com a sociedade.

Não sei se já refletistes sobre este assunto; considero-o,

porém, uma questão fundamental, que se não pode facilmente desprezar. Temos tentado durante anos reformar-nos exteriormente, procuramos transformar as nossas maneiras, pensamentos, conduta, nossa sociedade, e daí não resultou nenhuma mudança radical, nenhuma libertação de forças criadoras; e a mim me parece que, sem essa profunda revolução interior, central, será vão todo esforço que empregarmos para modificar as coisas exteriores.

Nossos esforços poderão produzir modificações momentaneamente satisfatórias; entretanto, se a revolução não for efetuada no centro, a mera alteração da circunferência, da parte externa, é mui pouco significativa e poderá, eventualmente, conduzir a malefícios maiores ainda.

Compreendendo isso, averigüemos como se pode efetuar essa transformação, essa revolução no centro.

Que é esse centro? Ora, é a mente; e nós vamos averiguar se a mente pode modificar-se, se pode produzir em si mesma uma revolução interior.

A mente, como é óbvio, é constituída de níveis conscientes e níveis inconscientes; e todo esforço da mente consciente para se modificar está sempre compreendido na esfera exterior. Vede bem a importância disso.

Como já disse — se posso repeti-lo, sem enfadar-vos — é muito importante saber escutar. Quando se faz um esforço consciente para escutar, para compreender, esse mesmo esforço dificulta a compreensão.

Quando aplicais toda a vossa atenção à tentativa de descobrir algo, vossa mente fica num estado de tensão e, por isso, não há "escuta", não há penetração, não há reação espontânea a algo que se não compreende perfeita e plenamente. Todavia, o "escutar" exige uma certa atenção, porquanto não significa que vos ponhais simplesmente a dormir. Mas "escutar" é coisa muito diferente de "ouvir".

Podeis ouvir o que estou dizendo e compreender a significação das palavras; porém, se a vossa mente não ultrapassar a mera comunicação verbal entre nós dois, não

haverá compreensão real.

O que estou tentando transmitir não é tanto a significação verbal, quanto, principalmente, as coisas existentes entre as palavras, no espaço, no intervalo entre os pensamentos.

Se a mente puder estar quieta, atenta para o que se acha entre as palavras, se puder pôr-se em tal estado de "afinação", será então capaz de "escutar" integralmente, na totalidade; e é esse escutar, possivelmente, que traz a revolução, e não o esforço consciente para compreender.

A maioria de nós conhece o esforço consciente de modificar, de disciplinar a mente, e, por esse motivo, o que chamamos modificação representa uma operação parcial, e não uma revolução total. E eu estou-me referindo à revolução total, integral, e não à ação parcial, de superfície; e essa revolução total não pode verificar-se por meio de nenhum esforço consciente de nossa parte.

Sabemos o que é a consciência, estamos bem familiarizados com a mente consciente que pensa e deseja, movida pelo impulso, pela intenção, e determina o ajustamento. A mente consciente está sempre forcejando em determinado sentido, ou para ajustar-se pelo temor, ou, ainda pelo temor, transformar-se, a fim de adaptar-se a outro padrão de ação.

Por conseguinte, todo esforço visante a uma modificação é um ajustamento sob a influência do temor, do desejo de termos bom êxito ou do desejo de nos tornarmos melhores, para alcançarmos um certo resultado, seja neste mundo, seja no mundo da santidade.

É urgentemente necessária uma revolução profunda, mas, é óbvio, essa revolução deve ser inconsciente; pois, se produzo deliberadamente uma revolução em mim mesmo, essa revolução será resultado de desejo, de memória, do tempo. Desejo tornar-me melhor, conseguir um resultado, descobrir o que é Deus, o que é a Verdade, ser mais feliz; por isso digo que há necessidade de transformação.

O esforço positivo ou negativo, o esforço para ser ou não ser, se baseia no temor, na ânsia de ganho, de conforto, paz, segurança; assim, pois, toda modificação operada por um esforço consciente não é verdadeira transformação e, sim, puro ajustamento a um padrão diferente. A esse respeito, temos de perceber a verdade *completamente*.

Como todas as revoluções econômicas, quer da direita, quer da esquerda, o esforço consciente não produz nenhuma transformação no centro. Ambas as coisas só produzem tiranias. O sábio, portanto, não se preocupa essencialmente com modificações periféricas: interessa-lhe só a revolução interior, a revolução que se opera no centro. E como iremos, vós e eu, produzir essa transformação?

Não sei se percebeis a importância desta questão. Todas as escolas de religião, todas as sociedades religiosas, procuram produzir modificação por meio de esforço consciente, por meio de disciplina, ajustamento, temor, por meio do desejo de alcançar uma situação melhor, quer socialmente, quer religiosa ou psicologicamente; e tudo isso está compreendido na esfera exterior.

Sem dúvida, porém, o homem que, conscientemente, se está tornando virtuoso é imoral, uma vez que é virtuoso no interesse da própria segurança, do próprio conforto e felicidade. Não estamos falando dessa espécie de mudança ou transformação.

Como então efetuar essa revolução no centro? Vemos que o esforço deliberado e consciente do nosso pensamento ordinário não pode realizá-la. E pode o inconsciente fazê-la?

Compreendeis o que queremos dizer quando nos referimos ao "inconsciente"? O inconsciente é o resíduo do passado, não é exato? É o resultado dos instintos raciais, das impressões culturais, de tudo o que fomos no passado, de toda a luta do homem contra seus ocultos intentos, compulsões, ímpetos.

Pode esse inconsciente ajudar-nos a operar uma modifi-

cação, uma revolução no centro? E existe alguma diferença, algum intervalo ou hiato entre o inconsciente e o consciente?

Sem dúvida, a mente consciente, a mente que está desperta durante o dia, funcionando em nossas atividades diárias, é apenas a orla do inconsciente, não é verdade? Não há diferença fundamental entre os dois (o consciente e o inconsciente). Assim como a folha de uma árvore é o produto das suas raízes, aprofundadas no seio da terra, assim também a mente consciente é o produto do inconsciente profundo.

Não há distinção entre eles; não são duas coisas diversas; nós é que não estamos familiarizados com o inconsciente.

É-nos familiar a mente consciente, a atividade diária de ganância, competição, ciúme, inveja, o desejar uma coisa e não desejar outra, a nossa luta incessante; mas os mesmos impulsos encontram-se também nos níveis mais profundos, não é verdade? Pode-se, pois, contar com o inconsciente para se realizar uma transformação radical?

Se prestais atenção ao que estou dizendo e o seguis sem esforço, encontrareis a solução correta; e o descobrimento da solução correta é a revolução no centro.

Qual é o estado da mente quando não há esforço algum, nem por parte do consciente nem do inconsciente? *Existe*, então, um centro? Para a maioria de nós existe um centro, que é o "eu", o "ego"; e se esse centro se acha num nível superior ou inferior, isso não tem grande importância.

O centro é o "eu", o instinto de aquisição, que se expressa no possuir propriedades, no desejo de nos tornarmos melhores, de adquirir virtudes, pelo controle, pela disciplina e tudo o mais.

Temores, ansiedades, disposições de ânimo, anelos, esperanças, fracassos, frustrações — tal é o centro que conhecemos, não é verdade? E o fazer cessar *completamente* esse centro é a única revolução verdadeira; essa revolução, porém, não é possível por meio de esforço por parte do

consciente ou do inconsciente.

Pois bem. Quando percebemos tudo isso, qual é o estado da nossa mente? Evidentemente, a primeira reação é um sentimento de ansiedade, de temor, de desconhecimento do que vai acontecer.

O "eu", o centro, que é uma acumulação de inúmeras reações, inúmeras influências culturais, políticas e religiosas — esse centro é que tem funcionado até agora; e se queremos que esse centro desapareça *de todo*, para que a mente seja pura, incorruptível, única, singular, a primeira reação, por certo, é um tremendo sentimento de negação, de não-ser; e mui poucos de nós somos capazes de suportar tal coisa, que significa olhar de frente o que na realidade somos.

Por conseguinte, no centro existe temor, e, refugiados nesse centro, começamos a levantar defesas, a apegar-nos aos nossos dons, capacidade, talentos, produzindo desse modo o conflito constante entre o que somos realmente e o que gostaríamos de ser. E, entretanto, em momentos lúcidos, percebemos que esse mero lidar com coisas exteriores nunca produzirá uma revolução profunda, duradoura, fundamental.

Nessas condições, aqueles entre nós que tiverem intenções sérias e inclinações religiosas hão de interessar-se necessariamente por esta questão da revolução no centro.

Uma vez que nem a mente consciente nem a inconsciente podem produzir uma transformação fundamental no centro, que deve a mente fazer? Pode ela fazer *alguma coisa*? Como vimos, a mente tanto é atividade consciente como atividade inconsciente de pensamento, de reação, de memória.

A mente é resultado do tempo, e o tempo não pode produzir revolução. Ao contrário, só o cessar do tempo produz a revolução fundamental no centro. O centro está afeito ao tempo, o centro *é* tempo, é todo o "processo" psicológico de ontem, hoje, amanhã — eu fui, eu sou, eu

serei — frustração, temor, esperança.

Como vemos, a mente não pode produzir revolução; quando o faz, cria mais brutalidade, mais tiranias, mais horrores, e a compulsão totalitária. E se a mente é incapaz de efetuar uma transformação radical, qual é então a sua função?

Espero que estejais me seguindo, porquanto não falo para mim mesmo, mas também para vós. Acredito, se essa revolução extraordinária pudesse realizar-se em cada um de nós, criaríamos um mundo diferente, seríamos missionários de uma nova espécie, de uma espécie inteiramente diversa — não daqueles que convertem, mas dos que libertam.

Qual é, pois, a função da mente, ao reconhecer que nenhum esforço, consciente ou inconsciente, da sua parte, pode produzir uma transformação completa? Que deve ela fazer? Apenas, ficar tranqüila, não é verdade? Todo esforço de sua parte para modificar-se é produto de seu condicionamento, de seu temor, do desejo de bom êxito, da esperança de melhorar as coisas; e tal esforço só pode dificultar o descobrimento da solução correta.

Vede bem a importância disso. Se reconheço que a revolução fundamental não pode ser produzida por nenhuma reação da mente consciente ou inconsciente; que todas essas reações estão baseadas no temor, que impele à aquisição, na memória, no tempo, e se encontram, portanto, na parte externa, na periferia — se reconheço tudo isso, então o que a mente deve fazer é ficar completamente tranqüila, não achais?

A função da mente, por conseguinte, consiste apenas em perceber como surgem essas reações, e em não procurar conquistar um determinado estado ou produzir uma modificação no centro, pela ação da vontade. O que pode fazer é apenas observar as próprias reações.

O observar, porém, exige paciência infinita; e se sois impaciente, a observação transforma-se num trabalho

exaustivo, pois desejais progredir, desejais um resultado.

Só quando a mente está sempre cônscia de suas próprias reações de temor, de ganância, de inveja, de esperança, essas reações podem desaparecer; não desaparecem, porém, quando há condenação, comparação, julgamento. Só desaparecem pela observação simples, inteiramente isenta de escolha.

A mente se torna então extraordinariamente tranqüila, de todo serena, e uma vez existente essa serenidade, opera-se uma revolução no centro.

Aí, somente, há a possibilidade de se ser individual, porque então a mente está só, livre de toda influência. Esse estado é criação. Nele, não existe um "experimentador" que experimenta. Enquanto há "experimentador", há processo de tempo.

Assim, essa revolução no centro, tão obviamente necessária, não é possível por meio de nenhuma espécie de compulsão ou disciplina, que são coisas muito infantis; realizar-se-á apenas quando a mente estiver de todo tranqüila, percebendo, sem escolha, todas as suas reações externas e internas, como um processo total.

Vereis, então, surgir um sentimento extraordinário de bem-aventurança interior, o que não constitui uma promessa, nem uma recompensa de vossos valorosos esforços de muitos dias, ou muitos anos, para alcançá-la.

Essa felicidade, essa bem-aventurança não é o oposto do sofrimento; nada tem em comum com o sofrimento. Esse estado nasce da compreensão do sofrimento, a qual nos torna livres do sofrimento.

Ao apreciarmos estas questões, espero que vós e eu estejamos realmente refletindo *juntos* sobre o problema respectivo. Não estais à espera de *minha* solução, pois eu não dou soluções. É muito simples dar respostas, dizer "sim" ou "não", como qualquer mestre-escola.

O importante é que vós e eu descubramos a solução *no próprio problema*, porquanto esta é a única solução corre-

ta; e para o fazermos, deveis estar vigilantes, e eu devo estar vigilante. A solução correta não se encontra facilmente.

Temos, quase todos nós, tanta ânsia de achar a solução e passar ao problema seguinte, que nunca examinamos o próprio problema.

Só há um problema, embora possa ter enunciados diferentes; e para que ele seja compreendido através dos seus diversos enunciados, requer-se muita sabedoria, penetração, discernimento, e uma paciência que não é indolência.

Para penetrar, compreender, deve a mente estar livre de toda autoridade, de todo o saber dos livros, de tudo o que outra pessoa tenha dito anteriormente. Infelizmente, temos lido tanto, sabemos tão bem o que disse o Buda, o que disse o Cristo ou outro qualquer, que somos incapazes de refletir sobre o problema de princípio a fim. Mas, para que possamos achar juntos a solução correta, tendes de pensar, investigar, penetrar a questão.

Dizeis que o libertar-nos do "eu" é uma árdua empresa, e, ao mesmo tempo, declarais que todo esforço de libertação constitui um empecilho a essa própria libertação. Como executar essa "árdua tarefa" sem esforço?

Que entendeis por esforço?

Quando é que fazeis esforço?

E se não há esforço algum, implica isso indolência, estagnação? Comecemos, pois, por averiguar o que se entende por esforço, em que sentido estamos fazendo esforço, e por que fazemos esforço.

Quando dizemos "fazer esforço", entendemos sempre um dispêndio de energias com o fim de alcançarmos um resultado, não é isso?

Desejamos mais saúde, mais compreensão, uma melhor situação econômica, social ou política, etc., o que significa que estamos sempre a fazer esforço para chegarmos a

alguma parte.

Ou, também, fazemos esforço para afastar certos obstáculos psicológicos. Se somos invejosos, dizemos que não devemos sê-lo, criando, assim, uma resistência contra a inveja.

Ou, ainda, queremos ser muito eruditos, queremos saber mais, para causar impressão nos outros ou para obtermos um emprego melhor; por conseguinte, lemos, estudamos.

Eis tudo o que sabemos a respeito do esforço, não é verdade?

Para a maioria de nós, o esforço ou é positivo ou negativo, um processo de vir a ser ou não vir a ser; e esse mesmo processo provém do centro do "eu", não é exato? Se sou invejoso e faço esforço para não sê-lo, não há dúvida de que a entidade que faz tal esforço é ainda o "ego", o "eu".

Todo esforço para dominar o "eu", positiva ou negativamente, é ainda parte do "eu", e, por conseguinte, só pode dar-lhe mais força; e ficamos presos nesse círculo vicioso.

O problema, pois, é de como quebrar o círculo vicioso, essa cadeia contínua de esforços que só servem para fortalecer o "eu".

Tende a bondade de seguir o que vou dizer. Só podereis quebrar o círculo vicioso se ficardes cônscios dele como um processo total.

Ao perceber que é invejosa, a mente deseja ser não-invejosa, pensando que o não ser invejoso traz certa compensação; aufere ela certa satisfação do esforço que faz para não ser invejosa, registra uma vitória espiritual. Assim, em não ser invejosa a mente encontra segurança, proteção, e o produtor do esforço é ainda o "ego", o "eu".

Tende a bondade de perceber bem isso, *só* isso.

Surge, assim, o problema: que devo fazer, quando sou invejoso? Estou acostumado a rejeitar a inveja, a levantar resistência contra ela; veja agora quanto isso é fútil, quanto é absurdo que uma parte de mim mesmo esteja a negar a outra parte, quando eu sou o todo. Que devo então fazer?

Entretanto, jamais chegamos a esse ponto, não reconhecemos nunca o fato de sermos, ao mesmo tempo, a inveja e o desejo de não ser invejoso. Quando somos invejosos, fazemos vigorosos esforços para dominar a inveja, e pensamos que esse esforçar-se é benéfico, e nos libertará do "eu". Não o fará.

Mas quando compreendo, quando estou perfeitamente cônscio de que a inveja e o desejo de não ser invejoso constituem um processo total, há então esforço? Ocorre então algo inteiramente diferente, não é verdade?

Muito bem. No momento em que estamos cônscios de ser invejosos, coléricos ou ciumentos, põe-se em funcionamento um processo de condenação; e enquanto estamos condenando, não há compreensão.

As próprias palavras "inveja", "cólera", "ciúme", subentendem julgamento, comparação, condenação, não é exato? Através de séculos de educação, de civilização, de ensino religioso, estas palavras adquiririam um sentido de censura, representam algo que cumpre afastar, algo a que devemos resistir, combater, e nossa reação é toda nesse sentido.

Assim, ao dar nome a certos sentimentos, já estou em atitude condenatória; e o próprio ato de condenar, de resistir a um sentimento, dá-lhe mais força. Se não condeno a inveja, isso significa render-me a ela? Tornar-me-ei *mais* invejoso? Ora, inveja é sempre inveja, nem *mais* nem *menos*.

O desejo, a direção pode variar, mas a inveja é sempre a mesma coisa, quer tenha por objeto um Ford ou um Cadillac, quer objetive uma casa grande ou uma casa pequena. Assim, pois, o não dar nome à inveja, e portanto o não condená-la, não significa ceder a ela.

Quando compreendemos que a própria palavra "inveja" denota condenação, que o sentimento de antagonismo à inveja é inerente à própria palavra, manifesta-se logo um estado de liberdade. Essa liberdade não se opõe à inveja,

não é liberdade *da* inveja.

Liberdade *de* uma determinada qualidade não é liberdade nenhuma, e o homem livre de algo assemelha-se ao homem que está *contra* o governo: enquanto está contra alguma coisa não é um homem livre. A liberdade é completa em si; não resulta de alguma atitude, não é contra algum estado ou qualidade.

Vemos, pois, que todo esforço para vencermos alguma coisa, para libertar-nos de alguma coisa, só dá mais força ao "eu", ao "ego"; e quando compreendemos isso realmente, quando estamos cônscios da qualidade e do seu oposto, como um processo total, e percebemos como a própria palavra encerra condenação ou estímulo, então já não estamos na sujeição das palavras e, portanto, nosso espírito está livre para considerar, observar *o que é*.

A compreensão do *que é*, e a liberdade que traz, não resulta do exercício persistente, de esforço penoso, a que dedicamos vários minutos todas as manhãs; apenas surge essa compreensão quando estamos cônscios, em todo o correr do dia, das árvores, dos pássaros, das nossas próprias reações, das coisas que sucedem interior e exteriormente, como um processo total.

Quando há condenação ou justificação, comparação ou identificação, não há compreensão do *que é*; por isso, torna-se dificílimo o estar cônscio.

O que é só pode ser compreendido momento por momento, e isso significa devermos estar perfeitamente cônscios de que estamos julgando, de que cada palavra implica rejeição ou aceitação. Enquanto a mente for a expressão verbal do seu próprio condicionamento, nunca será livre. Só há liberdade quando a mente está aliviada de todo pensamento.

(In *Percepção Criadora,* Ediouro, Rio de Janeiro.)

O amor

A necessidade de segurança nas relações gera inevitavelmente o sofrimento e o medo. Essa busca de segurança atrai a insegurança. Já encontrastes alguma vez segurança em alguma de vossas relações? Já? A maioria de nós quer a segurança no amar e no ser amado, mas existirá amor quando cada um está a buscar a própria segurança, seu caminho próprio? Nós não somos amados porque não sabemos amar.

Que é o amor? Esta palavra está tão carregada e corrompida, que quase não tenho vontade de empregá-la. Todo o mundo fala de amor — toda revista e jornal e todo missionário discorre interminavelmente sobre o amor. Amo a minha pátria, amo o meu rei, amo um certo livro, amo aquela montanha, amo o prazer, amo minha esposa, amo a Deus. O amor é uma idéia? Se é, pode então ser cultivado, nutrido, conservado com carinho, moldado, torcido de todas as maneiras possíveis. Quando dizeis que amais a Deus, que significa isso? Significa que amais uma projeção de vossa própria imaginação, uma projeção de vós mesmos,

revestida de certas formas de respeitabilidade, conforme o que pensais ser nobre e sagrado; o dizer "Amo a Deus" é puro contra-senso. Quando adorais a Deus, estais adorando a vós mesmos; e isso não é amor.

Incapazes, que somos, de compreender essa coisa humana chamada amor, fugimos para abstrações. O amor pode ser a solução final de todas as dificuldades, problemas e aflições humanas. Assim, como iremos descobrir o que é o amor? Pela simples definição? A Igreja o tem definido de uma maneira, a sociedade de outra, e há também desvios e perversões de toda espécie. A adoração de uma certa pessoa, o amor carnal, a troca de emoções, o companheirismo — será isso o que se entende por amor? Essa foi sempre a norma, o padrão, o que se entende por amor? Essa foi sempre a norma, o padrão, que se tornou tão pessoal, sensual, limitado, que as religiões declararam que o amor é muito mais do que isso. Naquilo que denominam "amor humano", vêem elas que existe prazer,competição, ciúme, desejo de possuir, de conservar, de controlar, de influir no pensar de outrem e, sabendo da complexidade dessas coisas, dizem as religiões que deve haver outra espécie de amor — divino, belo, imaculado, incorruptível.

Em todo o mundo, certos homens chamados "santos" sempre sustentaram que olhar para uma mulher é pecaminoso; dizem que não podemos aproximar-nos de Deus se nos entregamos ao sexo e, por conseguinte, o negam, embora eles próprios se vejam devorados por ele. Mas, negando o sexo, esses homens arrancam os próprios olhos, decepam a própria língua, uma vez que estão negando toda a beleza da Terra. Deixaram famintos os seus corações e a sua mente; são entes humanos "desidratados"; baniram a beleza, porque a beleza está ligada à mulher.

Pode o amor ser dividido em sagrado e profano, humano e divino, ou só há *amor*? O amor é para um só e não para muitos? Se digo "Amo-te", isso exclui o amor a outro? O amor é pessoal ou impessoal? Moral ou imoral? Familial ou

não familial? Se amais a humanidade, podeis amar o indivíduo? O amor é sentimento? Emoção? O amor é prazer e desejo? Todas essas perguntas indicam — não é verdade? — que temos idéias a respeito do amor, idéias sobre o que ele deve ou não deve ser, um padrão, um código criado pela cultura em que vivemos.

Assim, para examinarmos a questão do amor — o que é o amor — devemos primeiramente libertar-nos das incrustações dos séculos, lançar fora todos os ideais e ideologias sobre o que ele deve ou não deve ser. Dividir qualquer coisa em o que deveria ser o que é é a maneira mais ilusória de enfrentar a vida.

Ora, como iremos saber o que é essa chama que denominamos amor — não a maneira de expressá-lo a outrem, porém o que ele próprio significa? Em primeiro lugar, rejeitarei tudo o que a Igreja, a sociedade, meus pais e amigos, todas as pessoas e todos os livros disseram a seu respeito, porque desejo descobrir por mim mesmo o que ele é. Eis um problema imenso, que interessa a toda a humanidade; há milhares de maneiras de defini-lo e eu próprio me vejo todo enredado neste ou naquele padrão, conforme a coisa que, no momento, me dá gosto ou prazer. Por conseguinte, para compreender o amor, não devo em primeiro lugar libertar-me de minhas inclinações e preconceitos? Vejo-me confuso, dilacerado pelos meus próprios desejos e, assim, digo entre mim: "Primeiro, dissipa a tua confusão. Talvez tenhas possibilidade de descobrir o que é o amor através do que ele não é".

O governo ordena: "Vai e mata, por amor à pátria!" Isso é amor? A religião preceitua: "Abandona o sexo, pelo amor de Deus". Isso é amor? O amor é desejo? Não digais que não. Para a maioria de nós, é; desejo acompanhado de prazer, prazer derivado dos sentidos, pelo apego e o preenchimento sexual. Não sou contrário ao sexo, mas vede o que ele implica. O que o sexo vos dá momentaneamente é o total abandono de vós mesmos, mas, depois, voltais à

vossa agitação; por conseguinte, desejais a constante repetição desse estado livre de preocupação, de problema, do "eu". Dizeis que amais vossa esposa. Nesse amor está implicado o prazer sexual, o prazer de terdes uma pessoa em casa para cuidar dos filhos e cozinhar. Dependeis dela; ela vos deu o seu corpo, suas emoções, seus incentivos, um certo sentimento de segurança e bem-estar. Um dia, ela vos abandona; aborrece-se ou foge com outro homem, e eis destruído todo o vosso equilíbrio emocional; essa perturbação, de que não gostais, chama-se ciúme. Nele existe sofrimento, ansiedade, ódio e violência. Por conseguinte, o que realmente estais dizendo é: "Enquanto me pertences, eu te amo; mas, tão logo deixes de pertencer-me, começo a odiar-te. Enquanto posso contar contigo para satisfação de minhas necessidades sociais e outras, amo-te, mas, tão logo deixes de atender às minhas necessidades, não gosto mais de ti". Há, pois, antagonismo entre ambos, há separação, e quando vos sentis separados um do outro, não há amor. Mas, se puderdes viver com vossa esposa sem que o pensamento crie todos esses estados contraditórios, essas intermináveis contendas dentro de vós mesmos, talvez então — *talvez* — sabereis o que é o amor. Sereis então completamente livre, e ela também; ao passo que, se dela dependeis para os vossos prazeres, sois seu escravo. Portanto, quando uma pessoa ama, deve haver liberdade — a pessoa deve estar livre, não só da outra, mas também de si própria.

No estado de pertencer a outro, de ser psicologicamente nutrido por outro, de outro depender — em tudo isso existe sempre, necessariamente, a ansiedade, o medo, o ciúme, a culpa, e enquanto existe medo, não existe amor. A mente que se acha nas garras do sofrimento jamais conhecerá o amor; o sentimentalismo e a emotividade nada, absolutamente nada, têm que ver com o amor. Por conseguinte, o amor nada tem em comum com o prazer e o desejo.

O amor não é produto do pensamento, que é o passado. O pensamento não pode de modo nenhum cultivar o amor. O amor não se deixa cercar e enredar pelo ciúme; porque o ciúme vem do passado. O amor é sempre o presente ativo. Não é "amarei" ou "amei". Se conheceis o amor, não seguireis ninguém. O amor não obedece. Quando se ama, não há respeito nem desrespeito.

Não sabeis o que significa amar realmente alguém — amar sem ódio, sem ciúme, sem raiva, sem procurar interferir no que o outro faz ou pensa, sem condenar, sem comparar — não sabeis o que isso significa? Quando há amor, há comparação? Quando amais alguém de todo o coração, com toda a vossa mente, todo o vosso corpo, todo o vosso ser, existe comparação? Quando vos abandonais completamente a esse amor, não existe "o outro".

O amor tem responsabilidades e deveres, e emprega tais palavras? Quando fazeis alguma coisa por dever, há nisso amor? No dever não há amor. A estrutura do dever, na qual o ente humano se vê aprisionado, o está destruindo. Enquanto sois obrigado a fazer uma coisa, porque é vosso dever fazê-la, não amais a coisa que estais fazendo. Quando há amor, não há dever nem responsabilidade.

A maioria dos pais, infelizmente, pensa que são responsáveis por seus filhos, e seu senso de responsabilidade toma a forma de preceituar-lhes o que devem fazer e o que não devem fazer, o que devem ser e o que não devem ser. Querem que os filhos conquistem uma posição segura na sociedade. Aquilo a que chamam responsabilidade faz parte daquela respeitabilidade que eles cultivam; e a mim me parece que, onde há respeitabilidade, não existe ordem; só lhes interessa o tornar-se um perfeito burguês. Preparando os filhos para se adaptarem à sociedade, estão perpetuando a guerra, o conflito e a brutalidade. Pode-se chamar a isso zelo e amor?

Zelar, com efeito, é cuidar como se cuida de uma árvore ou de uma planta, regando-a, estudando as suas necessida-

des, escolhendo o solo mais adequado, tratá-la com carinho e ternura; mas quando preparais os vossos filhos para se adaptarem à sociedade, os estais preparando para serem mortos. Se amásseis vossos filhos, não haveria guerras.

Quando perdeis alguém que amais, verteis lágrimas; essas lágrimas são por vós mesmos ou pelo morto? Estais pranteando a vós mesmos ou ao outro? Já chorastes por outrem? Já chorastes o vosso filho, morto no campo de batalha? Choraste, decerto, mas essas lágrimas foram produto da autocompaixão ou chorastes porque um ente humano foi morto? Se chorais por autocompaixão, vossas lágrimas nada significam, porque estais interessado em vós mesmos. Se chorais porque vos foi arrebatada uma pessoa em quem "depositastes" muita afeição, não se trata de uma afeição real. Se chorais a morte de vosso irmão, chorai *por ele*! É muito fácil chorardes por vós mesmos porque ele partiu. Aparentemente, chorais porque vosso coração foi atingido, mas não foi atingido por causa dele; foi atingido pela autocompaixão, e a autocompaixão vos endurece, vos fecha, vos torna embotado e estúpido.

Quando chorais por vós mesmos, será isso amor? — chorar porque ficastes sozinho, porque perdestes o vosso poder; queixar-vos de vossa triste sina, de vosso ambiente — sempre *vós* a verter lágrimas. Se compreenderdes esse fato, e isso significa pôr-vos em contato com ele tão diretamente como quando tocais uma árvore ou uma coluna ou uma mão, vereis então que o sofrimento é produto do "eu", o sofrimento é criado pelo pensamento, o sofrimento é produto do tempo. Há três anos eu tinha meu irmão; hoje ele é morto e estou sozinho, desolado, não tenho mais a quem recorrer para ter conforto ou companhia, e isso me traz lágrimas aos olhos.

Podeis ver tudo isso acontecer dentro de vós mesmos, se o observardes. Podeis vê-lo de maneira plena, completa, num relance, sem precisardes do tempo analítico. Podeis ver num momento toda a estrutura e natureza dessa coisa

desvaliosa e insignificante, chamada "eu" — minhas lágrimas, minha família, minha nação, minha crença, minha religião — toda essa felicidade está em vós. Quando a virdes com vosso coração, e não com vossa mente, quando a virdes do fundo de vosso coração, tereis então a chave que acabará com o sofrimento.

O sofrimento e o amor não podem coexistir, mas no mundo cristão idealizaram o sofrimento, crucificaram-no para o adorar, dando a entender que ninguém pode escapar ao sofrimento a não ser por aquela única porta; tal é a estrutura de uma sociedade religiosa, exploradora.

Assim, ao perguntardes o que é o amor, podeis ter muito medo de ver a resposta. Ela pode significar uma completa reviravolta; poderá dissolver a família; podeis descobrir que não amais vossa esposa ou marido ou filhos (vós os amais?); podeis ter de demolir a casa que construístes; podeis nunca mais voltar ao templo.

Mas, se desejais continuar a descobrir, vereis que o medo não é amor, a dependência não é amor, o ciúme não é amor, a posse e o domínio não são amor, responsabilidade e dever não são amor, autocompaixão não é amor, a agonia de não ser amado não é amor, que o amor não é o oposto do ódio, como também a humildade não é o oposto da vaidade. Dessarte, se fordes capaz de eliminar tudo isso, não à força, porém lavando-o assim como a chuva fina lava a poeira de muitos dias depositada numa folha, então, talvez, encontrareis aquela flor peregrina que o homem sempre buscou sequiosamente.

Se não tendes amor — não em pequenas gotas, mas em abundância; se não estais transbordando de amor, o mundo irá ao desastre. Intelectualmente, sabeis que a unidade humana é a coisa essencial e que o amor constitui o único caminho para ela, mas quem pode ensinar-vos a amar? Poderá uma autoridade, um método, um sistema ensinar-vos a amar? Se alguém vo-lo ensina, isso não é amor.

Podeis dizer: “Eu me exercitarei para o amor. Sentar-me-ei todos os dias para refletir sobre ele. Exercitar-me-ei para ser bondoso, delicado e me forçarei a ser atencioso com os outros”? Achais que podeis disciplinar-vos para amar, que podeis exercer a vontade para amar? Quando exerceis a vontade e a disciplina para amar, o amor vos foge pela janela. Pela prática de um certo método ou sistema de amar, podeis tornar-vos muito hábil, ou mais bondoso, ou entrar num estado de não-violência, mas nada disso tem algo em comum com o amor.

Neste mundo tão dividido e árido não há amor, porque o prazer e o desejo têm a máxima importância, e, todavia, sem amor, vossa vida diária é sem significação. Também, não podeis ter o amor se não tendes a beleza. A beleza não é uma certa coisa que vedes — não é uma bela árvore, um belo quadro, um belo edifício ou uma bela mulher; só há beleza quando o vosso coração e a vossa mente sabem o que é o amor. Sem o amor e aquele percebimento da beleza, não há virtude, e sabeis muito bem que tudo o que fizerdes — melhorar a sociedade, alimentar os pobres — só criará mais malefício, porque, quando não há amor, só há fealdade e pobreza em vosso coração e vossa mente. Mas, quando há amor e beleza, tudo o que se faz é correto, tudo o que se faz é ordem. Se sabeis amar, podeis fazer o que desejardes, porque o amor resolverá todos os outros problemas.

Alcançamos, assim, este ponto: poderá a mente encontrar o amor sem precisar de disciplina, de pensamento, de coerção, de nenhum livro, instrutor ou guia — encontrá-lo assim como se encontra um belo pôr-de-sol?

Uma coisa me parece absolutamente necessária: a paixão sem motivo, a paixão não resultante de compromisso ou ajustamento, a paixão que não é lascívia. O homem que não sabe o que é paixão jamais conhecerá o amor, porque o amor só pode existir quando a pessoa se desprende

totalmente de si própria.

A mente que busca não é uma mente apaixonada, e não buscar o amor é a única maneira de encontrá-lo; encontrá-lo inesperadamente e não como resultado de qualquer esforço ou experiência. Esse amor, como vereis, não é do tempo; ele é tanto pessoal como impessoal, tanto um só como multidão. Como uma flor perfumosa, podeis aspirar-lhe o perfume, ou passar por ele sem o notardes. Aquela flor é para todos e para aquele que se curva para aspirá-la profundamente a olhá-la com deleite. Quer estejamos muito perto, no jardim, quer muito longe, isso é indiferente à flor, porque ela está cheia de seu perfume e pronta a reparti-lo com todos.

O amor é uma coisa nova, fresca, viva. Não tem ontem nem amanhã. Está além da confusão do pensamento. Só a mente inocente sabe o que é o amor, e a mente inocente pode viver no mundo não inocente. Só é possível encontrá-la, essa coisa maravilhosa que o homem sempre buscou sequiosamente por meio de sacrifícios, de adoração, das relações, do sexo, de toda espécie de prazer e de dor, só é possível encontrá-la quando o pensamento, alcançando a compreensão de si próprio, termina naturalmente. O amor não conhece oposto, não conhece conflito.

Podeis perguntar: "Se encontro esse amor, que será de minha mulher, de minha família? Eles precisam de segurança". Fazendo essa pergunta, mostrais que nunca estivestes fora do campo do pensamento, fora do campo da consciência. Quando tiverdes alguma vez estado fora desse campo, nunca fareis uma tal pergunta, porque sabereis o que é o amor em que não há pensamento e, por conseguinte, não há o tempo. Podeis ler tudo isto hipnotizado e encantado, mas ultrapassar realmente o pensamento e o tempo — o que significa transcender o sofrimento — é estar cônscio de uma dimensão diferente, chamada "amor".

Mas, não sabeis como chegar-vos a essa fonte maravilhosa — e, assim, que fazeis? Quando não sabeis o que fazer,

nada fazeis, não é verdade? Nada, absolutamente. Então, interiormente estais completamente em silêncio. Compreendeis o que isso significa? Significa que não estais buscando, nem desejando, nem perseguindo; não existe centro nenhum. Há, então, o amor.

(In *Liberte-se do Passado*, Cultrix, São Paulo, 1988.)

A outra margem do caminho

Desejo ser diferente

Meditação significa esvaziar a mente do "conhecido". O conhecido é o passado. O esvaziar não vem no fim de uma acumulação, mas significa: nada acumular. "O que foi" só se esvazia no presente, não por meio do pensamento, mas, sim, pela ação, pela atividade de "o que é". O passado é movimento de conclusão para conclusão, e julgamento de "o que é" pela conclusão. Todo juízo é conclusão, a qual pode ser do passado ou do presente, e é esta conclusão que impede o constante esvaziar da mente, do conhecido: porque o conhecido é sempre conclusão, determinação.

O conhecido é a ação da vontade, e a vontade em ação é a continuação do conhecido; por conseguinte, a ação da vontade não pode de modo nenhum esvaziar a mente. A "mente vazia" não pode ser adquirida em nenhum mercado, torna-se existente quando o pensamento está bem cônscio de suas próprias atividades — e não quando o pensador está cônscio do seu pensamento.

A meditação é a inocência do presente e, em conseqüência, é sempre *só*. A mente totalmente só, ilesa do pensamento, cessa de acumular. Portanto, o esvaziar da mente está sempre no presente. Para a mente que está só, o futuro — que pertence ao passado — deixa de existir. A meditação é um movimento, e não uma conclusão, um fim que precisa ser alcançado.

A floresta era muito grande e continha pinheiros, carvalhos, arbustos e sequóias [2]. Lá havia um regato que descia o declive com um constante murmúrio. Viam-se pequenas borboletas azuis e amarelas que, talvez por não acharem uma flor em que pousar, iam flutuando no ar, em demanda do vale, lá embaixo.

Era muito velha aquela floresta, e as sequóias mais velhas ainda. Árvores enormes, muito altas, e predominava ali aquela peculiar atmosfera da ausência do homem — com suas espingardas, seu tagarelar e sua exibição de saber. Não havia caminho pela floresta. Tivemos de deixar o carro a alguma distância e percorrer uma vereda atapetada de folhas de pinheiro.

Encontramos um gaio, que logo avisou a todos da aproximação do homem. O aviso produziu efeito, porque todo movimento animal pareceu deter-se e estabeleceu-se aquela atmosfera de intensa vigilância. O Sol dificilmente penetrava ali, e predominava uma tranqüilidade que quase se podia apalpar.

Dois esquilos vermelhos, de caudas longas e felpudas, desceram pelo pinheiro, a tagarelar, e a fazer com suas garras um barulho de arranhaduras. Perseguiam um ao outro, rodopiando pelo tronco, num delírio do prazer e de deleite. Havia entre eles uma certa tensão — uma combi-

---

[2]*Sequóia:* árvore da Califórnia, de madeira vermelha, razão por que também é chamada *redwood.* (Cf. "Webster Collegiate") — (N. do T.).

nação de brinquedo, sexo e alegria. Estavam de fato a deliciar-se. O de cima às vezes parava subitamente para observar o de baixo, e então o de baixo também parava, e os dois ficavam a olhar-se, as caudas erguidas, os focinhos a mexer-se, apontados um para o outro. Com os olhos agudos absorviam um ao outro e também o movimento em redor. Estiveram antes a ralhar com o homem que os observava, sentado embaixo da árvore, mas já o tinham esquecido; entretanto, continuavam bem atentos um para o outro, e a gente quase podia sentir o deleite que encontravam em sua mútua companhia. Seu ninho devia ser bem no alto. Por fim se cansaram; um correu para o alto da árvore e o outro pelo chão, desaparecendo atrás de outra árvore.

O gaio azul, muito vivo e curioso, estivera a observá-los e ao homem sentado embaixo da árvore; também ele partiu, voando e soltando altos gritos.

Acumulavam-se nuvens e provavelmente dentro de uma ou duas horas ia haver trovoada.

A analista diplomata trabalhava num grande hospital. Bem jovem ainda, com um vestido moderno, de saia acima dos joelhos; parecia achar-se num estado de grande tensão e muito aflita. À mesa, mostrava-se desnecessariamente loquaz, externando com vigor o seu pensar sobre as coisas, sem olhar pela janela, uma só vez sequer, as flores, as folhas agitadas pela brisa e o alto e imponente eucalipto a oscilar suavemente ao vento. Comia ao acaso, sem mostrar especial interesse no que estava comendo.

Na saleta contígua, disse: "Nós analistas ajudamos os doentes a ajustar-se a uma sociedade mais doente ainda do que eles, e, às vezes, talvez muito raramente, conseguimos bom êxito. Mas, decerto, todo sucesso é obra da natureza. Já analisei muitas pessoas. Não gosto desse trabalho, mas tenho de ganhar a vida, e há tanta gente doente. Não creio ser possível ajudá-los muito, embora naturalmente estejamos sempre a experimentar novas drogas, agentes químicos e teorias. Mas, deixando de parte os doentes, eu pró-

pria estou lutando para tornar-me diferente da pessoa vulgar, comum."

Mas, na própria luta para serdes diferente, não vos estais fazendo igual aos outros? Ora, por que tanta luta?

"Mas, se não me esforço, se não luto, serei tal qual a dona de casa vulgar, burguesa. Desejo ser diferente e por esta razão é que não quero casar. Porém, me sinto, realmente, muito só e foi esta solidão que me fez exercer esta profissão."

E, assim, a solidão vos está levando gradualmente ao suicídio, não está?

Assentiu com a cabeça. Estava quase em lágrimas.

Todo movimento da consciência não conduz ao isolamento, ao medo, e a essa incessante luta para ser-se diferente? Tudo isso faz parte desse impulso para o preenchimento, para identificar-nos com alguma coisa, ou identificar-nos com o que somos. A maioria dos analistas tem seus mestres e age consoante as respectivas teorias e escolas, já estabelecidas em bases firmes, apenas cuidando de modificá-las e acrescentar-lhes uma nova tendência.

"Eu pertenço à escola nova; procedemos sem o símbolo, enfrentando diretamente a realidade. Abandonamos os primitivos mestres e seus símbolos para ver o ente humano tal como é. Mas isso se está tornando também uma nova escola, e não estou aqui para apreciar os méritos das diferentes escolas, teorias e mestres, mas, sim, para falar a respeito de mim mesma. Não sei o que faça."

Não vos achais tão doente como os pacientes que estais tentando curar? Não fazeis parte da sociedade — que talvez esteja mais confusa e mais doente do que vós? Trata-se, pois, de uma questão mais fundamental, não é?

Sois o resultado desse enorme peso da sociedade, com sua cultura e suas religiões, e ela vos compele tanto econômica como interiormente. Ou tendes de fazer as pazes com a sociedade, ou seja, aceitar os seus males, e com eles viver, ou tendes de repudiá-la totalmente e tratar de desco-

brir uma nova maneira de viver. Mas não podeis encontrar a nova maneira sem abandonardes a velha.

O que realmente desejais é segurança, não é verdade? Nisso consiste toda a busca do pensamento — ser diferente, mais hábil, mais penetrante, mais engenhoso. Nesse processo o que quereis é achar uma profunda segurança, não? Mas tal coisa existe de fato? A segurança nega a ordem. Não há segurança nenhuma nas relações, na crença, na ação, e por a procurarmos é que criamos desordem. Segurança gera desordem, e ao encarardes a crescente desordem existente em vós mesma, quereis pôr-lhe fim.

Na área da consciência, com suas fronteiras, largas e estreitas, o pensamento está sempre à procura de um lugar seguro. E assim, o pensamento está criando desordem; a ordem não é produto do pensamento. Quando termina a desordem, começa a ordem. O amor não se encontra nas regiões do pensamento. Como a beleza, ele não pode ser retocado com um pincel. Temos de abandonar toda a desordem em nós existente.

Ela ficou muito silenciosa, em total recolhimento. Era-lhe difícil conter as lágrimas que lhe desciam pelas faces.

O autoconhecimento é a porta que está sempre aberta

Meditação nunca é prece. A prece, a súplica, nasce da autocompaixão. Rezamos quando nos vemos em dificuldades, acossados pelo sofrimento; mas, na felicidade, na alegria, não há necessidade de orações. A autocompaixão, tão profundamente jacente no homem, é a base da separação. Aquele que está separado ou se julga separado e incessantemente busca a identificação com alguma coisa não separada só cria mais separação e mais dor. Nesse estado de

confusão a pessoa implora aos céus, ou ao marido, ou a alguma divindade criada pela mente. Essa imploração pode obter resposta, mas tal resposta é o eco da autocompaixão, do estado de separação.

A repetição de palavras, de orações, é auto-hipnótica, egocêntrica, destrutiva. O isolamento do pensamento se dá sempre dentro da esfera do conhecido, e a resposta à oração é a resposta do conhecido.

A meditação é coisa muito diferente. Na sua esfera o pensamento não pode ingressar; nela não há separação e, portanto não há identidade. A meditação funciona às claras; nela não há lugar para nada de secreto. Tudo fica exposto à luz, claro; encontra-se então a beleza do amor.

Era uma manhã de começo de primavera e uns poucos flocos de nuvens, vindos do oeste, percorriam mansamente o céu. Um galo começou a cantar, e era estranho ouvi-lo numa cidade populosa. Começou cedo e durante quase duas horas não parou de anunciar a chegada do dia. As árvores ainda estavam nuas, embora umas folhinhas tênues e delicadas já se desenhassem contra o claro céu matinal.

Se se ficava muito quieto, sem nenhum pensamento relampaguear na mente, podia-se ouvir o som profundo do sino de uma catedral. Ela devia achar-se muito distante e, nos intervalos do canto do galo, as ondas sonoras nos chegavam aos ouvidos e passavam além, e, como que levados por elas, íamos para muito longe, perdendo-nos nas imensidades. O canto do galo e o som profundo do sino distante produziam um singular efeito. Ainda não tinham começado os barulhos da cidade. Nada vinha interromper o claro som. Não o ouvíamos com os ouvidos, mas com o coração; não o ouvíamos com o pensamento, que conhece "o sino" e o "galo"; era o som puro, nascido do silêncio, recolhido pelo coração, que com ele se ia, de eternidade a eternidade. Não era som organizado, como a música; não era o som do silêncio entre duas notas ou o

som que se ouve quando cessamos de falar. Todos esses sons são percebidos pela mente e pelo ouvido. Quando ouvimos com o coração, o mundo se enche de som e os olhos vêem claramente.

Era uma senhora muito jovem, bem conformada, de cabelos curtos, muito enérgica e desembaraçada. Do que disse depreendemos que não nutria ilusões a respeito de si mesma. Tinha filhos e um certo grau de seriedade. Talvez um tanto romântica, pois era muito nova, mas para ela o Oriente perdera a sua aura de misticismo — o que afinal era bom. Falava com simplicidade, sem hesitações.

"Acho que me suicidei há muito tempo, desde que um certo acontecimento ocorreu em minha vida. Com ele minha vida terminou. Decerto continuei em atividade, cuidando dos filhos, etc., mas cessei de viver."

Não achais que a maioria das pessoas, consciente ou inconscientemente, está sempre a praticar o suicídio? A maneira extrema de praticá-lo é saltando de uma janela. Mas o suicídio começa, talvez, com a primeira resistência, a primeira frustração. Em torno de nós erguemos uma muralha atrás da qual ficamos vivendo em separado — embora tenhamos maridos, esposas e filhos. Essa vida de separação é vida de suicídio; tal é a moralidade estabelecida pela religião e a sociedade. Os atos de separação constituem uma cadeia contínua e levam à guerra e à autodestruição. Separação, seja do indivíduo, seja da comunidade ou da nação, é suicídio. Cada um quer viver uma vida de identidade individual, de atividade egocêntrica, de conformismo[3] e egocêntrica tristeza. É suicídio deixar-se prender pela crença e pelo dogma. Antes daquele acontecimento,

[3]*Conformity*. Este termo está aqui empregado no sentido de *"religious compliance"* (obediência religiosa). Cf. Dicionário de Webster — pois o A. diz logo a seguir: "É suicídio deixar-se prender pelo dogma e pela crença". — (N. do T.)

vossa vida e todo o seu movimento estavam aplicados num só interesse, separado dos demais. Ora, se se perde esse único interesse, ou se é destruído o deus que se adorava, com ele se vai a nossa vida, pois nada mais temos a que dedicá-la. Se tendes um intelecto ágil, podeis descobrir um "significado" da vida (é o que fazem todos os especialistas); mas, com o aceitardes tal significado, já estais praticando o suicídio. Toda aceitação — não importa se em nome de Deus, se em nome do socialismo ou de outra coisa — é suicídio.

Vós, senhora — e não o digo por crueldade — deixastes de existir, porque não conseguistes o que desejáveis; ou porque vos foi arrebatado o que possuíeis; ou porque desejáveis transpor uma certa porta, uma porta especial que se achava hermeticamente fechada. Assim como a tristeza e o prazer separam, assim também o aceitar e o obstinar-se trazem a peculiar escuridão da separação. Nós não vivemos porque estamos sempre a praticar o suicídio. O viver começa quando termina o ato de suicídio.

"Entendo o que estais dizendo: Estou vendo o que fiz. Mas, agora, que devo fazer? Como posso voltar atrás, após tantos anos de morte?"

Não podeis voltar atrás. Se o fizésseis, iríeis seguir o velho padrão e a tristeza continuaria a perseguir-vos, como uma nuvem impelida pelo vento. Só uma coisa podeis fazer: ver que viver só para si, separadamente, secretamente, exigindo a continuação do prazer, é provocar a separação da morte. Na separação não há amor. O amor não tem identidade. O prazer e a busca do prazer erguem em torno de nós a muralha da separação. Não há morte quando cessa a aceitação. O autoconhecimento é a porta que está sempre aberta[4].

[4]Este final se prende ao que foi dito linhas antes: "... desejáveis transpor... uma porta especial que se achava hermeticamente fechada". — (N. do T.).

A ação do silêncio

Meditação é a cessação da palavra. O silêncio não é suscitado por uma palavra, que é pensamento. A ação oriunda do silêncio difere totalmente da ação nascida da palavra; meditação é a libertação da mente de todos os símbolos, imagens e lembranças.

Naquela manhã, os altos choupos com suas folhas novas e tenras brincavam na brisa. Manhã primaveril e os montes estavam cobertos de floridas amendoeiras, cerejeiras e macieiras. Toda a terra transbordava de vida. Os majestosos ciprestes guardavam distância entre si, mas as árvores floridas se tocavam, ramo com ramo, e renques de choupos. projetavam no chão sombras inquietas. Ao lado da estrada seguia um curso d'água que mais adiante se unia ao velho rio.

O ar estava perfumado e cada monte era diferente dos outros. Em alguns deles havia casas rodeadas de oliveiras, e uma alameda de ciprestes conduzia a cada casa.

Uma manhã cheia de cintilações e de intensa beleza, da qual não destoava o possante carro que nos levava. Ali parecia reinar uma ordem extraordinária, mas no interior de cada casa havia, decerto, desordem — intrigas, choros e risos de crianças, uma invisível cadeia de aflições estendida de casa a casa. Nem primavera, nem outono ou inverno jamais quebraram essa cadeia.

Mas naquela manhã estava havendo um renascimento. Aquelas folhas tenras não conheciam outono e inverno; eram vulneráveis e, portanto, inocentes.

Da janela divisava-se a velha cúpula da catedral de mármore listrado e seu campanário multicor; dentro dela achavam-se os sombrios símbolos da tristeza e da esperança. Naquela manhã tão linda, estranhava verem-se tão poucos pássaros e serem tão discretos os seus cantos. É que naquele lugar o homem os mata por divertimento.

Ele era artista — pintor. Um talento como outro qualquer — disse. Tinha longos cabelos, mãos delicadas e vivia encerrado no sonho de seus dons pessoais. Por vezes saía de seu refúgio, falava, explicava, e logo a ele retornava. Seus quadros — declarou — estavam-se vendendo bem e já realizara várias exposições individuais. Disso se mostrava um tanto orgulhoso, e sua voz o denotava.

Existe o exército, fechado entre os muros de seus próprios interesses; e o homem de negócios, atrás de barras de aço e de vidraças; e a dona de casa, entregue aos afazeres domésticos, à espera do marido e dos filhos; e o guarda de museu, e o regente de orquestra — cada um fechado num fragmento da vida, sendo cada fragmento sumamente importante, sem relação e em contradição com os outros fragmentos, com suas honras particulares, sua própria dignidade social, seus profetas. O fragmento religioso não está em relação com a fábrica, nem a fábrica com o artista; o general não está em relação com os soldados, e tampouco o sacerdote com o leigo. A sociedade é constituída desses fragmentos. Os que querem prestar serviços à sociedade e os reformadores estão sempre tentando emendar os fragmentos, mas nessas seções especializadas, separadas, o ente humano prossegue vivendo, com suas ânsias, seus remorsos e apreensões. A esse respeito, todos estamos relacionados — mas não o estamos em nossas esferas especializadas.

Em sua comum avidez, ódio e agressividade, estão relacionados os entes humanos; essa vigilância constitui a cultura, a sociedade em que estamos vivendo. São a mente e o coração que causam a divisão — Deus e ódio, amor e violência; na esfera dessa dualidade se expande e se contrai toda a cultura humana.

A unidade humana não se encontra em nenhuma das estruturas inventadas pela mente humana. A cooperação não faz parte da natureza do intelecto. Entre o amor e o ódio jamais é possível a união, essa união que a mente está

tentando encontrar e estabelecer. A unidade reside completamente fora dessa esfera e o pensamento é incapaz de alcançá-la.

O pensamento edificou esta cultura de agressão, competição e guerra, e esse mesmo pensamento anda a tatear, em busca da ordem e da paz. Mas o pensamento, o que quer que faça, jamais achará a ordem e a paz. O pensamento deve silenciar, para que se torne existente o Amor.

(In *A Outra Margem do Caminho*, ICK, Rio de Janeiro, 1972.)

O significado do viver

Paris

Esta é a última palestra. Se o desejardes, poderemos nesta manhã conversar sobre um problema um tanto complexo, e espero tenhais paciência e interesse em examiná-lo junto comigo. Naturalmente, teremos de fazê-lo verbalmente, usando de palavras, de explicações, mas a palavra e a explicação não constituem a coisa real; jamais a constituem. O símbolo não é, nunca, a realidade; entretanto, é bem evidente que nos deixamos desencaminhar pelos símbolos, as conclusões, tomando-os pela realidade. Facilmente nos satisfazemos com essas conclusões e símbolos. Se temos de investigar, examinar uma coisa que exige muita penetração, devemos ser altamente sensíveis às palavras, evitando toda espécie de conclusão ou dedução. A palavra "intuição", tão freqüentemente empregada, temos de evitá-la totalmente.

Desejo falar sobre o que se entende por "viver". Sei que muitos dentre nós só indagam do significado do viver quando se vêem grandemente aflitos, quando, não percebendo no viver nenhuma finalidade, se sentem

desesperados, profundamente frustrados. Por conseguinte, sua indagação tem sempre um *motivo*, e quando se faz uma pergunta com um *motivo*, a pergunta já está respondida: a resposta naturalmente tem de corresponder ao *motivo*, tem de ser como a desejamos, o que desejamos que signifique o viver. Para investigarmos esta questão tão altamente complexa e um tanto sutil, devemos fazê-lo sem *motivo* algum, não importa quais sejam as conseqüências, qual seja a verdade que o exame nos revele. No momento em que há motivo, cessa o exame, porquanto o motivo "projeta" a resposta em conformidade com nossa própria experiência, nossas conclusões e condicionamento. Para o exame desta questão, que é verdadeiramente interessante e requer muita penetração, temos de estar livres de todo e qualquer *motivo*.

Isso vai ser-nos sobremaneira difícil, porquanto em geral fazemos perguntas com um certo fim em vista. Desejamos investigar, ou por curiosidade (o que naturalmente tem muito pouca significação), ou porque nos vemos profundamente aflitos. Há em nós confusão, agonia e desespero, e por causa desse sofrimento, dessa agonia e desespero, fazemos aquela pergunta. Quando a fazemos — se de fato a fazemos alguma vez — queremos uma resposta em correspondência com nosso próprio sofrimento; queremos uma resposta que dê solução a ele. E, dessa maneira, enganamos a nós mesmos e não temos possibilidade de encontrar o significado do viver.

Para descobrirmos a sua realidade, o seu real significado, sua profundidade, e beleza, e plenitude, temos de investigar muitas coisas. Primeiramente, temos de investigar o que é liberdade; em seguida, descobrir a natureza do tempo e também o que se entende por "espaço". A meu ver,

---

[5] Por "indivíduos locais" ou "indivíduos localizados", conforme já explicou, Krishnamurti entende os que pertencem a este ou àquele país (americanos, russos, alemães, etc.). — N. do T.

se não compreendermos estas coisas, nunca descobriremos, por nós mesmos, como entes humanos e não como indivíduos "locais"[5] — como entes humanos totais — o significado do viver. O viver, por certo, está sempre no presente ativo; a palavra "viver" significa "agora". Não significa viver no passado ou no futuro, porém no presente. Para entender o que significa esse viver no presente, temos de investigar o passado. Não podemos dizer, simplesmente: "Pois bem, vou viver no presente". Nada significa dizer-se: "O presente é a única coisa importante", ou intelectualmente, hipoteticamente, conferir ao viver um extraordinário significado, ou ainda, se a pessoa se vê num estado de desespero, atribuir ao presente uma filosofia nascida desse desespero. Para entender-se o presente, o presente vivo, é preciso examinar a questão do tempo.

O tempo é uma duração, um movimento. Está sempre a fluir do passado, através do presente, para o futuro. O passado é o conhecimento, a experiência, a conclusão, a tradição, a herança racial, etc. etc. O passado, atravessando o presente, não só o condiciona, mas também cria o futuro. O que *eu era* modifica-se no presente para *eu sou* e para o que amanhã *serei*. Todo esse processo, de ontem, hoje e amanhã; o condicionamento de ontem, que se modifica no presente e toma forma amanhã — esse processo, sem dúvida, constitui a consciência. Está contido, todo inteiro, na esfera do "conhecido"; o conhecimento é *tempo*, tanto em relação aos fatos como psicologicamente. Na realidade, pelo relógio, cronologicamente, as disposições para hoje foram tomadas ontem, e o amanhã será, cronologicamente, conforme o determinado hoje. É o que sempre estamos fazendo.

Psicologicamente, a coisa é muito mais complexa. Toda a psique é feita de tempo, pertence ao tempo. Todo o processo do pensar é resultado do passado, resultado do conhecido, como experiência, conhecimento, conclusões. Tudo isso está na corrente do tempo, e o tempo, em seu

todo, é condicionado pela consciência. Essa consciência é: eu era, eu sou, eu serei — modificado, ampliado, alongado, limitado. Isso constitui a consciência, o que somos — tanto o consciente como o inconsciente. Parecemos atribuir enorme significação ao inconsciente, mas o inconsciente é o passado. É tão trivial como o presente da mente que foi condicionada por uma dúzia ou um milhar de "ontens". Tanto o consciente como o inconsciente são muito triviais. Não percebo por que se faz tanto barulho em torno do inconsciente, por que há esse constante pesquisar, analisar, querer compreendê-lo. O inconsciente é o resíduo do tempo, sendo o tempo *ontem*, com todas as suas tradições, seus conhecimentos, influências, seu condicionamento, propaganda, herança racial, influência familiar. O tempo é um movimento que essa consciência criou e a que ficou presa — presa ao que ontem foi. Aquele *ontem*, modificado no presente, se tornará *amanhã*; eis o inteiro processo do pensar.

Vede, por favor, que esta questão não exige aceitação ou concordância. Se, por nós mesmos, a examinarmos atentamente, veremos que ela é bastante clara. Podemos examiná-la mais minuciosamente, verbal e intelectualmente, mas o fato persiste, ou seja, que a consciência está toda condicionada; e todo condicionamento é da esfera do tempo. Assim, perguntamos a nós mesmos: "Há meio de pôr fim ao tempo?". Se estamos sempre a funcionar nessa esfera do tempo, considerado como ontem, hoje e amanhã, se toda atividade é modificada pelo passado, no presente, e tem, por conseguinte, continuidade amanhã, não há nesse "processo" liberdade alguma; seremos sempre escravos do ontem, do hoje e do que será amanhã. Nisso não há liberdade. A isso estamos presos, porque vivemos nessa divisão do tempo, como ontem, hoje e amanhã; tal a nossa vida; é isso que chamamos "viver".

É possível, não teórica nem hipoteticamente ou no sentido teológico — é possível libertar-nos do tempo? A esta

pergunta responderemos não verbalmente, quando começarmos a examinar a outra parte, que é a seguinte: É possível à mente, que vem sendo condicionada há tantos séculos, libertar-se? Isso não é possível por meio do pensamento, porquanto o pensamento é resultado do tempo e não pode libertar a consciência. Deve haver outra ação totalmente diferente, não resultante da vontade, dessa vontade que é também ontem, hoje e amanhã; eu era, eu sou, eu serei. É possível descobrir, não teoricamente, porém de fato, se o tempo tem fim? Se não o tem, nesse caso o sofrimento nunca terminará; não haverá liberdade para o homem; e se o homem não tiver liberdade, não terá espaço nenhum.

Conhecemos o espaço apenas visualmente: a distância daqui a nossa casa, a distância deste lugar a Londres, ou a Marte, ou à Lua; no meio, o espaço — o espaço físico. Um homem que vive prisioneiro em exíguo espaço, num apartamento, durante trinta anos, entra dia, sai dia, sente necessidade de espaço — espaço físico. Por isso, sai a passear no campo, vai passar fora as férias, em lugares onde encontre espaços livres, onde possa ver o céu sem limites, o vasto oceano, as densas florestas, as sombras e o movimento do vento, da ave, do rio. Fisicamente, ele sente necessidade de espaço. Vivendo numa grande ou pequena cidade, sempre a andar sobre calçadas, a ver a janela e a chaminé da casa fronteiriça, ele deseja espaço físico; porém nunca deseja espaço psicológico. Aí, sente-se satisfeito como prisioneiro. Esse homem está preso; confinado na prisão de suas idéias, conclusões, crenças e dogmas; na prisão de sua atividade egocêntrica, que lhe dá preenchimento e frustração; na prisão de seu próprio talento.

Psicologicamente, interiormente, ele vive sempre numa prisão, sem nenhum espaço. Faltando-lhe o espaço, prisioneiro que é, começa ele a pensar na liberdade. Isso é o mesmo que um encarcerado, fechado entre quatro paredes, desejar a liberdade, o mesmo que um cego querer ver as

cores. Privado de espaço psicológico, psicologicamente privado de liberdade, não dispõe ele de espaço nenhum e, por conseguinte, é sempre um prisioneiro. Há, decerto, espaço entre duas notas, e por isso é que gostamos de ouvir música. Há um intervalo, isto é, espaço, entre dois pensamentos e, para a maioria de nós, o espaço existe por causa do objeto. O objeto cria o espaço ao redor de si. Este microfone criou um espaço em torno de si, e ele, o microfone, existe no espaço compreendido entre as quatro paredes desta sala. O pensador, o Eu, o agente, porque existe, cria espaço psicológico ao redor de si. Seu espaço é por ele próprio concebido e formulado e, por conseguinte, limitado. Nunca é livre, ele.

Estais achando isso difícil ou abstrato demais? A menos que examinemos a questão com certa profundidade, dentro de nós mesmos — e isso faz parte da meditação — não há liberdade de espécie alguma. Há, em todo ente humano, um *centro*; esse centro cria um espaço em torno de si, assim como estas quatro paredes criam um espaço em seu interior. Este salão, por causa das paredes, criou um espaço, dentro do qual estamos extinguindo, estamos sentados e a conversar. O centro, que é o EGO, criou espaço em redor de si, e nesse espaço, que é a consciência, ele vive, funciona, opera, modifica-se e, por conseguinte, nunca é livre.

Esta questão merece sério exame, porquanto a liberdade só pode existir onde há espaço, espaço não criado por um objeto. Se o espaço é criado pelo EGO, na qualidade de pensador, este continua a criar paredes ao redor de si, entre as quais pensa ser livre. Não importa o que ele faça dentro desse espaço criado pelo *centro*, não há liberdade. É como um homem condenado a prisão perpétua. Poderá alterar as decorações, proporcionar-se um pouco mais de conforto, pintar as paredes, fazer coisas de todo gênero para tornar a vida mais amena, mas, dentro dessas paredes físicas, ele nunca é livre.

Psicologicamente, criamos muralhas em torno de nós, muralhas de defesa, muralhas de esperança, de medo, de avidez, inveja, ambição, desejo de posição, poder, prestígio. Essas muralhas são criadas pelo pensador. O pensador criou ao redor de si o espaço em que vive e, por isso, nunca é livre. A beleza não é apenas a coisa que vedes; esta constitui uma pequeníssima parte da beleza. A beleza não é resultado do pensamento, não é formada pelo pensamento. Onde há amor, afeição, não há lugar para o pensamento. Onde se encontra o ciúme, a inveja, a avidez, a ambição e o orgulho, não se encontra o amor. Todos sabemos disso. Mas, para descobrirmos o que significa amar, tem de haver, necessariamente, liberdade, temos de estar livres de todo tormento, do ciúme, da inveja. Então, o descobriremos.

Da mesma maneira, o ser livre supõe a não-existência de barreiras psicológicas criadas pelo *centro*. Liberdade significa espaço. A liberdade supõe também a cessação do tempo, não abstratamente, porém de fato. Liberdade significa viver integralmente hoje, depois de se ter compreendido toda a estrutura, a natureza, o significado do passado. O passado é o consciente e também o inconsciente. Uma vez compreendido ele, o que há é só o presente ativo — o viver. Pode isso acontecer, realmente, em nossa vida diária? Posso exercer minha profissão, livre do tempo psicológico, livre da avidez, da inveja e da ambição? Se não posso, serei então escravo para sempre.

A rotina, o tédio, o absurdo de passar a vida num detestado escritório, ou numa fábrica a produzir carros ou botões ou o que quer que seja, é uma coisa medonha. Embora a automação e a ciência da cibernética venham futuramente a melhorar a condição do homem, contudo ainda temos de viver esta vida de rotina e trivialidade. E, porque nenhuma significação tem ela, tratamos de fugir para toda espécie de diversão, inclusive a igreja. Mas, se a pessoa está cônscia desse processo total do viver e percebe o

significado do tempo, como pensamento, então o tempo cessa. Isso não se consegue por meio da vontade, nem pelo exigir ou desejar, porém, tão só quando se percebe, em seu todo, o significado do tempo. Essa percepção não é alcançada pelo "observador", porém pela vigilância, pela atenção total.

Como há dias dissemos, quando há atenção total, quando a pessoa fica totalmente atenta a alguma coisa, isto é, quando lhe dá, *inteiramente*, o seu corpo, sua mente, seu coração, *tudo* (e isso não é resistência, nem pensamento, porém atenção completa), verá então que não há nenhum "observador". Só no estado de não-atenção se torna existente o observador. A não-atenção gera o observador. Mas, "estar cônscio da não-atenção" e "estar atento" são dois estados diferentes.

Sinto não podermos considerar mais minuciosamente esta questão. Talvez não seja esta a ocasião oportuna; mas, se o homem deseja ser livre — e ele *tem* de ser livre, a fim de compreender, de viver — o tempo deve cessar; deve haver espaço, não espaço entre o observador e o objeto observado, porém aquele espaço em que não há observador nenhum.

Quando olhais uma flor — se alguma vez o fazeis — que acontece? Primeiramente, dais nomes à flor. Dizeis que pertence a uma certa espécie. Depois, dizeis: "Gosto dela" ou "Não gosto dela", "Que bela!", "Gostaria de colhê-la", etc. O pensamento, o conhecimento trazido do passado interfere no ver. O que estais vendo não é a flor, porém as conclusões, as preferências e não-preferências que tendes. Podeis olhar a flor sem o observador? Isso significa olhar sem os conhecimentos e gostos que tendes, sem dar nome, etc. Desse modo, ao olhardes alguma coisa, vereis que não há nenhum observador "a olhar"; ver-vos-ei *diretamente* em comunhão com aquela flor.

Exteriormente isso é relativamente fácil, porém, interiormente, nas relações com a esposa, os filhos, os vizinhos,

o patrão e o resto da sociedade, a coisa já é mais difícil. É olhar sem a lembrança de insultos e lisonjas do passado, de conhecimentos anteriormente adquiridos; olhar, simplesmente. Só então há atenção total, silêncio. Pode-se então escutar integralmente qualquer coisa, o canto da ave, o que outrem nos diz. Naquele silêncio pode-se escutar o que se está dizendo e também os próprios pensamentos, exigências, temores. Temos de escutar integralmente, em silêncio. Quando escutamos totalmente, aquilo que tememos deixa de existir.

O viver não significa, decerto, toda aquela agitação e sofrer, toda aquela carga que trazemos de ontem; significa o percebimento do pleno significado do passado. Isso se pode perceber instantaneamente. Pode-se ver, num relance, toda a trivialidade do passado. Quando estamos totalmente cônscios do passado, só então temos liberdade para viver no presente. Daí podemos partir, e ingressar numa dimensão totalmente nova. Mas tudo isso fica sendo mera teoria, idéia, se não somos livres; pois só quando há liberdade pode surgir uma coisa nova. A liberdade exige energia, e só ao dar-se a explosão da energia pode aparecer o novo, o que está fora do tempo.

Interrogante: Qual a parte que toca à pessoa, em sua evolução, e qual a parte que toca à natureza?

Krishnamurti: Por evolução entende-se: vir a ser, medrar, desenvolver-se, atingir — assim como a semente se torna árvore. Existe evolução? Há livre-arbítrio, para escolher, evolver, vir a ser? Senhor, que é esse Vós que vai tornar-se alguma coisa? Vós vos tornareis Mestre, instrutor famoso, o homem que "tudo sabe"; dentro de alguns anos estareis numa posição melhor, possuireis mais carros, casas melhores, roupas melhores, mais saber; tornar-vos-eis mais virtuoso, mais nobre. Vós que todo enredado vos achais nas miseriazinhas de vossa vida, ireis gradualmente progredir para fora delas e alcançar a bem-aventurança ou

o céu ou o que mais seja. É para isso que todos nós somos educados; disso somos nutridos. "Se fizerdes ingentes esforços, alcançareis, no final, aquilo que chamais bem-aventurança, Deus, etc."

Necessitais de tempo, de muitos dias, de muitos meses — no Oriente se diz "de muitas vidas" — para atingir o inatingível. É certo isso? Quereis dizer que desejais viver com vossas aflições e sofrimentos, dia por dia, para gradualmente vos libertardes de tudo... dentro de uns dez anos? Direis a mesma coisa se tiverdes uma violenta dor de dentes — "livrar-me-ei dela gradualmente?". Ou, pode o sofrimento terminar instantaneamente, não no tempo, não na duração? E que é isso que dura? Se dizeis: "Ora, daqui a dez anos, ou mesmo amanhã, serei feliz, serei diferente do que hoje sou" — que sois hoje? Um feixe de idéias, memórias, palavras, experiências; resultado de propaganda, de influências sociais, de condições econômicas, do clima, dos trajos, da alimentação. Sois o resultado de tudo isso, um feixe de memórias. É isso que quereis perpetuar para, afinal, vos transformardes num belo deus, ou numa borboleta...

Parece-me que, por esse caminho, nunca se chega ao fim do sofrimento. A evolução não tornou o homem, em nada, mais brilhante, inteligente, livre. Na história humana já se travaram, nos últimos cinco mil e quinhentos anos, cerca de quinze mil guerras — quase três guerras por ano! — e continuamos pelo mesmo caminho. Podemos ter meios de comunicação mais abundantes e confortáveis, mais lazeres, melhores banheiros, carros e roupas melhores, alimentação mais sadia, mas, a outros respeitos, há algum progresso? Ora, por certo, é preciso que o tempo cesse, para aparecer uma coisa nova. O que tem continuidade nunca é criador. Só quando termina o tempo se verifica a criação; e a mente que depende de ontem, hoje e amanhã, como meio de alcançar alguma coisa, vive em extremo e irremediável desespero.

Interrogante: Ainda não compreendi bem o que entendeis por "espaço interior".

Krishnamurti: Consideremos isso de maneira muito simples. Vivemos, cada vez mais dentre nós, em pequenos apartamentos, porque nos convém e porque o espaço é muito limitado nas cidades, com suas fábricas e seus centros de diversões, que tanto podem ser os cinemas como as igrejas. Desejamos um pouco mais de espaço, fisicamente, mas não desejamos espaço interiormente. Estamos aprisionados em nossos conceitos, nossas opiniões, nossos conhecimentos, nossas aptidões. Vivemos em estreito confinamento e nunca somos livres. Liberdade significa espaço, externa e internamente. Externamente, poderemos ir à Lua, passear num jardim, num parque, no *bois*,[6] porém, interiormente, não há *bois*, não há parques. Refugiamo-nos na imaginação e pomo-nos a falar de Deus e outras coisas fantásticas; entretanto, na realidade, estamos cercados por uma muralha que construímos com nossa atividade egocêntrica. Vivemos na aflição, no conflito, na ansiedade, atormentados pela idéia de culpa ou pecado. Como pode aquele centro, que tudo isso criou, tornar-se livre, se não há espaço; como pode pôr fim a essas coisas? Não lhes podemos pôr fim gradualmente, por meio do tempo, do processo evolutivo. Temos de terminá-las imediatamente, tal como agimos em presença de um perigo físico: a ação é imediata. Mas nós não percebemos o imenso perigo representado pelo sofrimento, por nossa mente limitada a lutar por encontrar uma coisa existente fora do tempo.

Interrogante: Se essa radical transformação, sobre que vindes falando há tanto tempo, é tão simples como dizeis,

---

[6] *Le bois:* É como em Paris se designa o Bois de Boulogne, parque das vizinhanças de Paris, muito procurado para passeios. (K. está falando em Paris). N. do T.

por que razão ninguém parece alcançá-la?

Krishnamurti: Diz o interrogante: "Vindes falando há muito tempo, há muitos anos; alguém ficou livre?". Como responder a uma tal pergunta? Não importa se vosso vizinho ficou livre; o que importa é que *vós* sejais livre, como ente humano. Não se trata de melhorar a sociedade, que se acha corrompida. Vós sois uma parte da sociedade: a sociedade não é diferente de vós. Sois o que ela é; vós e eu a fizemos assim. Pode um ente humano — vós, eu ou outro — ser livre? Essa liberdade não depende do tempo. Uma das coisas mais tristes, parece-me, é o homem pensar que através do tempo se tornará coisa diferente do que é. O tempo só pode gerar desordem. Eu gostaria que percebesseis este simples fato. Vêde, senhor, na Índia, durante muitas décadas, pregou-se a "não-violência"; isso porque os pregadores, os oradores, os "beneméritos", compreenderam que a violência devia cessar. Por conseqüência, inventaram uma extravagante ideologia, chamada "não-violência". *Lá*, o ideal, a não-violência. Mas o fato real está *aqui*: a violência. A ideologia nenhum valor tem; o que tem valor é o fato — a violência. Pois, se tendes a ideologia, no ínterim estareis semeando os germes da violência — e isso convém maravilhosamente a muita gente. Mas, se nenhuma ideologia tendes, porém unicamente fatos, o que tendes de considerar é o fato de que o homem é violento, brutal. É possível pôr fim ao fato, não gradualmente, porém imediatamente? Acho que só é possível quando estamos totalmente cônscios de que somos violentos, sem procurar escusas nem explicações: totalmente atentos ao fato. Para estarmos atentos, necessitamos de uma energia tremenda, e uma das maneiras de dissipar energia é pensar que se pode dissolver gradualmente a violência.

Interrogante: A atenção é resultado de autodisciplina no presente?

Krishnamurti: Esta mesma pergunta implica o tempo. A

raiz da palavra "disciplina" significa "aprender". O próprio ato de aprender conduz à disciplina, o próprio ato de aprender é disciplina; não tendes primeiramente de disciplinar-vos, a fim de aprender, porém *aprender é disciplina.* Para aprender é necessário escutar. Mas não posso escutar se me vejo assustado, ansioso, se estou querendo um bom emprego por meio do aprender. Senhor, se estivestes escutando verdadeiramente, nesta manhã, esse próprio ato de escutar criou disciplina. Para a maioria de nós, disciplina significa obedecer ou ajustar-se a um padrão, significa controle, recalcamento, imitação, obediência. Tudo isso envolve conflito. Assim como um soldado é disciplinado para funcionar automaticamente, também nós desejamos funcionar sem percebimento profundo, fazer as coisas mecanicamente. Mas aprender é agir. Ao mesmo tempo que agimos, estamos aprendendo, e isso, em si, traz uma disciplina própria.

Interrogante: Para aprender, temos de estar inteiramente no *agora*, e fora do tempo.

Krishnamurti: Exato. O aprender está fora do tempo. Se não tratamos de aprender, satisfazemo-nos então com teorias. Por favor, não deis explicações. Sobre tudo isso já se escreveram volumes, expuseram-se teorias sem conta, mas aquele que age, aquele que vê e age, já se acha muito além de todas as palavras e volumes e teorias, e de todos os deuses.

Interrogante: Esse estado de atenção completa, essa total concentração de energia é permanente?

Krishnamurti: Não, minha senhora. Que vontade temos de que tudo seja permanente! Queremos relações permanentes, uma esposa permanente, um marido permanente, uma relação permanente no tocante às idéias, à ação, a tudo. Só o que é mecânico deve ser permanente, funcionar sempre com precisão. Há na vida alguma coisa permanen-

te — vossas idéias, vossas relações, *alguma coisa*? Talvez a vossa casa seja permanente; entretanto, ela própria pode não ser permanente — pois há terremotos. Existe alguma coisa psicologicamente permanente, inclusive vossos deuses, vossas crenças, vossas diversões? Por certo, não há nada permanente; no entanto, a mente está sempre a exigir permanência, segurança, porque tem horror à incerteza. O viver nesse estado de incerteza requer muito equilíbrio e compreensão; se não o indivíduo se tornará neurótico. Só quando se desembaraça do desejo de permanência, a mente é livre, porque não existe, neste mundo de Deus, ou interiormente, em nós mesmos, *nada* de permanente. Nem vossa própria alma é permanente: isso é invenção dos sacerdotes.

29 de maio de 1966.

(In *Encontro com o Eterno*, ICK, Rio de Janeiro, 1971.)

Ensinamentos de Krishnamurti

Mente computadora, memória, programação, repetição

Como já sabemos, *a maioria de nós traz o passado para o presente, e o presente se torna mecânico. Se observardes vossa própria vida, vereis quanto é mecânica! Funcionais qual uma máquina, como uma imitação imperfeita do cérebro eletrônico.* (...) (*O Despertar da Sensibilidade*, p. 151)

Por isso eu digo (...) É preciso, pois, examinar a questão da memória. Memória, conhecimento, experiência, todo o acúmulo de dados científicos e técnicos, são da maior importância quando se trata de executar um trabalho material. (Idem, p. 151)

Nas coisas de que necessitamos para viver, a memória deve funcionar com o máximo de eficiência, qual um *cérebro eletrônico*. Este é capaz de coisas as mais extraordinárias: pintar, escrever poemas, traduzir, e até dirigir uma or-

questra. *Mas, esse cérebro eletrônico só pode funcionar com os dados que lhe são fornecidos, por associação, etc.* (Idem, p. 151)

E quando se faz uma pergunta ao *cérebro eletrônico*, deve-se usar termos precisos; senão, ele não responderá. Por isso mesmo, há hoje todo um conjunto de cientistas empenhados em investigar a questão da ação na linguagem; mas não é este o assunto que nos interessa no momento. (Idem, p. 151).

Ora, há máquinas que pensam: os cérebros eletrônicos, os computadores. *Nosso pensar se processa de maneira semelhante? É ele reação da memória, que são as experiências armazenadas, individuais e coletivas,* reação à qual se junta a reação nervosa? (...) O desafio constituído pela pergunta põe em ação o mecanismo do pensamento e vem então a reação. (...) Ora, de que fundo *(background)* procede a vossa resposta? (*O Passo Decisivo,* p. 19)

Pode-se ver (...) que nossa mente, nosso intelecto se tornou mecânico. Somos influenciados em todos os sentidos. Tudo o que lemos deixa-nos sua impressão e toda propaganda sua marca; o pensamento é sempre convencional e, assim, o *intelecto e a mente se tornaram mecânicos, tal qual uma máquina.* Exercemos mecanicamente nossas ocupações, mecânicas são nossas mútuas relações, e nossos valores meramente tradicionais. (...) (*O Passo Decisivo,* p. 201)

É então muito importante que lancemos uma olhada em nossas relações; não só nas relações íntimas, senão também na relação que estabelecemos com o resto do mundo. (...) Eu posso ser um muçulmano e você (...) um hindu; minha tradição diz: "Eu sou muçulmano" — *tenho sido programado como um computador para repetir* "Eu sou muçulmano" — e você repete "Eu sou hindu". (...) (*La Llama de la Atencion,* p. 18)

O pensamento inventou o computador. Vocês têm que entender a complexidade e o futuro do computador; ele

vai superar o homem em seu pensamento, ele vai mudar a estrutura da sociedade e (...) do governo. (...) O computador possui uma inteligência mecânica; ele pode aprender e inventar. *O computador vai tornar o trabalho humano praticamente desnecessário — talvez duas horas de trabalho por dia.* Estas são as mudanças que estão chegando (...) (*A Rede do Pensamento*, p. 17-18)

Quando consideramos a capacidade do computador, então temos que nos perguntar: o que deve fazer o ser humano? O computador vai assumir o comando das atividades do cérebro. E o que, então, acontecerá no cérebro? Quando as ocupações de um ser humano forem assumidas pelo computador, pelos robôs, qual será o destino do ser humano? (Idem, p. 18)

Nós, seres humanos, fomos "programados" biologicamente, intelectualmente, emocionalmente, psicologicamente, durante milhares de anos, e repetimos o padrão do programa reiteradamente. *Nós paramos de aprender e devemos indagar se o cérebro humano (...) será capaz de aprender e transformar-se imediatamente numa dimensão totalmente diferente.* (*A Rede do Pensamento*, p. 18)

Se não formos capazes disso, o computador, que é muito mais capaz, rápido e exato, irá assumir o comando das atividades do cérebro. Isso não é uma coisa casual; este é um assunto por demais sério, desesperadamente sério. O computador pode inventar uma nova religião. Ele poderia ser programado por um doutor especialista (...) E nós, se não estivermos cônscios do que está acontecendo, seguiremos essa nova estrutura, que foi produzida pelo computador (...) (Idem, p. 18)

(...) *Os computadores eletrônicos são muito semelhantes à mente humana*, só que nós somos um pouco mais engenhosos — pois somos seus criadores; *mas eles funcionam exatamente como nós (...), por meio de reação, repetição, memória.* (...) Por conseguinte, o problema urgente é este: *Como libertar o intelecto e a mente? Porque, se não há*

liberdade, não pode haver ação criadora (...) E isso exige capacidade de racionar, de sentir, para quebrarmos a tradição e destroçarmos todas as muralhas que erguemos para nossa segurança (...) (*O Passo Decisivo,* p. 201)

Se penetrardes mais nesta questão do pensar, alcançareis um estado mental em que *dizeis: "Não sei". (...) Aí é que está a diferença entre o computador eletrônico e a mente humana.* (...) "Não sei" representa um extraordinário estado mental, quando realmente o compreendemos. (...) E não é necessário dizermos "Não sei, para que a mente esteja sempre a aprender, (...) fresca, inocente, jovem? Só a mente jovem diz "Não sei". (...) *(A Suprema Realização, p. 47)*

O nosso ego, (...) personalidade (...) são inteiramente formados pela memória; (...) Não há nenhum lugar ou espaço onde haja claridade (...) Vocês podem investigar isto; se estiverem indagando seriamente, verão que o "eu", o ego, é todo memória, lembranças. (...) Nós funcionamos, (...) vivemos da memória. *E, para nós, a morte é o fim dessa memória.* (*A Rede do Pensamento,* p. 104)

Qual a função da memória? (...) Esse aprendizado desenvolve a memória, porque precisais dessa memória para poderdes desempenhar satisfatoriamente uma dada função. (...) Mas eu temo a *memória psicológica: as coisas que me dissestes, as ofensas, as lisonjas, os insultos que me dirigistes. (...)*

Há, por conseguinte, *as imagens que eu formei acerca de vós e as imagens que a meu respeito formastes.* Essas memórias se conservam e se acrescentam continuamente. Essas memórias é que irão reagir. Por conseguinte, o pensamento, sendo resultado da memória, é sempre velho; nunca é novo e, portanto, nunca é livre. (...) (*Viagem por um Mar Desconhecido,* p. 176)

A memória, na forma de conhecimento, de acumulação de experiências, de coisas que o homem vem juntando há milhões de anos — a memória é o passado, consciente ou

inconsciente; nela estão depositadas todas as tradições. E com tudo isso vindes para o presente, para o agora e, por conseguinte, não estais, em absoluto, vivendo. Estais "vivendo" com as lembranças, as cinzas frias de ontem. Observai a vós mesmos (...) (*O Despertar da Sensibilidade,* p. 151-152)

Será bem formada a mente que repete, como um gramofone, tudo o que lhe foi dito? Nisto tem consistido a nossa educação. Conhecer fatos, datas, citá-los uma vez por ano, na ocasião dos exames. Podemos denominar isto o cultivo de uma mentalidade criadora? (...) Mas o simples acúmulo de conhecimentos, sinônimo de desenvolvimento da memória, é apenas um processo aditivo. Ele não forma um espírito lúcido, criterioso (...) (*Ensinar e Aprender,* p. 111)

Entretanto, uma boa memória tem o seu valor, não só para a lembrança de certas coisas, mas para o preparo técnico ou especializado. Então, em que ponto a memória interfere com uma mente sã, apta a explanar, investigar, descobrir? Que relação existe entre a memória e a autêntica liberdade? (Idem, p. 111).

Consideremos o problema de outra maneira. A memória, sem dúvida, é tempo (...) isto é, (...) cria o ontem, o hoje, o amanhã. *A memória de ontem condiciona o hoje e, portanto, molda o amanhã. Isto é, o passado, através do presente, cria o futuro. (...) Assim, através do tempo, esperamos alcançar o atemporal, (...) o eterno. (...)* Pode-se captar o eterno na rede do tempo, por meio da memória, que pertence ao tempo? (*A Arte da Libertação,* p. 114)

O atemporal só pode ter existência quando cessa a memória, que é o "eu" e o "meu". Se percebeis a verdade aí contida — isto é, que através do tempo não se pode compreender ou captar o atemporal — podemos então entrar no problema da memória. *A memória de coisas técnicas é essencial; mas a memória psicológica, a que mantém o "eu" e o "meu", a que dá identificação e continuidade pessoal, essa é de todo prejudicial à vida e à realidade.* (...) (Idem, p. 114)

São sutis as atividades de acumulação; *a acumulação é a afirmação do "eu", tal como o é a imitação.* Chegar a uma conclusão é levantar o indivíduo uma muralha ao redor de si mesmo, uma proteção segura, que obsta à compreensão. (...) (*O Egoísmo e o Problema da Paz,* p. 249)

Quando não há acumulação, não existe o "eu". Uma mente oprimida pela acumulação é incapaz de acompanhar o célere movimento da vida, (...) de uma vigilância profunda e flexível. (Idem, p. 249-250)

A função do cérebro é registrar como o faz um computador. Ele registra o prazer, e o pensamento o provê de energia e do impulso para perseguir o prazer. (...) Então o pensamento diz que tem que haver mais, e persegue esse "mais". (...) É possível registrar só aquilo que é absolutamente necessário e nenhuma outra coisa? Nós registramos continuamente *tantas coisas desnecessárias, e dessa maneira erigimos a estrutura do "eu", do "mim" mesmo — "eu" me sinto lastimado; "eu" não sou o que deveria ser* (...) A totalidade deste registrar é uma ação que outorga importância ao "eu".(...) (*La Totalidad de la Vida,* p. 201)

A atividade de acumular, adicionar é obstáculo à compreensão do Real. Onde há acumulação há "vir a ser" do "ego", que causa conflito e dor. O desejo acumulador, que busca o prazer e evita o sofrimento, é um "vir a ser". A vigilância não é uma atividade de acumulação, porquanto está ela sempre descobrindo a verdade, e a verdade só pode existir onde não há acumulação. (...) imitação. *Um esforço da parte do "ego" não pode nunca trazer-nos a liberdade, uma vez que todo esforço implica resistência, e só é possível dissolver-se a resistência se houver uma vigilância imparcial, um discernimento livre de esforço. (...) A percepção da verdade é libertadora (...)* (*O Egoísmo e o Problema da Paz,* p. 268-269)

A meditação é a purificação da mente de todas as suas acumulações; é expurgá-la da capacidade de adquirir, de

identificar, de vir a ser; expurgá-la da expansão do "eu", do preenchimento do "eu". A *meditação é o libertar a mente da memória, do tempo.* O pensamento é produto do passado (...) O pensamento é a continuidade dessa atividade acumuladora que é o "vir a ser", e nenhum resultado é capaz de compreender ou sentir aquilo que não tem causa. O que se pode formular não é o Real, e a palavra não é a "experiência". *A memória, a criadora do tempo, é um obstáculo entre nós e o Atemporal.* (Idem, p. 269)

A memória, como processo identificador, empresta continuidade ao "ego". É a memória, pois, uma atividade circunscrita e estorvante. Sobre ela está edificada toda a estrutura do "ego". Estamos considerando a memória psicológica, não a memória relativa à linguagem, aos fatos, ao desenvolviemnto de uma técnica, etc. *Toda atividade do "ego" é um obstáculo no caminho da verdade; (...)* (*O Egoísmo e o Problema da Paz,* p. 269-270)

O conhecimento condicionado é um empecilho a que conheçamos a Realidade. Vem-nos a compreensão depois de cessarem todas as atividades da mente — quando ela estiver, de todo, livre, silenciosa, tranqüila. O ansiar é sempre atividade acumuladora e dependente do tempo; o desejo de um objetivo, (...) de saber, de experiência, desenvolvimento, preenchimento, até mesmo o desejo de Deus ou da Verdade, é um empecilho. *Deve a mente expurgar-se de todos os empecilhos por ela criados, para que surja a suprema sabedoria.* (Idem, p. 270)

Desse modo, está você cônscio da extensão com que seu cérebro está sendo programado? (...) Se está *ciente de que está programado, condicionado,* você pergunta: "Foi o conhecimento que me condicionou?" Aparentemente foi. Então por que é a estrutura da psique essencialmente baseada no conhecimento? Você entende? A psique, o "mim", o "eu", é essencialmente um movimento do conhecimento,(...) que é uma série de memórias. (*The World of Peace,* p. 20-22)

Que é necessário registrar e que não é necessário registrar? O cérebro está ocupado todo tempo registrando e, portanto, não há tranqüilidade, (...) quietude; enquanto que, se há claridade com relação ao que se deve e ao que não se deve registrar, então o cérebro está mais quieto — e isso é parte da meditação. (*La Totalidade de la Vida,* p. 201)

Registrar só o que é absolutamente indispensável (...) É algo maravilhoso (...), porque *então há verdadeira liberdade* — liberdade com relação a todo o conhecimento acumulado, à tradição, à superstição e à experiência que têm edificado esta enorme estrutura à qual o pensamento se aferra em sua condição de "eu". *Quando o "eu" está ausente, surge a compaixão, e essa compaixão traz consigo claridade. Com essa claridade, há entendimento. (Idem, p. 202)*

Onde há registro desnecessário, não há amor. Se se quer compreender a natureza da compaixão, há de se investigar este problema do que é o amor, e descobrir se existe uma coisa como o *amor sem nenhuma forma de apego* com todas as suas complicações, (...) prazeres e temores. (Idem, p. 202)

Mente, pensar, preliminares; investigação, dúvida, crítica

Qual é a origem do pensar? Esta é uma questão sobremodo complexa, (...) No momento em que se descobre realmente a origem do pensar, o pensamento recebe o lugar que lhe compete e não transbordará para outra esfera, outra dimensão onde não há lugar para ele. Só nessa dimensão pode operar-se a transformação radical; só nela pode nascer uma coisa nova, não produzida pelo pensa-

mento. (*Encontro com o Eterno,* p. 85)

Que é pensar? (...) Quando há "desafio" e "reação", se a reação é imediata, não há *"processo de pensar"*. Se vos perguntam vosso nome, respondeis prontamente, (...) Mas se vos fazem uma pergunta mais complicada, *precisais de tempo para responder; há um intervalo de tempo entre o desafio e a reação.* Nesse intervalo, *a mente fica em busca de uma resposta, a pesquisar, a indagar, a esperar, a questionar. Esse intervalo é o que chamamos pensar.* (*A Suprema Realização,* p. 46)

E esse pensar depende de vossa raça, (...) família, do conhecimento, da memória, das marcas do tempo, de vossas experiências, (...) dores e sofrimentos, das inumeráveis pressões e agonias da vida — ou seja, *de vosso fundo. De acordo com ele, "reagis" ou respondeis.* Por conseguinte, *a reação ao desafio é sempre inadequada.* (...) E essa insuficiência da reação gera contradição. (Idem, p. 46)

Por conseguinte, temos de compreender não só o mecanismo do pensar, mas também esse *depósito de conhecimentos acumulados, com os quais "respondemos"* a um desafio, que é sempre novo. *Sempre respondemos ao novo com o "velho"*: com a tradição hinduísta, se somos hinduístas; (...) com nossos conhecimentos, se somos cientistas, etc. *Essa resposta nunca é total, porém sempre fragmentária;* por conseguinte, apresenta-se uma contradição, um conflito, uma dor ou um prazer, (...) Tal é o ciclo de nossa vida. (Idem, p. 47)

O pensamento é condicionado. A mente, que é o depósito de experiências, lembranças, das quais se origina o pensamento, é, ela própria, condicionada; e todo movimento da mente (...) produz resultados peculiares e limitados. (...) (*Diálogos sobre a Vida,* p. 59)

Ora, *todo pensar é mecânico, porquanto todo pensar constitui uma reação de nosso fundo de experiência, (...) de memória.* E, sendo mecânico, o pensar nunca pode ser livre. Poderá ser razoável, sensato, lógico, conforme o seu

fundo *(background)*, sua educação, seu condicionamento; (...) (*O Passo Decisivo*, p. 174)

Quando não me conheço a mim mesmo, e não sei o que fazer ou o que pensar, naturalmente estou envolvido no torvelinho da confusão. Mas quando me conheço a mim mesmo. (...) então, dessa compreensão, nasce a claridade, (...) resulta a conduta correta. (...) A compreensão de si mesmo traz amor (...) ordem. (...) (*A Arte da Libertação*, p. 78)

Perg. — Que entende o senhor por vulgar?

Krish. — Ser como o resto dos homens; com as mesmas aflições, a mesma corrupção, violência, brutalidade, indiferença, insensibilidade. Querer uma colocação, apegar-se a ela, quer sejamos competentes, quer não, morrer no emprego.

Eis o que se chama *"ser vulgar" — nada ter de novo, original, nenhuma alegria na vida; não ter curiosidade,* não ser "intenso", apaixonado, não procurar esclarecer-se, mas meramente conformar-se. É isso o que entendo por "ser vulgar", "ser burguês". Uma maneira mecânica de viver, uma rotina, tédio. (*Ensinar e Aprender*, p. 14)

Estivemos considerando (...) *A mente vulgar, estreita, superficial, está sempre a buscar mais e mais experiências.* Por "mente vulgar" entendo *aquela que está sempre e só interessada em si própria, em suas atividades egocêntricas,* a mente pouco profunda.

Essa mente vulgar pode ser muito engenhosa, erudita, possuir uma grande capacidade técnica e analítica, entretanto permanece vulgar, superficial, desprezível, quer dizer, essencialmente "burguesa", (...) Essa mente — a mente da maneira de nós — com sua *pesada carga de condicionamento,* é um tanto *limitada,* achando-se bem firmada na tradição, na experiência, no ajustamento às diárias exigências de sua vida (...) (*A Essência da Maturidade*, p. 99)

O aprender não aproximará de vós a Verdade. E só a

mente que se acha numa jornada de descobrimento constante, (...) que não está acumulando, que está morta para tudo o que ontem acumulou e está, portanto, nova, purificada, livre — *só essa mente é capaz de descobrir o verdadeiro e promover uma revolução neste mundo.* Só ela é capaz de amor e compaixão (...) (*Da Solidão à Plenitude Humana,* p. 58)

Para descobrir, a mente deve estar livre; de outro modo, é incapaz de descobrir. Se vossa mente é medrosa, se é ávida, ambiciosa, fútil, assustada, isolada (...), como pode ela ser livre para investigar? (...) (*Uma Nova Maneira de Agir,* p. 84-85)

Em primeiro lugar, como dissemos, *toda investigação exige paixão.* Pode-se investigar acidentalmente ou por curiosidade ou, ainda, investigar com um motivo. Se investigais com um motivo, ou por curiosidade, ou acidental e passageiramente, jamais tereis a paixão necessária para indagar e prosseguir indagando até o fim. *E, para terdes paixão, necessitais de energia.* Como temos dito, o prazer e o entusiasmo não significam paixão. *A paixão implica uma energia constante, persistente, não limitada ao campo de vossa mente insignificante.* (...) (*Viagem por um Mar Desconhecido,* p. 134)

Ora, como investigar a verdade relativa a qualquer coisa? (...) Por certo, um dos fatores essenciais em qualquer espécie de investigação, de indagação, é *não pressupor nem postular coisa alguma, não pensar partindo de uma conclusão;* (...) O pensamento que parte de uma idéia preestabelecida não é pensar, porém simples repetição. (...) (*O Homem Livre,* p. 75)

Pois bem. (...) *O investigar, o compreender, o descobrir exigem, obviamente, liberdade* — não liberdade no fim, porém (...) no começo. Sem liberdade, não se pode olhar, (...) investigar, (...) caminhar para o desconhecido. (...) Essa esfera não podeis alcançar com vossos conhecimentos, (...) preconceitos, (...) ansiedades e temores, porque

(...) farão cessar toda investigação verdadeira. (...) (*O Descobrimento do Amor,* p. 165)

Se, *investigando* (...) esta questão, a estais investigando como cristão, budista, (...) vos vereis completamente confusos. E se, para esta investigação, trouxerdes o resíduo de vossas numerosas experiências, o conhecimento adquirido dos livros e de outras pessoas, também assim não só ficareis desapontados, mas também algo confusos. (...) (*Experimente um Novo Caminho,* p. 88)

Vejamos (...) se nossa mente está entregue a uma dada experiência, (...) conclusão ou crença, que nos está tornando obstinados, inflexíveis, no sentido profundo. (...) Lemos o Gita, a Bíblia, os Upanishads, (...) que deu uma certa tendência à nossa mente, (...) a que ela ficou amarrada. Uma mente em tais condições é capaz de investigar? (...) (*Da Solidão à Plenitude Humana,* p. 26-27)

Certamente, até os maiores cientistas têm de abandonar todo o seu saber, antes de poderem descobrir qualquer coisa nova; (...) O homem sério, sem dúvida, é aquele que é capaz de abandonar as suas conclusões, porque percebe que só assim está capacitado para investigar. (Idem, p. 27)

Só pela investigação se pode descobrir, e para investigar necessita-se liberdade. A maioria de nós perdeu — ou nunca possuiu — a energia necessária ao investigar. Preferimos aceitar, continuar pelo velho caminho; (...) No laboratório, o cientista investiga. Pesquisa, observa, indaga, duvida; mas, fora do laboratório, é um homem como os outros — nada investiga! E sua auto-investigação requer não só liberdade, mas também uma extraordinária capacidade de percepção. (*A Suprema Realização,* p. 13)

E o investigar requer a compreensão da natureza e significado do medo, porque a mente que (...) sente medo é obviamente incapaz do rápido movimento que exige o investigar: (...) Não é livre o espírito que está sob o peso da tradição e da autoridade. *Terá de transcender a civilização e a cultura,* porque só então será capaz de investigar e

descobrir a verdade; (...) (Idem, p. 14)

Antes (...) seja-me permitido salientar (...) que o *importante é cada um descobrir a verdade por si mesmo*. Isto é, vós e eu vamos *investigar a verdade contida em cada problema,* descobri-la por nós mesmos, experimentá-la por nós mesmos; do contrário, ficaremos apenas no nível verbal. (...) Se pudermos experimentar a verdade de cada questão, (...) talvez o problema se resolva completamente; (...) (*Viver sem Confusão,* p. 37)

Investiguemos (...) Ora, por certo, se desejais compreender o problema, tendes de estudá-lo de maneira nova, *num estado de espírito aplicado a investigar e não a crer, num estado em que a mente diga: "Não sei, mas desejo investigar"* (...) (*Palestras na Austrália e Holanda,* 1955, p. 116)

O investigar requer mente equilibrada, sã, (...) que não se deixe persuadir por opiniões, próprias ou alheias e, portanto, seja capaz de ver as coisas com toda clareza, em cada minuto de seu movimento. (...) (*A Suprema Realização,* p. 14)

Quando a mente leva a carga de uma conclusão, (...) formulação, acabou-se a investigação. E é essencial investigar, não apenas como fazem certos especialistas, mas, sim, investigar em si mesmo e conhecer a totalidade do próprio ser, o funcionamento da própria mente, tanto no nível consciente como no inconsciente, em todas as atividades da vida diária (...) (*O Homem Livre,* p. 154)

(...) Se a mente não estiver cônscia de sua própria totalidade, não como deveria ser mas como realmente é; a menos que perceba suas conclusões, seus pressupostos, seus ideais, seu conformismo, não há possibilidade de surgir o novo impulso criador da Realidade. (Idem, p. 154)

Como disse (...), acho sobremodo importante ser sério. (...) Investigar o real até o fim e descobrir a essência das coisas, isso, afinal, é seriedade. Gostamos de discutir, de argumentar, de estar em contato com idéias, mas parece-

me que as idéias não nos levam a parte alguma, porquanto são muito mais superficiais, meros símbolos; (...) (*O Passo Decisivo,* p. 137)

(...) É árdua tarefa abandonar ou seguir idéias e ao mesmo tempo nos mantermos em contato com o que é, o estado real de nossa mente, nosso coração; e, para mim, penetrar aí muito profundamente, completamente, isso é que constitui seriedade. Por esse processo de "ir até o fim" verifica-se o descobrimento da essência (...), a experiência da totalidade; e têm então os nossos problemas significado todo diferente. (Idem, p. 137)

Há três degraus de percepção, em qualquer problema humano, primeiro a percepção de causa e efeito do problema; segundo, a percepção do seu processo dualista ou contraditório; o terceiro, a percepção do "ego" e a percepção do pensante e seus pensamentos como um só todo. (*O Egoísmo e o Problema da Paz,* p. 93)

Não sei se já observastes por vós mesmos as três fases sugeridas, ao tentardes resolver um problema psicológico. Os mais de nós podemos estar cônscios da causa o efeito (...), de seu conflito dualista (...) a última (...) que o pensante e o pensamento são um só, (...). Referi-me a três estados ou fases apenas por conveniência de linguagem: elas se confundem, (...) (*O Egoísmo e o Problema da Paz,* p. 144-145)

Estais, pois, percebendo que para termos paixão precisamos de energia; e essa energia deve ser inteiramente livre e não devemos pervertê-la. A mente torturada pelo conflito não é, decerto, uma mente livre; sua energia está sendo sempre deformada, pervertida, condicionada, reprimida. E, em tais condições, como pode a mente investigar? Qualquer investigação exige muita vitalidade, vigor, energia. E desperdiçamos toda a energia em conflito: o conflito da dualidade; o bom e o mau, isto é certo e aquilo é errado, (...) Tendes, pois, (...) de compreender essa dualidade (...) (*Viagem por um Mar Desconhecido,* p. 135)

Estamos acompanhando um ao outro? Não estamos tentando convencê-lo de qualquer coisa — pelo contrário, você deve ter dúvida, ceticismo. Deve questionar, não apenas o que o orador está dizendo sobre sua própria vida, (...) crenças. Se você começa a duvidar, isso dá uma certa clareza. Não lhe dá um grande sentimento de auto-importância. A dúvida é necessária em sua indagação sobre o problema total da existência. Torna são, claro, e com um tal cérebro pesquisa. (*The World of Peace*, p. 16)

(...) *Para o entendimento, o primeiro requisito é a dúvida,* dúvida não somente com relação ao que digo, mas primordialmente com relação às idéias a que vós próprios vos apegais. Porém, haveis feito da dúvida um (...) mal que se deve banir, afastar; (...) (*Palestra em Adyar, Índia,* 1933-1934, p. 154)

(...) Porém, se, em lugar de buscar um substituto realmente começardes a inquirir sobre a própria coisa a que está presa a vossa mente — medo, maldade, aquisitividade — então descobrireis a causa. E somente descobri-la-á duvidando continuamente, interrogando, por meio de uma atitude mental crítica e inteligente, (...) mas que tem sido destruída pela sociedade, pela educação, pelas religiões, (...) (*Palestras em Adyar, Índia,* 1933-1934, p. 155)

Ora, ser capaz de criticar, (...) de inquirir, é o primeiro e essencial requisito para todo homem que pensa, para que ele principie a descobrir o que é falso e o que é verdadeiro (...), e desse pensamento surge, assim, a ação e não a mera aceitação (...) (*Palestra em Auckland,* 1934, p. 8)

Inquirir é justo, porém fomos acostumados a não perguntar, a não criticar, fomos cuidadosamente adestrados a nos opor. Por exemplo, se eu vos disser alguma coisa que vos desgoste (...) começareis, naturalmente, a vos opor, porque a oposição é mais fácil do que averiguar se o que estou dizendo possui algum valor. (...) (Idem, p. 8)

(...) Isto é, se algo do que estou dizendo não vos agrada, levantais os vossos preconceitos profundamente arraiga-

dos e fazeis obstrução; (...) tomais abrigo por detrás desses preconceitos, dessas tradições, desse fundo de idéias de onde reagis, e a esta reação denominais crítica. Para mim, isto não é crítica. É simplesmente hábil oposição que não tem valor. (*Palestras em Auckland,* 1934, p. 9)

Se quiserdes compreender (...) o ser crítico exige uma grande dose de inteligência. Criticismo não é cepticismo nem aceitação; essas coisas seriam igualmente insensatas. (...) Ao passo que a verdadeira crítica consiste não em atribuir valores, porém em procurar descobrir os verdadeiros valores.(...) (Idem, p. 9-10)

Para ouvir como convém, é preciso não haver oposição nem antagonismo. A maioria das pessoas possui um certo fundo de tradição, de preconceito, de esperança e de temor, que põem ante si como uma defesa; e a isso, que nada mais é que oposição, chamam crítica. (...) (*Palestras no Uruguai e Argentina,* 1935, p. 9-10)

(...) Existe, contudo, uma *forma ativa de crítica que exige mente esclarecida e aberta,* isto é, a consciência dos nossos preconceitos, de nossas limitações, e que nos esforcemos, ao mesmo tempo, por descobrir o valor intrínseco do que o orador tem a dizer. (...) (Idem, p.10)

Assim, quando falo de crítica, peço-vos não tomar partido. (...) Peço-vos (...) seguir com a mente aberta o que eu disser. (...) Procurai não vos inclinar para o lado do grupo particular a que agora pertenceis, e tampouco procureis tomar o meu lado. Tudo o que tendes que fazer (...) é examinar, ser crítico, duvidar, verificar, pesquisar, aprofundar-vos nos problemas existentes diante de vós. (*Palestras em Adyar, Índia,* 1933-1934, p. 9)

(...) Em outras palavras, tendes certas crenças, (...) dogmas, (...) princípios com que vos oporeis a qualquer situação nova e de conflito, e imaginais que estais pensando, que sois críticos, criadores. (...) Se fordes verdadeiramente crítico, criador, nunca vos oporeis sistematicamente; então estareis interessados em realidades. (...) (Idem, p. 10)

Para mim, pois, a verdadeira crítica consiste em procurar descobrir o valor intrínseco da própria coisa, e não em atribuir-lhe uma qualidade. (...) Isto, porém, destrói a verdadeira crítica. Vosso desejo está pervertido (...) não podeis ver claramente. (...) (Idem, p.11)

Ser verdadeiramente crítico não é estar em oposição. Nós, em maioria, fomos adestrados a nos opormos e não a criticar. (...) A verdadeira crítica está em tentar-se compreender o pleno significado dos valores, sem o obstáculo das reações defensivas. (...) (*Palestras no Chile e México,* 1935, p.65)

Há três condições da mente: "sei", "acredito" e "não sei". Ao dizerdes: "sei", isso significa que sabeis por experiência própria e (...) vos tornais certos e convencidos de uma idéia, (...) crença. Porém, essa certeza, essa convicção pode estar baseada na imaginação, num preenchimento do desejo que para vós gradualmente se torna um fato, e por isso dizeis: "eu sei". (...) (*Palestras em Ojai, Califórnia,* 1936, p. 77)

(...) E se não disserdes "eu sei", então dizeis: "acredito na reencarnação porque ela explica as desigualdades da vida". Mais uma vez, esta crença, que dizeis fundada na intuição, é o resultado de uma esperança oculta, de um desejo de continuidade. (*Palestras em Ojai, Califórnia,* 1936, p. 78)

Assim, pois, tanto o "sei" como "acredito" são inseguros e incertos, para que neles se confie. Se, porém, puderdes dizer "não sei", compreendendo plenamente o significado disto, então há para vós uma possibilidade de perceberdes aquilo "que" é. Permanecer num estado de "não saber" exige grande desnudamento e um estrênuo esforço, porém não é um estado negativo; é um estado vitalíssimo e ardente para a mente-coração que não se apega a explicações e afirmações. (Idem, p.78)

D.B.: Pois bem, essa questão está relacionada com a questão da mente e do cérebro. O cérebro é uma atividade no tempo, enquanto processo físico e químico complexo.

Krish.: Acho que a mente está separada do cérebro. (*O Futuro da Humanidade,* p. 64-65)

Krish.: Separada no sentido de que o cérebro é condicionado, ao passo que a mente não é.

D.B.: Sim, (...) Mas veja, se cérebro não é livre, significa que ele não é livre para pesquisar de um modo imparcial.

Krish.: (...) Examinemos o que é liberdade. Liberdade para pesquisar, (...) para investigar. Somente em liberdade pode haver um discernimento profundo. *(O Futuro da Humanidade, p.65)*

Krish.: Desse modo, visto que o cérebro é condicionado, sua conexão com a mente é limitada.

D.B.: Qual é a natureza da mente? Está a mente localizada no interior do corpo, ou está no cérebro?

Krish.: Não, ela não tem nada a ver com o corpo ou com o cérebro. (Idem, p.66)

D.B.: Ela tem alguma coisa a ver com o espaço ou com o tempo?

Krish.: (...) Ela tem a ver com o espaço e com o silêncio. Estes são os dois fatores (...)

D.B.: Mas não tem nada a ver com o tempo?

Krish.: Não. O tempo pertence ao cérebro. (*O Futuro da Humanidade,* p. 66)

Krish.: (...) Assim sendo, será que o cérebro, com todas as suas células condicionadas, será que essas células podem sofrer alguma mudança radical?

D.B.: (...) Não se tem certeza de que todas as células estejam condicionadas. Por exemplo, algumas pessoas acham que apenas uma parte ou uma pequena parte das células está sendo utilizada, e que as outras estão inativas, em estado latente.

Krish.: De qualquer modo, quase sem uso, ou afetadas apenas ocasionalmente (Idem, p. 67-68)

D.B.: (...) Mas as células que estão condicionadas, seja qual for a sua quantidade, é evidente que dominam a consciência neste momento.

Krish.: Sim. Estas células podem ser alternadas?
D.B.: Podem.
Krish.: Estamos afirmando que podem através de uma compreensão profunda, a qual independe do tempo. (...) (Idem, p. 68)
D.B.: (...) O que impede o cérebro de operar numa área mais ampla? Numa área ilimitada?
Krish.: O pensamento
Krish.: Ele só pode responder se estiver livre do que é limitado; do pensamento, que é limitado. (*O Futuro da Humanidade,* p. 70)

Esvaziamento da mente; saber ver, sem o pensamento

(...) Para que haja o bem-estar do homem, faz-se necessária uma transformação, não no nível superficial, porém no centro. O centro é o "eu" que está sempre acumulando. (...) Nessas condições se vós e eu reconhecemos esse fato, surge então o problema: pode a mente despojar-se de todo o seu conteúdo, libertar-se de toda a carga que ela mesma se impôs ou que lhe foi imposta?

Só quando a mente está vazia existe a possibilidade de criação, mas não falo desse vazio superficial de que quase todos nós nos queixamos. (...) Não falo dessa espécie de vazio, que é falta de reflexão. Pelo contrário, refiro-me ao vazio que resulta de uma extraordinária atividade de reflexão, quando a mente, percebendo a sua própria capacidade de criar ilusões, passa além. (*Claridade na Ação,* p. 154-155)

(...) Para estarmos livres da acumulação, requer-se profundo conhecimento de nós mesmos, e não o conhecimento superficial das poucas camadas claras de nossa consci-

ência. O descobrir e conhecer todas as camadas de nossa consciência é o começo da verdadeira meditação. Na tranqüilidade da mente-coração reside a sabedoria e a Realidade. (*O Egoísmo e o Problema da Paz,* p.77)

A Realidade é algo que devemos sentir, e não um objeto de especulação. Mas só poderemos senti-la depois de a mente-coração haver cessado de acumular. A mente-coração não deixa de acumular, pela simples negativa ou determinação, mas somente pela autovigilância; pelo autoconhecimento descobre-se a causa da acumulação. Só é possível sentir a Realidade depois de cessar o conflito dos opostos. (...) (Idem, p.77)

O exame desta questão requer não só o ato de escutar, mas também o ato de perceber, de ver. Em verdade, escutar é ver. Para ver uma coisa mui claramente, (...) a pessoa deve olhar negativamente. "Olhar negativamente" uma coisa significa olhá-la sem permitir que seja deformada pelo preconceito, pela opinião, a experiência, o saber — pois tudo isso impede-nos o olhar. (*Encontro com o Eterno,* p.36)

(...) A compreensão só ocorre em havendo completa liberdade de nosso condicionamento. O condicionamento é o preconceito. Por isso não vos preocupeis com a verdade e deixai que a mente se conscientize da própria prisão. A liberdade não está na prisão. A beleza do vazio é liberdade. (*O Começo do Aprendizado,* p. 207)

Agora, se observardes com muito cuidado, vereis que, embora a reação, o movimento do pensamento, pareça tão célere, existem vãos, existem intervalos entre os pensamentos. Entre dois pensamentos há um período de silêncio não relacionado com o "processo" do pensamento. Se observardes, vereis que esse período de silêncio, esse intervalo, não é de tempo; e o (...) completo "experimentar" do mesmo vos liberta do condicionamento. Assim, a compreensão do processo do pensar é meditação (...) (*Que Estamos Buscando?,* p.180)

O consulente pergunta: é possível esvaziar a consciência

de todo o seu conteúdo — tristezas, conflitos, lutas, as terríveis relações humanas, brigas, ansiedades, ciúmes, a afeição, a sensualidade? Esse conteúdo pode ser esvaziado? Se ele for esvaziado, haverá uma espécie diferente de consciência? (...) (*Perguntas e Respostas*, p. 115-116)

É possível esvaziar completamente o conteúdo da consciência. A essência desse conteúdo é o pensamento, que construiu o "eu" — que é ambicioso, voraz, agressivo. (...) Este conferencista assegura-lhes que sim: ele pode ser eliminado completamente. Isso significa que não há um centro a partir do qual você está agindo. (...) (Idem, p.116)

(...) Agora, para esvaziar o consciente — o que significa compreender, no seu todo, o "estado do ser", (...) de consciência — temos de ver de que ele se compõe, temos de estar cônscios das várias formas de condicionamento, que são as memórias da raça, família, grupo, etc., as várias experiências que não se completaram. (...) (*A Arte da Libertação*, p.118)

(In *Seleta de Krishnamurti*, Carlos de Souza Alves — Ex-Vice-Presidente da Instituição Cultural Krishnamurti do Brasil — Edição do Autor, Rio de Janeiro, 1991).

Instituição Cultural Krishnamurti

Instituição Cultural Krishnamurti é o organismo divulgador, no Brasil, da mensagem do psicólogo e pensador Jiddu Krishnamurti. Foi fundada em 1935, com a presença do próprio Krishnamurti na ocasião da fundação. Entidade civil e sem fins lucrativos, seu único objetivo é o de tornar acessível à coletividade brasileira o ensino desse orientador espiritual, propagado originariamente em inglês. A I.C.K. traduz, revê e publica, direta ou indiretamente, os livros de Krishnamurti, e até hoje já publicou mais de oitenta obras no idioma pátrio, achando-se esgotada uma grande parte delas.

A instituição é mantida por 11 sócios, denominados sócios efetivos, responsáveis pelo seu funcionamento. Dentre esses associados se elege, bienalmente, uma diretoria para administrá-la. A I.C.K. é no Brasil a representante oficial da Krishnamurti Foundation Trust Limited, de Londres.

Dispondo de pequenos recursos, vem desempenhando sua difícil missão com a ajuda dos interessados, ou seja, de contribuintes. O número deles é sem limite. Aqueles que,

tomando contato com as obras de Krishnamurti, sentirem o desejo de cooperar para a atividade da instituição, poderão tornar-se sócios contribuintes. Atualmente, há duas espécies de contribuição: a especial e a normal anuais. Para a inscrição não há formalidades maiores: basta preencher o formulário necessário e pagar a cota anual correspondente. Os contribuintes fazem jus ao recebimento gratuito do boletim — Carta de Notícias — editado trimestralmente por essa instituição e à oferta da dois livros novos dentre os que ela editar anualmente. Desse boletim constam notícias sobre os programas de palestras de Krishnamurti anualmente feitas em vários países, principalmente na Suíça e Inglaterra. Nele figuram, também, escritos de Krishnamurti, em inglês e português.

A Instituição Cultural Krishnamurti não é apenas a editora oficial da mensagem de Krishnamurti em nosso território, porque ela, além desta tarefa, leva a cabo outra de importância — a de prestar esclarecimentos sobre o ensino desse psicólogo e pensador a quantos necessitem. É, pois, um centro credenciado onde todos se devem encaminhar para obtê-los, porquanto são úteis aos estudiosos e, sobretudo, aos leitores iniciantes. Seu escritório fica na:

Rua dos Andradas, 29 — Sala 1.007
20051-000 — Centro
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (021) 232-2646

KRISHNAMURTI

O LIBERTADOR DA MENTE

A Coleção Mensagens Espirituais é uma contribuição cultural da Editora Martin Claret aos seus leitores e amigos. Grandes seres iluminados, de todas as épocas e credos religiosos, estão aqui presentes com suas mensagens de amor à humanidade.

Dê a você mesmo a alegria de conhecer e vivenciar estes consagrados textos universais. Autopremie-se.

CHICO XAVIER – ALLAN KARDEC
M. LUTHER KING – HUBERTO ROHDEN
JOÃO PAULO II – KRISHNAMURTI
MASAHARU TANIGUCHI – SÃO JOÃO
MAHATMA GANDHI – NOSTRADAMUS
SÃO FRANCISCO DE ASSIS – BUDA

ISBN 85-7232-090-3
9 788572 320900

LIVRO MARTIN CLARET CLIPPING

11
KRISHNAMURTI - O LIBERTADOR DA MENTE
MARTIN CLARET